



Estratégias de Intervenção Precoce de Combate à Indisciplina

Ana Rosado

Relatório de Estágio apresentado à Escola Superior de Educação de Lisboa para obtenção
de grau de mestre em Ensino do 1.º e 2.º Ciclo

2015



Estratégias de Intervenção Precoce de Combate à Indisciplina

Ana Rosado

Relatório de estágio apresentado à Escola Superior de Educação de Lisboa para obtenção
de grau de mestre em Ensino do 1.º e 2.º Ciclo

Orientadores: Prof. Francisco Vaz da Silva e Prof. Conceição Figueira

2015

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer toda a ajuda e preocupação prestada pela Professora Doutora Conceição Figueira. Sem o seu apoio e motivação nada seria da mesma forma.

Em segundo lugar, não poderia deixar de agradecer todo o apoio que, só nós sabemos, quão importante foi. Sempre com uma palavra amiga, um gesto carinhoso e muita compreensão, ao meu companheiro de vida, Pedro Marques Gonçalves Dias, um sincero e enorme obrigado.

Agradeço, também, à minha amiga Rita Santos que, sem o seu apoio constante, nada disto teria sido possível. Sempre ao meu lado, nos momentos maus e nos momentos bons, tal como uma boa amizade deve ser, partilhámos momentos inesquecíveis e que foram imprescindíveis àquilo que nós somos agora.

Finalmente, um especial agradecimento a todos os que me ajudaram e tiveram um papel importante no decorrer de todo este processo, sejam eles amigos ou familiares.

RESUMO

O presente relatório é fruto do trabalho desenvolvido na Unidade Curricular de Prática de Ensino Supervisionada II, do mestrado de Ensino em 1.º e 2.º ciclos do Ensino Básico e tem, como principais objetivos, a análise e a reflexão de toda a intervenção pedagógica e do estudo em destaque. No que se refere à intervenção, esta desenvolveu-se numa escola, em Benfica, com uma turma de 1.º ano do 1.º ciclo do Ensino Básico. Neste relatório são apresentados os processos de aprendizagens e as decisões tomadas no que se refere a toda a intervenção educativa, realizada em contexto de estágio, desde a fase da diagnose, passando pela prática educativa e, finalmente, a avaliação final das aprendizagens.

Relativamente ao tema de investigação, que surge através de um dos objetivos do Plano de Intervenção, este tem como tema as Estratégias de Intervenção Precoce de Combate à Indisciplina. Para a concretização do mesmo, recorreu-se a métodos e técnicas de recolha de dados que se aproximam dos pressupostos da metodologia de Investigação-Ação. Neste sentido, foi realizada uma revisão de literatura focando o tema da Indisciplina e das estratégias de combate à mesma, mais adequadas. Os dados foram recolhidos através da Observação Direta e Naturalista, sendo complementados com grelhas de Observação Sistemática. Os intervenientes do estudo são os alunos e as professoras (cooperante e estagiárias) e este assume um caráter exploratório.

Finalmente, os resultados do estudo são satisfatórios. Os alunos apresentaram bons resultados, no que às Ciências Sociais diz respeito e, demonstraram um aumento significativo do número de vezes que cumpriam a regra estabelecida e da forma como se pretendia repercutida. Este estudo pretende dar a conhecer uma nova estratégia que ajudará a diminuir a Indisciplina na sala de aula, numa tentativa de ajudar outros professores a olharem este tipo de problemas como um desafio.

Palavras-Chave:

Indisciplina; Estratégias; Intervenção Precoce; Aprendizagem

ABSTRACT

This report is the result of a work in the Teaching Practice Supervised II, of the second year of the Master degree of Education in 1st and 2nd cycles of basic education has the main objective is the analysis and reflection of the entire intervention teaching and the study highlighted. With regard to intervention, this developed into a school in Benfica, with a group of 1st year of the 1st cycle of basic education. This report presents the learning process and the decisions taken with regard to any educational intervention, conducted in the context stage, from the stage of diagnosis, through educational practice and, finally, the final assessment of learning.

On the subject of research, which comes through one of the objectives of the intervention plan, this theme is the Early Intervention Strategies to Fight Indiscipline. To achieve him, it resorted to methods and data collection techniques that are close to the assumptions of Research-Action methodology. In this sense, a literature review focusing on the issue of indiscipline and strategies to fight it, most appropriate was held. Data were collected through the direct and naturalist observation, being complemented with table Note Systematics. The study participants are students and teachers (holder and trainees) and this assumes an exploratory character.

Finally, the study results are satisfactory. Students showed good results in the social sciences concerns and showed a significant increase in the number of times that met the established rule and the way it was intended passed. This study aims to present a new strategy that will help lessen the indiscipline in the classroom, in an attempt to help other teachers to look at these problems as a challenge.

KEY-WORDS:

Indiscipline ; Strategies; Early Intervention ; Learning

ÍNDICE GERAL

1. INTRODUÇÃO	1
2. METODOLOGIA: MÉTODOS E TÉCNICAS DE RECOLHA E TRATAMENTO DE DADOS	4
2.1. Prática de Ensino Supervisionada II	4
2.2. Desenvolver competências de comportamento social na sala de aula.....	7
3. CARACTERIZAÇÃO DO CONTEXTO SOCIOEDUCATIVO E IDENTIFICAÇÃO DA PROBLEMÁTICA...	10
3.1. Análise Reflexiva do Contexto.....	10
3.1.1. O Meio Local e a Escola.....	10
3.1.2. A Turma	12
3.1.3. A Sala de Aula.....	12
3.1.4. Modelo Pedagógico.....	13
3.1.5. A Gestão do Trabalho.....	15
3.2. Avaliação Diagnóstica da Turma	16
3.2.1. Avaliação das Aprendizagens	16
3.2.2. Identificação da Problemática.....	19
4. FUNDAMENTAÇÃO DA PROBLEMÁTICA E OBJETIVOS GERAIS DE INTERVENÇÃO E DO TEMA EM ESTUDO	20
4.1. Identificação das Potencialidades e Fragilidades	20
4.2. Identificação dos Objetivos Gerais do Projeto	22
4.3. Problematização do Tema objeto de Estudo.....	22
4.4. Fundamentação dos Objetivos de Intervenção	25
4.5. Fundamentação do Tema em Estudo.....	29
4.5.1. A Disciplina	29
4.5.2. A Indisciplina	32
4.5.3. Combate à Indisciplina	34
5. APRESENTAÇÃO FUNDAMENTADA DO PROCESSO DE INTERVENÇÃO EDUCATIVA COM DESTAQUE PARA O TEMA EM ESTUDO	41
5.1. Princípio Orientadores do PL	41

5.2. Estratégias Globais de Intervenção	44
5.2.1. Organização do Espaço e dos Materiais da Sala de Aula	44
5.2.2. Organização Social da Aula e Espaços de Interação	45
5.2.3. Instrumentos de Registo de Organização e Pilotagem do Trabalho	46
5.2.4. Gestão do Tempo e Conteúdos de Aprendizagem	47
5.2.5. Estratégias Gerais de Intervenção	49
6. ANÁLISE DOS RESULTADOS	52
6.1. Avaliação das Aprendizagens dos Alunos	52
6.1.1. Competências Sociais	52
6.1.2. Língua Portuguesa	54
6.1.3. Matemática	55
6.1.4. Estudo do Meio	56
6.2. Avaliação do Plano de Intervenção	56
6.3. Avaliação do Tema de Investigação	58
6.3.1. Apresentação dos Resultados	58
6.3.2. Discussão dos Resultados	60
6.3.3. Conclusões do Estudo	61
7. CONCLUSÕES FINAIS	63
REFERÊNCIAS	66
ANEXOS	69
Anexo A – Diários de Bordo referentes a vários momentos da Observação	70
Anexo B – Observações Sistemáticas.	76
Anexo C – Gráfico representativo das notas dos alunos das fichas de avaliação do 2.º Período.	86
Anexo D – Grelhas de Registos de Observações (exemplares).	87
Anexo E – Agenda Semanal com destaque para os momentos do dia mais propícios à Indisciplina.	94
Anexo F – Ficha de Trabalho de Estudo do Meio.	96
Anexo G – Partilha de conclusões em Matemática.	98

Anexo H – Diário de Turma.	99
Anexo I – Planta da sala de aula.	100
Anexo J – Produtos de alunos afixados.	101
Anexo K – Materiais didáticos utilizados.	102
Anexo L – Ficha de Compreensão Oral.	103
Anexo M – PIT.	109
Anexo N – Exemplo de Grelha de Avaliação.	111
Anexo O – Atividades realizadas ao nível do Português.	113
Anexo P – Planificação de Português “Receita”.	115
Anexo Q – Planificação de Português “Instruções de Jogos” e produto dos alunos.	121
Anexo R – Ficha de Trabalho - Portefólio	123
Anexo S – Ficha de Compreensão Oral.	124
Anexo T – Trabalho de Casa: proposta de escrita.	132
Anexo U – Aula de Matemática: ensino dos polígonos.	133
Anexo V – Ficha de Matemática: noções de comprimento.	134
Anexo W – Ficha de Matemática: noções de área.	135
Anexo X – Ficha de Estudo do Meio: projeto dos animais	137
Anexo Y – Ficha de trabalho de Ciências Experimentais.	138
Anexo Z – Atividade de Expressão Plástica.	141
Anexo AA – Planificação de Expressão Dramática.	142
Anexo AB – Quadro síntese dos conteúdos a abordar.	144
Anexo AC – Grelha de Avaliação das Competências Sociais.	150
Anexo AD – Grelha de Avaliação de Português.	152
Anexo AE – Gráficos representativos das avaliações de Português.	156
Anexo AF - Grelha de Avaliação de Matemática.	159
Anexo AG – Gráficos representativos das avaliações de Matemática.	162
Anexo AH – Grelha de Avaliação do Projeto de Estudo do Meio: os animais.	164
Anexo AI – Tabela de Avaliação dos Objetivos Gerais do PI.	165

Anexo AJ - Gráficos Representativos das Avaliações dos Objetivos do PI....

166

Anexo AK – Gráficos Representativos dos Comportamentos Observados

171

Anexo AL – Instrumentos de Regulação dos Comportamentos que se
querem alterar 181

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1: Potencialidades e Fragilidades da Turma	21
Quadro 2: Comportamentos desviantes observados	24
Quadro 3: Instrumentos de Registo de Organização e Pilotagem do Trabalho.....	46
Quadro 4: Contributo das áreas curriculares para a concretização dos objetivos gerais	50
Quadro 5: Percentagens relativas ao uso das regras	59
Quadro 6: Gráfico de comparação dos comportamentos	61

LISTA DE ABREVIATURAS

AAAF	Atividades de Animação e Apoio à Família
AEC	Atividades Extra Curriculares
CAF	Componente de Apoio à Família
CEB	Ciclo do Ensino Básico
ESELX	Escola Superior de Educação de Lisboa
JI	Jardim de Infância
MEM	Movimento da Escola Moderna
NEE	Necessidades Educativas Especiais
PAA	Plano Anual de Atividades
PEA	Projeto Educativo de Agrupamento
PEI	Projeto Educativo Individual
PES II	Prática de Ensino Supervisionada II
PI	Plano de Intervenção
PIT	Plano Individual de Trabalho
TEA	Tempo de Estudo Autónomo

1. INTRODUÇÃO

No âmbito da unidade curricular de Prática de Ensino Supervisionada II (PESII), cujos objetivos específicos, presentes na ficha da unidade curricular, são os de: i) observação e caracterização do contexto socioeducativo e elaboração do Plano de Trabalho de Turma (PTT); ii) intervenção pedagógica; e iii) avaliação; o par de estágio desenvolveu todo o seu trabalho, no decorrer de cerca de 9 semanas, compreendidas entre 9 e 20 de março de 2015 e 8 a 29 de maio de 2015, com uma turma de 1.º ano do 1.º Ciclo do Ensino Básico (CEB). Numa primeira fase, durante cerca de duas semanas, o grupo de estagiárias teve a oportunidade de observar os alunos com quem trabalhou nos seus diversos contextos socioeducativos, perspetivando a elaboração de uma Plano de Intervenção (PI) assente nas dificuldades e nas potencialidades da turma em questão. Para isso, foi necessário recorrer-se a uma análise das rotinas dos alunos, bem como dos seus aproveitamentos. Nesse sentido, para além da observação naturalista elaborada pelo par de estágio, foram também consideradas a opinião da professora cooperante acerca da turma e as notas das fichas de avaliação mais recentes. A elaboração do PI consistiu, assim, na caracterização do contexto e no delineamento de todo um plano que, seguindo as orientações curriculares, pudesse ajudar os alunos a conquistarem novas metas e a colmatar as suas dificuldades. Numa segunda fase (com um período mais longo), o par de estágio iniciou a prática pedagógica onde decorreu toda a ação já perspetivada no PI e onde se desenvolveu o Tema de Investigação em destaque neste documento: a criação de competências essenciais ao bom funcionamento das aulas visando a diminuição da Indisciplina.

O objeto de estudo, neste caso a Indisciplina, surge, assim, contextualizado com os pressupostos descritos pelas autoras Sousa e Batista (2011) que afirmam que o mesmo deve advir de uma lista de critérios de seriação, sendo eles os de “familiaridade do objeto em estudo”, “critério de afetividade” e “critério dos recursos” (p. 19). Neste sentido, o objeto em estudo surge, não só identificado como um dos problemas existentes a colmatar na turma, mas também como uma preocupação premente da autora do trabalho, sendo a Indisciplina o tema que mais dúvidas e medos lhe proporciona. Sendo assim, e tendo em contas as aprendizagens realizadas ao longo de toda a sua formação, a autora do trabalho, pretende desenvolver os métodos e as estratégias a

utilizar num futuro próximo como docente, na manutenção da disciplina na sua sala de aula. Finalmente e no que concerne aos recursos a mobilizar, poder-se-á afirmar que estes estavam no que seria expectável para que a investigadora pudesse realizar o estudo, até porque existia disponibilidade de informação e tempo para a sua realização.

Para que toda a intervenção pudesse ter lugar, foram seleccionados métodos e técnicas de análise, descritos no *corpus* do trabalho, que apoiaram as escolhas didáticas a mobilizar no que diz respeito à implementação de estratégias de combate à indisciplina verificada no seio da turma. Os resultados obtidos durante e após a ação, decorrente do tema em estudo, foram satisfatórios, tendo sido notórias as mudanças de comportamentos dos alunos e a conseqüente melhoria do ambiente de ensino e aprendizagem que se fez sentir no decorrer do mesmo.

O presente trabalho está estruturado por forma a que melhor se possam compreender todos os passos dados, quer no que respeita ao percurso de intervenção, quer no que se refere ao estudo. Assim, numa primeira fase serão descritos os métodos e técnicas de recolha e tratamento de dados utilizados, quer para a concretização da avaliação diagnóstica dos alunos que regeu toda a intervenção do par de estágio, quer para o desenvolvimento de todo o Tema de Investigação inerente a este trabalho. Num segundo momento é apresentado o contexto socioeducativo na qual o par de estágio teve a oportunidade de participar, bem como a turma com o qual trabalhou. Ainda neste ponto, será apresentada a avaliação diagnóstica da turma, onde se insere a Problemática subjacente a este estudo. Em seguida, serão identificadas as escolhas dos objetivos da intervenção por meio da identificação das questões problema presentes no PI. Serão, também identificados os fundamentos dos objetivos do PI e do Tema de Investigação. Numa terceira fase, serão apresentados os processos de intervenção educativa, destacando-se o tema em estudo e, finalmente, as avaliações, quer dos alunos no que respeita aos conteúdos lecionados durante o tempo de intervenção, quer dos próprios objetivos traçados para a mesma. Ainda neste ponto, apresentar-se-ão os resultados da investigação, relacionando-os com a intervenção realizada nesse sentido e as respostas dos alunos à mesma. Finalmente, apresentam-se as considerações finais que repercutem todo o trabalho realizado. Neste capítulo, é feita uma retrospectiva dos acontecimentos

que foram surgindo; serão expostos pensamentos e constrangimentos que surgiram no decorrer de todo este processo, bem como aspirações futuras da autora.

2. METODOLOGIA: MÉTODOS E TÉCNICAS DE RECOLHA E TRATAMENTO DEDADOS

No seguinte capítulo serão descritos e refletidos os métodos e técnicas utilizados para a recolha de dados com o intuito de realizar uma intervenção contextualizada e significativa. Pretende-se que os leitores possam compreender as decisões tomadas, primeiramente pelo par de estágio no que respeita à intervenção, propriamente dita e, em segundo lugar, ao Tema. Desta forma e para que melhor se possam compreender as decisões adotadas pelo grupo na realização do trabalho, este capítulo é dividido em dois pontos; por conseguinte, numa primeira fase será posto em análise os métodos utilizados para a conceção e implementação do PI desde a observação, intervenção e, por último, avaliação. Num segundo momento, serão descritos os métodos e técnicas utilizadas no estudo e procedimentos de intervenção sobre o Tema de Investigação: “Estratégias de Intervenção Precoce de Combate à Indisciplina”, proposto no PI e implementado já na prática.

2.1. Prática de Ensino Supervisionada II

Tendo em conta as atividades desenvolvidas no âmbito das PES II a metodologia mais adequada foi a de natureza qualitativa interpretativa, próxima dos pressupostos da metodologia de investigação-ação. Até porque o desenvolvimento desta Unidade Curricular, neste contexto, teve como objetivo primordial promover melhorias significativas na prática educativa, tendo em conta as potencialidades e fragilidades identificadas no contexto. É nesta ótica que se pode afirmar que os pressupostos metodológicos adotados se aproximam da metodologia de investigação-ação, pois tal como afirma Sousa & Baptista (2011) esta metodologia está orientada para a melhoria da prática nos diversos campos de ação, envolvendo a participação de todos os intervenientes, “com e para os interessados nos problemas práticos e na melhoria da realidade.” (p. 65).

A investigação-ação é, de acordo com Watts (1985) citado por Coutinho (2013), “um processo em que os participantes analisam as suas próprias práticas educativas de uma forma sistemática e aprofundada, usando técnicas de investigação.” (p. 363). Esta

metodologia, em contexto de ensino-aprendizagem, pode, também, ser entendida como uma forma intervir melhorando a própria prática e conseqüentemente o ensino. A investigação-ação, “constitui-se como um verdadeiro ciclo espiral em que teoria e prática se mesclam e interligam permanentemente.” (Bravo, 1992, citado por Coutinho, 2013, p. 366). Tal como o nome indica, esta metodologia apresenta duas dimensões: a ação e a investigação. Segundo Sousa & Baptista (2011) a ação permite “obter mudança numa comunidade ou organização ou programa [e a investigação surge] no sentido de aumentar a compreensão por parte do investigador, do cliente e da comunidade.” (p. 65).

Quanto às técnicas de recolha e tratamento de dados, no âmbito da intervenção, estas foram diversas, em conformidade com as características do previsto para esta unidade curricular, designadamente: i) observação para caracterização do contexto socioeducativo e elaboração do Plano de Trabalho de Turma (PTT); ii) intervenção pedagógica; e iii) avaliação.

Na primeira fase utilizou-se como técnica de recolha de dados a pesquisa documental, recorrendo a documentos orientadores e regulamentadores do Agrupamento de Escolas, nomeadamente o Projeto Educativo de Agrupamento (PEA) e o Regulamento Interno (RI), assim como a alguns processos de alunos, de modo a conhecer melhor o percurso dos mesmos. Segundo Coutinho (2013) a pesquisa e leitura de documentos escritos constituem-se como uma boa fonte de informação. A par desta técnica utilizaram-se outras técnicas de recolha de dados como a observação participante, no sentido em que se pratica no “contexto da ocorrência, entre os actores que participam naturalmente na interacção” (Adler & Adler, 1994, citados por Aires, 2011, p. 25) e conversas informais com a professora cooperante. Para além de terem sido recolhidos dados que nos permitam fazer uma caracterização do contexto, foi, também, necessário realizar uma avaliação diagnóstica das aprendizagens dos alunos, a ponto de se perceber quais as potencialidades e fragilidades da turma ao nível dos conteúdos das áreas curriculares e, ainda, nas competências sociais. Para tal, foram seleccionados indicadores de avaliação que, posteriormente, foram organizados em grelhas de avaliação, instrumento de registo privilegiado pelas estagiárias. Os indicadores de avaliação foram identificados para as competências sociais e para cada

uma das áreas do currículo, excetuando a área curricular de Estudo do Meio, uma vez que no decorrer das duas semanas de observação a professora não desenvolveu atividades nesse âmbito. Os indicadores foram selecionados dos Programas e Metas Curriculares do 1.º Ciclo do Ensino Básico.

Os dados de análise foram registados em instrumentos criados para o efeito, sendo preenchidos com base na observação dos trabalhos e participação e produções dos alunos, assim como nas fichas de avaliação do 2.º período. Trata-se de uma observação participante, uma vez que os dados foram recolhidos através do contacto direto com os intervenientes, ou seja a partir do trabalho com os alunos. Este tipo de observação permitiu com que enveredássemos por uma investigação qualitativa, pois esta “centra-se na compreensão dos problemas, analisando os comportamentos, as atitudes . . . [permitindo que o investigador desenvolva] conceitos, ideias e entendimentos a partir de padrões encontrados” (Sousa & Baptista, 2011, p. 56). Ainda na ótica das mesmas autoras, este tipo de investigação “é indutivo e descritivo” (p. 56). Acompanhar todo o processo que deu origem aos resultados permitiu tirar conclusões mais precisas, não só ao nível dos resultados finais como, também, ao nível das estratégias e técnicas de resolução utilizadas pelos alunos.

Conforme descrito acima, os dados recolhidos foram registados nas grelhas criadas para o efeito segundo uma avaliação que seguiu critérios de registo assentes em cromáticos (classificação por cores) dividida por quatro pontos, e de acordo com a frequência com que o comportamento ocorria. Para tal, a cor azul corresponde a “sempre”, se o comportamento se verificasse sempre; a cor verde corresponde a “muitas vezes”, se o comportamento se observasse na maioria das vezes; a cor amarela corresponde a “por vezes”, se o comportamento se verificasse um número reduzido de vezes; e a cor vermelha para “nunca”, se o comportamento nunca se observasse. Para além desta observação referente à frequência com que determinado indicador se observa, existiram momentos em que não foi possível registar qualquer informação, desta forma constam nas grelhas de avaliação diagnóstica com a cor cinzenta, correspondendo à legenda “não observado”. Para uma melhor organização e, também, leitura e interpretação, as grelhas encontram-se divididas por domínios, tal como está estipulado nos Programas do 1.º Ciclo do Ensino Básico. Desta forma, a grelha da área

curricular de Língua Portuguesa encontra-se dividida em cinco competências, nomeadamente, Compreensão do Oral, Expressão Oral, Leitura, Escrita e Conhecimento Explícito da Língua (CEL); a grelha respeitante à área curricular de Matemática em três domínios: i) Números e Operações, ii) Geometria e Medida e iii) Organização e Tratamento de Dados. No que respeita às Competências Sociais a grelha foi dividida em cinco tópicos: cumprimento das regras de sala de aula, trabalho cooperativo, responsabilidade, participação e respeito pelo outro. Após esta recolha de dados e consequente tratamento elaborou-se o PTT que orientou toda a intervenção pedagógica.

Numa segunda fase decorreu a intervenção educativa, baseada no PI. Esta fase caracteriza-se pela ação propriamente dita, pois após a investigação procura-se “produzir conhecimento, modificar a realidade e transformar os atores.” (Simões, 1990, citado por Coutinho, 2013, p. 366). Durante esta fase foram realizadas grelhas de avaliação que permitiam avaliar indicadores relacionados com os objetivos gerais do PI e com os objetivos específicos propostos para as atividades planificadas, a fim de se avaliar o processo de aprendizagem dos alunos. Deste modo, enquanto técnicas de recolha de dados foram utilizadas a observação participante (comportamentos dos alunos) e a análise das produções dos alunos.

A terceira fase diz respeito à organização e compilação de todos os produtos e materiais para uma posterior análise e avaliação. No capítulo 6 será, então, apresentada a análise do *corpus* do trabalho, onde constará a avaliação dos objetivos gerais de intervenção, assim como a avaliação das aprendizagens dos alunos.

2.2. Desenvolver competências de comportamento social na sala de aula.

Para esta fase do trabalho e como forma de colmatar as fragilidades identificadas ainda em momento de observação, no que diz respeito à Indisciplina presente na turma com quem se trabalhou, foi delineado um Plano de Trabalho que contemplou vários momentos: no que concerne ao tema/ objeto de estudo recorreu-se a uma metodologia mista de recolha de dados qualitativos e quantitativos. Num primeiro momento de observação, foram utilizadas como técnicas de recolha de dados, nomeadamente, os Diários de Bordo e a Observação Sistemática dos comportamentos de modo tentar agir em conformidade com o objetivo proposto no PI e reforçar as observações realizadas

inicialmente, seguindo-se da ação em busca da melhoria do ambiente de ensino e aprendizagem por meio de estratégias comportamentais.

Tendo em conta que o objeto de estudo desta investigação se prende com um dos objetivos delineados no PI, os métodos e técnicas utilizados para a recolha de informações já se encontram descritos no subcapítulo anterior. Sucintamente, poder-se-á afirmar que decorrente das observações naturalistas e participantes (metodologia de investigação qualitativa), foi possível verificar que o ambiente da sala de aula não coadunava com um ambiente de ensino e aprendizagem que se espera ser propiciador de aprendizagens. Foi, a partir destas observações e constatações que, o ponto de partida para que se trabalhasse em torno desta questão que, por um lado e em termos mais gerais é um tema que assola a maioria das salas de aula do nosso país e, por outro lado e a um nível mais singular, estaria a por em causa as potencialidades da turma em questão. Para que melhor se compreendessem as implicações que aqui se descrevem e para que mais facilmente se pudessem apoiar estas declarações foi necessário recorrer-se a um tipo de registo mais direcionado: o Diário de Bordo. Este tipo de observação é um processo metodológico que se insere na abordagem qualitativa proposta por Aires (2011), mais concretamente no que concerne às “Técnicas Diretas . . . [que consistem] na recolha de informação direta, de modo sistemático, através do contacto directo com situações específicas” (p. 24 e 25), sendo esta uma observação científica já que prevalece uma intencionalidade subjacente ao registo, ao contrário da observação espontânea que decorre de situações não direcionadas. Por outro lado, esta observação categoriza-se como *não-intervencionista*, já que “o observador não manipula nem estimula os seus sujeitos” (Aires, 2011, p. 25). A escolha desta técnica prende-se com a necessidade de existir um registo que pudesse comprovar as observações constatadas inicialmente, para além de servir de apoio a uma análise mais específica dos momentos em que os comportamentos são mais, ou menos, consistentes. Assim, analisando os Diários de Bordo construídos pela autora do estudo, poder-se-á afirmar que os alunos não possuíam as competências essenciais à comunicação em sala de aula, nomeadamente o “pôr o dedo no ar para falar; esperar pela vez de falar; pedir para se levantar,” entre outros; é, ainda, possível verificar que existem momentos mais propícios a estes comportamentos “indesejados”, sendo eles os períodos da tarde e os

momentos de partilha mais coletiva. No anexo A, poder-se-á comprovar as informações descritas que serão, também elas, analisadas de um ponto de vista mais conciso e detalhado no capítulo seguinte.

Já em fase de Intervenção e após a análise dos Diários de Turma, sentiu-se a necessidade de caracterizar os comportamentos desviantes que classificaram a turma como Indisciplinada, foi, assim, necessário recolher mais informação nesse sentido. Para isso, foram feitas observações sistemáticas com o intuito de compreender melhor os atos que perturbam as aulas e, assim, poder trabalhar de forma mais focada em comportamentos específicos. No que respeita às observações sistemáticas, estas inserem-se numa metodologia de carácter mais quantitativo, já que tem “como objetivo a identificação e apresentação de dados, indicadores e tendências observáveis” (Sousa & Batista, 2011, p. 53), sendo este um processo dedutivo que visa a generalização para outros contextos semelhantes, pelo seu carácter preciso e fiável. Assim, utilizaram-se instrumentos de registo com a finalidade de registar os comportamentos, presentes no anexo B, que visavam a recolha do número de vezes que determinado comportamento é observado. Para que se pudesse ter um registo fiável e, em simultâneo, revelador da realidade da turma, foram escolhidos seis alunos, três deles enquadraram-se no tipo de alunos que apresentam comportamentos mais desejáveis (tendo em conta o comportamento observado) e, outros três, em que o comportamento indesejado fosse mais facilmente identificado devido ao elevado número de vezes que o punham em prática. Desta forma e já em fase de tratamento e dados, foi possível elaborar uma média de vezes que os alunos da turma recorriam ao comportamento selecionado e, dentro dessa média, perceber a taxa de sucesso/ insucesso dos alunos, nesse referido comportamento. Estas observações foram replicadas já em momentos de intervenção, procurando-se avaliar a diminuição (ou não) do número de vezes que este comportamento se repete.

3. CARATERIZAÇÃO DO CONTEXTO SÓCIO-EDUCATIVO E IDENTIFICAÇÃO DA PROBLEMÁTICA

No seguimento deste primeiro capítulo, será apresentado o contexto na qual se inseriu toda a intervenção pedagógica realizada pelo par de estágio e a investigação em estudo. Primeiramente será apresentada a instituição de ensino onde a intervenção teve lugar, analisando-se quanto às suas características, nomeadamente do edifício, ao seu espaço envolvente e serviços disponibilizados pelo mesmo, à população que serve e aos serviços educativos que presta, articulando-se todas estas informações com os pressupostos descritos nos seus documentos organizativos; em seguida, será apresentada, também, a turma com a qual o par de estágio teve a oportunidade de partilhar experiências e ensinamentos, quer pela parte dos alunos quer pela das estagiárias. Posteriormente apresentar-se-ão os métodos de trabalho, usualmente, utilizados pela professora cooperante, descrevendo-se, em simultâneo, as decisões tomadas, pelo par de estágio, no momento da intervenção e, por fim, serão apresentados os dados relativos à avaliação, no que diz respeito aos sistemas utilizados e à diagnose inicial da turma, que deu origem aos objetivos concretizados para toda a intervenção educativa.

Num segundo momento, far-se-á a identificação da problemática subjacente ao Tema de Investigação, desenvolvido no decorrer da intervenção.

3.1. Análise Reflexiva do Contexto

3.1.1. O Meio Local e a Escola

A instituição escolar situa-se num dos extremos da freguesia de Benfica, pertencente ao concelho e distrito de Lisboa.

A escola está inserida na rede pública de escolas portuguesas e integra o Agrupamento de Escola Quinta de Marrocos. Este agrupamento foi reconhecido como “Escola de Referência para o Ensino Bilingue de Alunos Surdos em 2008/09, ao abrigo do Decreto-Lei n.º3/2008 de 7 de janeiro” (PEA, 2013/2017, p. 9), procurando dar uma resposta educativa de qualidade a crianças e jovens com surdez e com problemas de comunicação, linguagem ou fala.

O estabelecimento de ensino, onde decorrerá a intervenção pedagógica, compreende duas valências: Jardim de Infância (JI) e 1.º Ciclo do Ensino Básico (1.ºCEB). Relativamente ao segundo, este compreende uma equipa educativa constituída por um professor titular, de cada ano de ensino, à exceção da turma bilingue que dispõe de dois professores. Para além dos professores titulares de turma, a escola conta, ainda, com outros profissionais, mais concretamente com professores de educação especial, terapeutas da fala, psicólogos e intérpretes de língua gestual portuguesa.

Relativamente às condições gerais do edifício escolar, este encontrava-se bastante degradado, pelo que, no decorrer do 3.º período letivo, a escola esteve em obras e a sala onde o par de estágio interveio, foi alterado, para uma das salas disponíveis no JI. Todas as características físicas da sala foram respeitadas na mudança, para criar um ambiente acolhedor e reconhecido pelos alunos.

Tal como é consagrado no Regulamento Interno do Agrupamento, as escolas estabelecem parcerias com diversas instituições públicas da zona geográfica envolvente aproveitando os recursos sociais disponíveis para a concretização de atividades, algumas delas propostas no PAA (Plano Anual de Atividades) do Agrupamento. Promove, ainda, formações e outras atividades de modo a alargar os conhecimentos da comunidade escolar e envolvente de modo a lidar melhor com a comunidade surda existente na escola.

No que respeita à relação entre a escola e a família, a comunidade revela preocupação e interesse em proporcionar a aproximação das famílias ao contexto educativo, de forma a que estas participem na vida escolar dos seus educandos. Esta aproximação é conseguida através das reuniões que o docente convoca, do horário de atendimento disponível para receber os encarregados de educação sempre que se justifique e, ainda, através da participação e envolvimento das famílias na realização de visitas de estudo e na concretização e divulgação de projetos realizados com os seus educandos ou sozinhos.

Através da análise do Projeto Educativo de Agrupamento (PEA) compreende-se que o grande objetivo da escola é o de conduzir os seus alunos ao encontro do saber, de modo a criar cidadãos responsáveis e capazes de intervir ativamente na sociedade a

que pertencem. Centrada numa política de inclusão, a escola procura dar uma resposta adequada a todos os alunos, em conformidade com o seu perfil.

3.1.2. A Turma

A turma frequenta o 1.º ano de escolaridade do 1.º CEB. Esta é constituída por um total de 25 alunos, dos quais 12 são do sexo masculino e 13 do sexo feminino. No seio da turma existem duas crianças com Necessidades Educativas Especiais (NEE) ao abrigo do Decreto-Lei 3/2008, a sua formação é acompanhada pelo Projeto Educativo Individual (PEI). O PEI inclui, entre outros aspetos, a história pessoal e escolar relevante do aluno, as conclusões do relatório de avaliação técnico-pedagógico a que o aluno foi submetido e as adequações necessárias no processo ensino-aprendizagem que devem ser implementadas. Estes dois alunos desenvolvem o seu trabalho juntamente com a turma, contudo, em determinados momentos da semana uma professora de apoio marca presença na sala de aula e acompanha os alunos nas atividades que estão a decorrer, ou seja, estes dois alunos não realizam atividades diferentes do restante grupo, dispõem de um apoio mais individualizado. Além deste apoio, os alunos saem, duas vezes por semana, da sala de aula para ter um apoio mais individualizado com uma professora onde, nesses momentos, o trabalho é diferente do que o que está a ser desenvolvido na aula. Neste sentido, as adequações curriculares são mínimas e os progressos, ainda que reduzidos, são notórios e satisfatórios.

Trata-se, no geral, de uma turma bastante agitada com algumas dificuldades em respeitar as regras de trabalho na sala de aula. No entanto, a turma é bastante participativa, demonstrando, até, alguma competitividade entre eles. Aderem com entusiasmo às propostas e desafios da professora, concretizando-os com motivação e alguma rapidez. É um grupo bastante interessado e curioso, quando interpelados pela docente em relação a qualquer assunto, todos tentam participar, levantando questões, partilhando vivências e experiências.

3.1.3. A Sala de Aula

A sala de aula, tendo em conta a dimensão da turma, é ampla e possui luz natural, conferindo-lhe um aspeto arejado, criado pela existência de janelas em toda a extensão de uma das suas paredes.

No que diz respeito à organização da mesma, esta é feita de modo a facilitar o ambiente de aprendizagem dos alunos e de acordo com a natureza do trabalho que se pretende desenvolver, atendendo às necessidades manifestadas pela turma. O espaço apresenta-se organizado por áreas, nomeadamente as áreas de apoio geral, as áreas de apoio específico e a biblioteca da turma. As áreas de apoio geral destinam-se à arrumação e organização dos materiais coletivos e cooperativos. Existem, ainda, *placards* onde estão afixados cartazes com informação trabalhada pelo grupo, nomeadamente ao nível da Língua Portuguesa e Matemática; nestes estão expostos alguns dos trabalhos realizados pelos alunos. As áreas de apoio específico ao programa incluem uma bancada com materiais didáticos diversos, potenciadores de novas aprendizagens. Contudo, os materiais disponíveis, apesar de serem variados, são materiais ligados à área da matemática. Ainda, na área de apoio específico são disponibilizados os ficheiros, devidamente organizados, contemplando as diferentes áreas do programa. A biblioteca da turma apresenta diferentes livros, embora estes sejam, na sua maioria, de histórias narrativas e pode ser utilizada pelos alunos quando terminam uma atividade. O espaço que envolve a biblioteca conta com uma manta e várias almofadas, tornando este ambiente acolhedor.

Em relação à disposição das mesas, estas estão organizadas em quatro grupos onde os alunos estão distribuídos de forma heterogénea, potenciando o trabalho colaborativo e a interação entre pares. A distribuição dos alunos pelas mesas tem em conta as características de cada um, assim, os alunos com maiores dificuldades ocupam os lugares mais dianteiros. Tal organização fomenta a relação pedagógica entre professor e alunos, uma vez que facilita a deslocação da professora pela sala, conseguindo chegar a todos os grupos, auxiliando-os sempre que necessário. Quanto à secretária da professora, esta é utilizada apenas como zona de apoio, onde são colocadas fichas e materiais a utilizar nas aulas.

3.1.4. Modelo Pedagógico

O modelo pedagógico adotado pela docente cooperante possui alguns aspetos que se revelam influenciados pela metodologia proposta pelo Movimento da Escola Moderna (MEM). Esta questão torna-se evidente através da organização de uma agenda

semanal, que a partir do 3.º período, contemplou os momentos e instrumentos específicos de autorregulação das aprendizagens, nomeadamente o Tempo de Estudo Autónomo (TEA) e o Plano Individual de Trabalho (PIT). Este tipo de instrumentos possibilitam “a previsão e a planificação das atividades a realizar, o acompanhamento da sua execução e a realização de um balanço regulador . . . das aprendizagens” (Gonzalez, 2002, p. 219).

O trabalho é, tendencialmente, organizado tendo em conta dinâmicas em grande grupo, solicitando-se a participação de todos. Durante a intervenção, o par de estágio potenciou as atividades de caráter cooperativo, indo ao encontro dos métodos de trabalho da cooperante, acabando por explorar as atividades em pequenos grupos ou a pares de modo a responder a alguns dos problemas identificados na diagnose: falta de atenção, desigualdade de níveis de aprendizagem, entre outros. Como forma de complementar os momentos coletivos, a docente recorria à modalidade de trabalho individual, através da aplicação de conhecimentos numa ficha ou em outras atividades que exijam dos alunos um trabalho mais ativo; nesse sentido, o trabalho individual foi também um momento presente em toda a intervenção, mobilizado, essencialmente, para a avaliação de conhecimentos e pilotagem das aprendizagens realizadas em grupo. É, ainda, de salientar que o grupo de estágio recorreu, tal como seria prática da cooperante e em parceria com a mesma, ao método global para a aprendizagem da leitura e da escrita.

É de realçar que, durante o período de observação, foi possível assistir a momentos de promoção de valores como a entreatajuda, a cooperação, o respeito pelo, a participação democrática, entre outros. A preocupação em promover estes valores vai ao encontro do que é proposto pelo MEM, sendo, também, nesta vertente que a professora cooperante se aproxima do modelo pedagógica do movimento. De facto, fomentar estes valores, ajudando os alunos a gerirem os seus conflitos, contribuirá para que as crianças adquiram estruturas sociais em conformidade com a sociedade e a cultura em que estão inseridas, pois segundo Vygotsky (1930), a promoção de conhecimento, por parte da escola, não pode ignorar o contexto social da criança.

3.1.5. Gestão do trabalho

No que se refere à gestão dos tempos de trabalho, a professora cooperante privilegia a Agenda Semanal, elaborada desde o início do ano letivo pela mesma, que a geria de acordo com as suas necessidades e as dos seus alunos. Nesta agenda que estão planificados os tempos das rotinas instituídas. Apesar de, na altura, estarem apenas contemplados os momentos coletivos de Matemática, Língua Portuguesa, Estudo do Meio e Expressões, as rotinas do Número do Dia e o Balanço, a partir do 3.º período, implementaram-se outras rotinas, através das quais se regeu a intervenção educativa do par de estágio. Dessas rotinas previstas para o 3.º período, destaca-se o Conselho de Cooperação Educativa que teve lugar às sextas-feiras da parte da tarde. Durante o Conselho, a turma debatia alguns dos acontecimentos ocorridos durante a semana, quer estes fossem do desagrado ou agrado dos alunos. Os assuntos debatidos eram registados ao longo da semana no Diário da Turma e afixados numa das paredes da sala. Relativamente ao Conselho, as estagiárias tiveram, na maioria das vezes, um papel mediador, dando a sua opinião e contribuindo para que se mantivesse um ambiente calmo e tranquilo, uma vez que se trata de um momento cujo objetivo é o de promover um comportamento social saudável, de entreajuda, de cooperação e de gestão de conflitos; mas, acima de tudo, criar um modelo que os alunos possam, num futuro próximo, imitar e substituir, tornando-se, também eles, possíveis mediadores dos Conselhos de Cooperação.

O Trabalho de Projeto é um dos momentos presentes no horário semanal. Para estes momentos os alunos desenvolveram dois projetos distintos, os dos *Animais*, já programado entre a professora cooperante e os alunos e o que diz respeito à *Sustentabilidade*, criado através das ideias e pedidos dos alunos, projetado para melhorar as fragilidades da turma e potenciar as qualidades da mesma, no Plano de Intervenção do par de estágio. Os momentos de trabalho eram orientados pelo docente e respetivos alunos, recorrendo à criatividade, partilha, interação e procura de conhecimento. Recorrer ao trabalho de projeto permite potenciar a interdisciplinaridade, levando o aluno a trabalhar “as fronteiras do currículo com projetos integradores, fazendo com que o currículo funcione como um sistema complexo e interativo” (Vasconcelos *et al*, 2011, p. 20).

Também o TEA fez parte do horário semanal da turma. É durante o TEA que os alunos, ao invés de conduzidos pelo professor, organizam o seu PIT, trabalhando as áreas onde manifestam maiores dificuldades, sendo apoiados pelos seus pares e pelo docente, que consegue, assim, pôr em prática o princípio da diferenciação pedagógica. No TEA os alunos recorriam a ficheiros que lhes permitiam trabalhar as suas necessidades, potenciando a autonomia na aquisição de conteúdos, ao mesmo tempo, desenvolvendo as suas competências científicas. Durante este tempo de estudo as professoras puderam centrar a sua atenção nos alunos com maiores dificuldades educativas, realizando um trabalho diferenciado com os mesmos que, a longo prazo, mostraram melhorias significativas, ao nível dos conhecimentos.

Por último destaca-se os momentos coletivos, onde eram abordados e trabalhados conteúdos do currículo. Durante o momento da matemática coletiva estava instituída a rotina do número do dia; esta desafiava os alunos a realizarem expressões numéricas em torno do número selecionado, salientando outras características, como a paridade, os dobros e metades, formas alternativas de nomear conjuntos de números (dúzia, dezena...), entre outras.

A docente cooperante, raramente, utiliza manuais escolares, organizando a sua prática com recurso a fichas de trabalho, tarefas e exercícios criados por ela e adaptados às características da turma, remetendo-os para o trabalho realizado em casa.

3.2. Avaliação diagnóstica da turma

3.2.1 Avaliação das aprendizagens

No que concerne à diagnose das aprendizagens da turma, a avaliação foi realizada a partir das fichas de avaliação do 2.º período, dado que o estágio de observação coincidiu com a fase de avaliação. Por esta razão, o grupo considerou que não se justificava estar a sobrecarregar os alunos com mais uma avaliação. No anexo C, são disponibilizados gráficos representativos dos resultados da turma. A avaliação diagnóstica, apresentada nos parágrafos seguintes, será, então, baseada nas fichas de avaliação, assim como na observação direta (dados disponíveis no anexo D) realizada pelo grupo de estágio.

No âmbito das Competências Sociais, como referido anteriormente, considerou-se que a turma, ainda não havia adquirido as competências de escolarização, mais especificamente, as regras de trabalho em sala de aula e, apesar de as conhecerem, não as cumpriam na maioria das situações, principalmente, no que diz respeito à manutenção do silêncio, em momentos de concentração e à participação ordenada e facilitadora de aprendizagens. No que concerne ao trabalho cooperativo foi possível verificar algum nível de desorganização e má gestão. Apesar de ser uma prática, muitos alunos, principalmente os pares menos aptos, aproveitavam os conhecimentos dos colegas mais aptos para se descartarem de obrigações e não trabalharem. Ainda, no que à cooperação diz respeito, a partilha de materiais revelava-se, em alguns casos, bastante conflituosa.

Relativamente à área curricular de Português e atendendo ao facto de que a turma se encontrou, durante quase todo o tempo de observação, em avaliações, foi difícil diagnosticar as aprendizagens dos alunos nesta área. Ainda assim, existiam algumas dificuldades observadas, no que concerne aos grafemas e casos de leitura já abordados nas aulas. Contudo e tendo em conta que os alunos se encontravam num processo de aprendizagem da leitura e escrita, seria expectável que estas competências ainda não estivessem, completamente, consolidadas. No decorrer de toda a intervenção estas dificuldades foram sendo ultrapassadas e, no final da mesma, a maioria dos alunos lê com relativa autonomia. Ainda assim, a intervenção também contemplou momentos de escrita criativa o que veio revelar o interesse genuíno dos alunos neste tipo de atividades, desenvolvendo estruturas e competências potenciadoras da aprendizagem da leitura e da escrita; neste sentido, a intervenção das estagiárias veio, em boa hora, auxiliar a cooperante a consolidar as aprendizagens realizadas ao longo do ano letivo.

No que diz respeito à Matemática a turma revela um raciocínio muito bom, como se verificou na rotina do número do dia. Durante esta rotina os alunos propõem diversas expressões numéricas envolvendo as quatro operações aritméticas, o que para uma turma de 1.º Ano é notável. A forma como expressam o seu raciocínio, também é muito clara e eficaz, o que revela facilidade no âmbito da comunicação matemática. Contudo, no que à resolução de problemas diz respeito existem algumas dificuldades, nomeadamente na escolha da melhor estratégia para resolver o dito problema. Por

vezes, quando recorrem a estratégias como desenhos, tabelas ou retas, a dificuldade surge quando a professora solicita que transformem o que fizeram numa expressão numérica. Nesta área, a intervenção das estagiárias veio potenciar outro tipo de raciocínio lógico-matemático já que foram abordadas a resolução de problemas como rotina quinzenal e a aprendizagem das figuras geométricas, de forma exploratória, com recurso a materiais didáticos de referência e a documentos orientadores, também, eles de referência na comunidade matemática.

Relativamente à área de Estudo do Meio as dificuldades encontradas foram muito poucas. Existiam alguns alunos que demonstravam dificuldades ao nível das relações de anterioridade, simultaneidade e posterioridade, não conseguindo, ainda, identificar a sequência dos dias-da-semana e meses. Neste momento, os alunos já ultrapassaram essa dificuldade. As informações acerca desta área foram reduzidas já que, em momento de observação, os tempos destinados à mesma não eram significativos. Assim, a intervenção assentou no propósito de aumentar os momentos de exploração desta área curricular até como elo integrador das várias áreas do currículo, como será possível verificar. Os alunos aderiram com entusiasmo às atividades de caráter mais prático, existindo momentos de maior confusão, especialmente nos tempos de trabalho coletivo; ainda assim, os alunos revelaram um aumento dos conhecimentos adquiridos acerca dos temas estudados e, em especial, para a estruturação do pensamento crítico, no que concerne ao tema da sustentabilidade e respeito pela Natureza.

Por último, na área de Expressão Artística e Físico-Motora não foi possível recolher dados que nos permitem efetuar uma avaliação diagnóstica. No entanto, no âmbito da realização da prenda para o dia do pai, foi possível verificar que no recorte e colagem os alunos revelam uma destreza bastante positiva. O mesmo acontece com a pintura a lápis de cor ou caneta de feltro, pois nos desenhos que coloriram respeitaram as margens e a técnica de pintura foi bem utilizada, pintando sempre para “o mesmo lado”.

3.2.2. Identificação da problemática

Durante o período de observação, foi possível identificar as características gerais da turma no que diz respeito às suas aprendizagens, dificuldades, modo de estar em sala de aula, preferências, gostos, modos de trabalho, rotinas, entre outros. Juntamente com as declarações da professora e o apoio dos documentos oficiais e normativos da escola foi possível recolher a informação necessária ao início de uma prática contextualizada e, conseqüentemente, significativa para os alunos com quem se vai trabalhar.

No que concerne aos comportamentos observados, como já referido num ponto anterior, a turma ainda não possui todas as ferramentas necessárias à comunicação adequada para a partilha necessária durante as atividades propostas. Os alunos, na sua maioria, demonstram grande interesse pelas atividades, contudo a forma como estes participam perturba o ambiente propício à sua aprendizagem. Existe, ainda, um grupo mais reduzido de alunos que preferem entreter-se com outras atividades como conversar com o colega, brincar com objetos, entre outros, não prestando atenção aos conteúdos que estão a ser lecionados. Esses mesmos alunos, em alturas de avaliação individual, demonstraram uma reduzida capacidade de resolver problemas ou responder a questões; foram, em muitos casos, observados a copiarem as respostas dos colegas, sem ter um mínimo de conhecimento do que estavam a escrever. Quando focalizados os momentos de trabalho em grupo, estes também demonstraram que os alunos não possuem todos os mecanismos de trabalho cooperativo, sendo estes, os dois momentos que mais perturbam as aulas: atividades em grande grupo que requerem a participação ativa dos alunos e as atividades em grupo, sejam elas com menos ou mais elementos.

4. FUNDAMENTAÇÃO DA PROBLEMÁTICA E OBJETIVOS DA INTERVENÇÃO

No capítulo que se inicia pretende-se, num primeiro ponto, dar a conhecer as potencialidades e fragilidades identificadas na turma, através da avaliação diagnóstica dos alunos, descrita no capítulo anterior. Para isso, será apresentado um quadro, elaborado aquando do PI com uma síntese dessa informação. Tendo em conta o presente quadro, surgiram questões-problema que suscitaram o interesse das estagiárias e que se preconizaram nos objetivos consagrados do PI e no surgimento do Tema de Investigação. Assim, pretende-se, neste capítulo, por um lado, fundamentar a escolha dos Objetivos traçados para a Intervenção e, por outro, revelar as motivações inerentes à escolha do Tema em Estudo, realçando os fundamentos e propósitos do mesmo.

4.1. Identificação de Potencialidades e Fragilidades

No que concerne ao grupo de alunos com quem se trabalhou nestes últimos dois meses, foi possível, através da observação direta, com recurso a tabelas de observação dos comportamentos e conteúdos, Diários de Bordo, dos comentários da professora titular e dos resultados obtidos nas avaliações, caraterizar a turma no que diz respeito às aprendizagens realizadas, aos níveis de desenvolvimento, aos métodos e das rotinas de trabalho e à postura dos alunos face às várias tarefas propostas.

Neste sentido, no quadro que se segue, pode observar-se uma síntese das potencialidades e fragilidades encontradas no seio do grupo turma com quem se trabalhou. A tabela seguinte, ajudou a delinear todo o plano de trabalho das estagiárias, já que, foi a partir deste que se elaboraram os objetivos do Plano de Intervenção e assim, procurou-se tornar as aprendizagens dos alunos mais significativas, dado que toda a prática foi projetada a partir dos reais problemas da turma, mobilizando as suas potencialidades. Desta forma tencionou-se ir ao encontro de um dos princípios orientadores da ação educativa, descrito na Organização Curricular e Programas do 1.º Ciclo (2004), que refere a importância do docente em “Criar as condições para o desenvolvimento global e harmonioso da personalidade, mediante a descoberta

progressiva de interesses, aptidões e capacidades que proporcionem uma formação pessoal, na sua dupla dimensão individual e social” (p. 13).

Quadro 1 – Potencialidades e Fragilidades da Turma.

Potencialidades	Fragilidades
Raciocínio matemático.	Regras de comunicação.
Comunicação matemática.	Regras de trabalho.
Produção oral.	Concentração.
Iniciativa.	Imaturidade.
Interesse.	Trabalho cooperativo.
Participação.	Preservação do material.

Nota. Os itens identificados são baseados na observação direta, conversas informais com a cooperante e diagnose das avaliações dos alunos. Apresentam um quadro geral da turma.

Relativamente à Tabela 1 é possível observar que, no início da intervenção, o grupo turma, no seu geral, demonstrava iniciativa e vontade de aprender, interesse nos conceitos e conteúdos abordados e hábitos de trabalho em grupo apesar de necessitarem, claramente, de redefinição das regras do trabalho cooperativo e da partilha dos materiais. Numa análise mais pormenorizada das fragilidades da turma, foi possível constatar que a turma ainda não possuía os instrumentos/regras que facilitassem a comunicação e a aprendizagem nas aulas. Os alunos tinham por hábito, não esperar pela sua vez de falar, não colocar o dedo no ar para pedir a vez de falar, “atropelarem-se” e precipitarem-se nas suas participações, em grande grupo, e, em momentos de trabalho de mais concentração, as conversas paralelas eram constantes, o que não lhes permitia estarem totalmente focados e obterem os melhores resultados. Mais especificamente importa salientar alguns casos de alunos com maiores dificuldades em relação ao grande grupo. Estes apresentavam dificuldades de aprendizagem, quer no que diz respeito à área curricular disciplinar de Matemática, quer à de Língua Portuguesa.

4.2. Identificação dos Objetivos Gerais do Projeto

Como forma de colmatar as fragilidades encontradas na turma e obter vantagens, a partir das suas potencialidades, o grupo de estágio foi identificando algumas questões/problema que, posteriormente, ajudaram na formulação de uma linha de objetivos, gerais e específicos, que contribuiriam significativamente para aprendizagem e melhoramento das capacidades destes alunos. Assim sendo, as questões identificadas foram:

- *Que estratégias utilizar no combate à indisciplina?*
- *Como implementar regras de trabalho em sala de aula?*
- *Como aliar a vontade incessante dos alunos em aprender, com a sua falta de concentração?*
- *Como explicar a importância da preservação do material escolar cooperativo?*
- *Como contribuir para o desenvolvimento do raciocínio matemático dos alunos, existindo um pequeno grupo que não acompanham a turma?*
- *Como aplicar a diferenciação pedagógica, em relação aos alunos menos aptos?*
- *Como dar resposta às fragilidades encontradas, dando continuidade ao trabalho da professora?*

Decorrendo das questões/problema levantadas, o grupo de estágio propôs três Objetivos Gerais do Plano de Intervenção, sendo eles os de:

- Desenvolver competências de comportamento social na sala de aula.
- Compreender a importância da preservação dos materiais disponibilizados, em prol de um estilo de vida mais sustentável.
- Desenvolver competências de Trabalho Autónomo.

4.3. Problematização do Tema em Estudo

O surgimento do Tema de Investigação deu-se a partir de um dos objetivos traçados no PI. Após as observações revelarem falta de competências de trabalho em sala de aula, a autora decidiu enveredar pelo tema da Indisciplina.

“Não é novidade afirmar que a indisciplina escolar se tornou num dos problemas que mais aflige os professores. O volume de textos jornalísticos ou de opinião sobre o tema cresce consideravelmente, e a investigação acompanha esse movimento concluindo, também, que se trata de uma das [questões] mais sensíveis e de maior impacto nos primeiros anos da profissão docente (Silva, 1997; Cavaco, 1993; Veenman, 1984 citado por Amado, s/d, p. 1).

A Indisciplina, é um tema bastante atual nas redes sociais e meios de comunicação dos nossos dias. Os casos mais badalados ocupam-se de um tipo de Indisciplina mais gravosa, nomeadamente, casos de violência física e psicológica. As equipas educativas vivem com a realidade de não possuírem os instrumentos necessários ao seu combate e, cada vez mais, se pedem responsabilidades aos professores e aos educadores destes alunos, porém não se está a pensar neste problema como um todo. Na minha opinião, foca-se demasiado a culpa destas situações e não se tem pensado em como é que esta, muitas das vezes, se desenvolve. As regras na sala de aula, podem parecer protagonizar um papel inferior face a estes casos, porém, é a partir da fase pré-escolar que a aquisição das mesmas começa e a sua interiorização é um dos primeiros contactos com as bases essenciais à formação de adultos civicamente responsáveis. Este foi um dos motivos que levaram à escolha do tema em investigação. Por outro lado, este é um tema que me traz ansiedade, até pela (reduzida) experiência já vivida, noutros contextos, com casos deste género. Assim, procuro respostas que me possam, posteriormente, orientar num futuro próximo como docente.

Para que se pudesse comprovar as declarações e partir para uma investigação mais centralizada, foi necessário listar os comportamentos que se consideravam desajustados ao bom funcionamento das aulas. Desse modo, elaborou-se um quadro dos comportamentos observados, neste caso, que perturbam o ambiente de ensino e aprendizagem e que são passíveis de serem modificados, que pode ser consultado, seguidamente:

Quadro 2 – Comportamentos desviantes observados.

Comportamentos desviantes observados	
Comunicação em sala de aula.	Trabalho cooperativo
➤ Não levanta a mão para pedir a vez;	➤ Não partilha o material cooperativo;
➤ Levanta a mão para falar, mas não espera pela sua vez;	➤ Discute com os colegas;
➤ Levanta-se do lugar sem permissão;	➤ Não partilha as atividades com os colegas de grupo;
➤ Mantém-se alheio às atividades;	➤ Não dá o seu contributo em trabalhos;
➤ Mantém conversas paralelas à aula;	➤ Brinca;
➤ Brinca, alheio à aula;	➤ Grita;
➤ Grita;	➤ Lida mal com a frustração;
➤ Lida mal com a frustração;	
➤ Goza com os colegas, perante o erro.	

Seguidamente a esta recolha foi essencial perceber os momentos mais propícios a este tipo de comportamentos, até porque os alunos têm comportamentos diferentes, tendo em conta os dias da semana, os diversos tempos do dia, as atividades a realizar ou o espaço das mesmas. Este tipo de comportamentos é, assim, chamado de comportamentos negativos, já que pressupõem o rompimento com a ordem necessária ao bom funcionamento da aula, quer fosse pela participação que se quer ordenada, pela partilha real de experiências ou pela concentração necessária ao trabalho. Deste modo, no anexo E, poder-se-á consultar a Agenda Semanal dos alunos, apontando os momentos mais ou menos propícios à Indisciplina.

No seguimento destes registos, foi possível elaborar um conjunto de questões que sustentam o tema em investigação:

- *Que estratégias adotar no combate à Indisciplina?*
- *Quais as estratégias mais indicadas?*
- *Quais as vertentes pedagógicas mais eficazes?*
- *O que é a Indisciplina?*
- *O que é a Disciplina?*

A partir das questões identificadas formalizou-se o tema em estudo e definiu-se o título do mesmo, que entretanto, foi sofrendo alterações. Assim sendo, o estudo “Estratégias de Intervenção Precoce de Combate à Indisciplina”, tem o objetivo claro de testar diversas recomendações pedagógicas no desenvolvimento e exploração das Regras da Sala de Aula.

4.4. Fundamentação dos Objetivos da Intervenção

Os objetivos consagrados no Plano de Intervenção foram formulados segundo os termos já descritos em ponto anteriores e são, agora, fundamentados segundo os documentos e autores de referência na Educação, por onde se regeu toda a intervenção educativa.

Um dos Princípios Gerais da Educação, consagrado na Lei de Bases do Sistema Educativo (2005), no artigo n.º 2, refere que:

“A educação promove o desenvolvimento do espírito democrático e pluralista, respeitador dos outros e das suas ideias, aberto ao diálogo e à livre troca de opiniões, formando cidadãos capazes de julgarem com espírito crítico e criativo o meio social em que se integram e de se empenharem na sua transformação progressiva.”

Este princípio vem reforçar o trabalho que o grupo de estágio pretende garantir aos alunos com quem terá a oportunidade de partilhar esta experiência. Nesta perspetiva, considera-se fundamental que a mesma seja significativa e enriquecedora para todos os seus intervenientes e, para isso, o trabalho de planeamento e diagnose torna-se fulcral, já que:

“ao seleccionar e organizar as actividades da turma para promover esses efeitos (o currículo real), o Professor deverá considerar as aptidões dos alunos, os seus interesses e as características da dinâmica social da turma, de acordo, evidentemente, com os objectivos e também com os recursos atribuídos a cada escola para viabilizar esses objectivos” (OCEB, 2004, p.36).

Foi nessa perspetiva que surgiram os objetivos traçados para a intervenção, em situação de estágio, tornando-os mais eficazes e suscetíveis de cumprir, dada a sua

natureza contextualizada e focada nos aspetos mais relevantes da turma, críticos ou potenciais.

Durante todo o momento de intervenção, o grupo tenciona, utilizar estratégias pedagógicas que se adequem às práticas utilizadas naquele contexto e que favoreçam a aprendizagem dos alunos. As aprendizagens que se pretendem significativas serão introduzidas de forma interdisciplinar, articulando vários aspetos do currículo de forma integrada. Fundamentalmente, o grupo pretende “assegurar que . . . sejam equilibradamente interrelacionados o saber e o saber fazer, a teoria e a prática, a cultura escolar e a cultura do quotidiano” (OCEB, 2004, p.12).

Ao longo do período de observação o grupo teve a oportunidade de assistir a situações de aula e de trabalhos em que foi possível diagnosticar os saberes adquiridos dos alunos. Dessa forma, diagnosticou-se alguma desigualdade de níveis de competência e de desenvolvimento de um pequeno grupo de alunos em relação à restante turma. Por este motivo, um dos grandes objetivos do Plano é o de “Desenvolver competências de Trabalho Autónomo”, para tal é imprescindível mobilizar estratégias de diferenciação pedagógica no combate às desigualdades de níveis de ensino dos alunos da turma, até porque a “diferenciação leva ao enriquecimento da proposta curricular, e por sua vez, ao aumento de alternativas, por forma, a que, a acção formativa reúna as melhores condições de se adaptar às necessidades e expectativas particulares de cada aluno” (Trindade & Gonçalves, s/d, p.2067). Assim sendo, mobilizar-se-ão os momentos de TEA para acompanhar e prestar um maior apoio de alunos com mais dificuldades, em qualquer que seja a área, mas também serão utilizadas outras estratégias de diferenciação, como a diferenciação curricular, a adaptação das tarefas e fichas, o trabalho com pares de diferentes níveis. Indo ao encontro dos objetivos definidos quanto à diferenciação pedagógica, aliam-se os modos de organização da turma. A mesma possui a vantagem de trabalhar maioritariamente em grande grupo, ou em grupos de 5/6 elementos, dessa forma já adquiriu alguns hábitos de trabalho coletivo, ainda que seja imperativo lembrar e trabalhar nas regras necessárias ao bom desempenho deste tipo de tarefas. Devido a essas características específicas da turma, o trabalho de grupo será o modo preferencial de trabalho, quer seja empregue em projetos dos alunos ou em projetos de aprendizagem coletiva, com trabalhos mais

práticos. Em momentos de resolução de fichas e problemas, tenciona-se organizar a turma em grupos mais pequenos, maioritariamente a pares; desta forma, será possível usufruir dos benefícios da Teoria de Desenvolvimento Proximal de Vigotski, que se designa como uma zona de desenvolvimento que fica entre os saberes já adquiridos dos alunos e os saberes que os seus pares lhes podem ensinar, ou seja:

“é a ideia da existência de uma área potencial do desenvolvimento cognitivo, definida como a distância que medeia entre o nível actual de desenvolvimento da criança, determinado pela sua capacidade actual de resolver problemas individualmente, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da resolução de problemas sob a orientação de adultos ou em colaboração com pares mais capazes” (Vigotski, 1978, citado por Fino, s/d, p.5).

Assim, considera-se imprescindível o trabalho a pares, constituindo-se os grupos de elementos com diferentes níveis de desenvolvimento, para que esta estratégia faça com que a criança mais apta possa consolidar as suas aprendizagens já que tem a tarefa de ensinar, ao par menos apto, lhe sejam dadas novas oportunidades de aprender, já que a linguagem entre ambos vai ser mais próxima e familiar do que no caso da relação professo-aluno.

Outro dos objetivos enunciados pelo grupo, para a intervenção, diz respeito à implementação de estratégias de resposta à indisciplina, mais concretamente, aos desvios às regras de trabalho demonstrados pela turma. Parece-nos elementar trabalhar com alunos no sentido de repensar as práticas comportamentais da turma, em momentos de trabalho coletivo ou colaborativo. Fazer as crianças compreender que o mau ambiente (no sentido de ser barulhento e confuso), prejudica a sua atenção e este não é compatível com os ambientes propícios às aprendizagens. Dessa forma, em conjunto com os alunos, criar-se-ão regras com o objetivo claro de proporcionar e gerir momentos de trabalho mais significativo, dado que, como refere Amado (2000), citado por Palma (2011), “um sistema de regras bem definido é indispensável para se obterem os objectivos previstos, na medida em que permite ao estudante melhor saber o que se espera dele” (p. 31). As regras vão ser construídas a partir da discussão com os alunos, reportando-se a momentos de indisciplina ocorridos no seio da turma. Portanto será

adotado um sistema de regras, “Hi5”, proposto por Wester-Stratton (1999) que consiste na construção de uma regra por semana, em conjunto com os alunos, perfazendo um total de 5 regras, que estarão expostas numa das paredes da sala, no campo visual dos alunos, de modo a que estes possam, facilmente, consultá-las. O cartaz construído pressupõe a ilustração de uma “mão”, em que cada regra corresponde a um dos dedos. Por outro lado, as regras serão demonstradas em forma de animações que explicitam as ações que se querem ver repercutidas, tendo em conta “Wester-Stratton (1999) . . . [que] sugere a utilização de figuras ilustrando comportamentos considerados desejáveis ” (Silva, 2005, p. 12), para tornar possível, ao aluno, uma representação mais concreta daquilo que se espera dele. No final da semana, em momento de Conselho de Cooperação é discutida a pertinência da regra criada e são levantadas questões que colocarão os alunos em confronto com os resultados da mesma:

- “O trabalho correu melhor com a implementação da regra?”
- “Conseguiram concentrar-se melhor quando se respeitou a regra?”
- “O que mudou com a adoção da nova regra?”
- “Acham que devemos manter a regra criada?”

Finalmente, e relembrando o objetivo definido que diz respeito à sustentabilidade dos materiais e da sala de aula, pretende-se sobretudo trabalhar na responsabilidade cívica dos alunos, fomentando o espírito crítico dos mesmos e procurando elucidá-los quanto às questões da poluição, reciclagem ou aquecimento global. Pretende-se transmitir conhecimentos e adotar estratégias para que a turma possa fazer a correta separação dos lixos, reutilizar materiais, organizar projetos em torno da questão e apelar à comunidade educativa e famílias desses mesmos assuntos, até porque é de extrema importância que ponhamos os alunos em:

“confronto com os problemas concretos da sua comunidade e com a pluralidade das opiniões nela existentes [para] que os alunos vão adquirindo a noção da responsabilidade perante o ambiente, a sociedade e a cultura em que se inserem, compreendendo, gradualmente, o seu papel de agentes dinâmicos nas transformações da realidade que os cerca” (OCEB, 2004, p. 102).

4.5. Fundamentação do Tema em Estudo

Tendo em conta que o Tema de Investigação em estudo foi formulado num dos objetivos nomeados no PI e que o mesmo decorreu das fragilidades da turma, nomeadamente no que se refere ao incumprimento das regras de sala de aula, considera-se o mesmo emergente, no sentido em que vem ajudar a compreender melhor a temática da Indisciplina e por outro lado promover uma investigação de estratégias que possibilitem as dificuldades reais dos alunos. A falta de consolidação de regras de comunicação, na sala de aula, põe em causa as aprendizagens dos alunos, sendo assim, considerou-se que seria vantajoso trabalhar a construção e manutenção das mesmas até porque estes se encontram numa fase de aprendizagem e aquisição de competências comunicativas.

Assim, nesta fase, serão fundamentados os conceitos estudados e utilizados ao longo de todo o documento, por forma a que melhor se possam compreender os mesmos e contextualiza-los em toda a intervenção educativa e estratégias de combate à indisciplina implementadas. Contemplar-se-ão, assim, os conceitos de Indisciplina, Disciplina e modos de Prevenção da Indisciplina que serão analisados na perspetiva de vários autores reconhecidos de modo a que o presente trabalho possa ser credibilizado e aceite como tema de estudo válido do ponto de vista científico.

4.5.1 A Disciplina

Para que, melhor se possa compreender o conceito de Indisciplina, objeto de estudo do Tema de Investigação presente neste documento, torna-se necessário clarificar o conceito de Disciplina, sendo que o primeiro virá como uma oposição do segundo, já que, segundo Alves e Campos (2003), citados por Pinto (2014), “os atos e condutas manifestados pelos alunos e legitimados pelo professor no contexto regulador da sua prática pedagógica são tomados como comportamentos de disciplina, enquanto os atos e condutas não legitimados pelo professor são tomados como comportamentos de indisciplina” (p.12).

Além deste aspeto importa ainda salientar que, no que concerne à disciplina e falta dela, as noções de cidadania dos alunos interferem diretamente com as regras estabelecidas pela escola ou pelo professor, já que:

“A disciplina estabelece a ordem, o respeito pelo outro [e nesse] sentido, Amado e Freire (2009) referem que os conceitos de disciplina e de indisciplina possuem também uma “dimensão que os aproxima das problemáticas da cidadania, do saber estar com os outros, do respeito mútuo [e] da capacidade de autocontrolo que permita não pôr em causa a liberdade dos outros”” (Carvalho, 2013, p. 15).

Neste sentido e por forma a estabelecer como critérios um dos princípios orientadores da carreira docente, consagrados na Lei de Bases do Sistema Educativo que diz que o professor deve “assegurar o direito à diferença, mercê do respeito pelas personalidades e pelos projectos individuais da existência, bem como da consideração e valorização dos diferentes saberes e culturas” (artigo 3.º, alínea d)), e o princípio consagrado na Declaração dos Direitos da Criança que refere que “a criança têm direito à educação . . . [devendo] ser-lhe ministrada uma educação que promova a sua cultura e lhe permita, em condições de igualdade de oportunidades, desenvolver as suas aptidões mentais, o seu sentido de responsabilidade moral e social. . .” (Declaração dos Direitos da Criança, Assembleia Geral, princípio 7.º) é dever da instituição de ensino assegurar não só a educação, ao nível dos conhecimentos científicos dos alunos, como deve, também, prepará-los para viverem em sociedade de acordo com as normas de cada realidade. Dessa forma, o saber estar em sala de aula, o saber brincar, partilhar, dividir, aceitar as opiniões diversas ou até mesmo argumentar as suas próprias, são ensinadas muitas vezes na escola e, esta instituição, não deveria “excluir” os que não a têm em casa; deveria, sim, ajudar a que esses se integrassem, encaminhando-os para o sucesso, promovendo a igualdade de direitos.

No que respeita ao papel do professor, este deve ajudar os seus alunos a adquirirem competências sociais imprescindíveis ao bom funcionamento das aulas e assim, contribuir para a manutenção da Disciplina nas aulas, bem como o sucesso académico dos mesmos. As crianças, especialmente, em tenras idades, passam por

processos de aprendizagem novos e que nem sempre são de espontânea aquisição; nestes casos, podem surgir frustrações e conflitos, normais e comuns com os quais os professores têm de saber lidar e a forma como são corrigidos e resolvidos poderá ter grandes implicações para o futuro:

“For those students who come from abusive or neglectful homes, there is research indicating that when there has been a teacher, counsellor or relative in the student’s life who has established a close relationship with that student, the long-term outcome for that student has been much better than for those who lack a close relationship with an adult during the early years”¹ (Webster-Stratton, 1999, p. 30).

Como é do conhecimento geral, faz parte do crescimento aprender a lidar com as frustrações e ganhar noções do certo e do errado, tal como faz parte deste mesmo crescimento experimentar o desconhecido, o que se diz ser “mau”, para aprender a encontrar as melhores soluções/ os melhores caminhos, em harmonia com as leis da nossa sociedade. A instituição tem a função de unificar os conceitos de cidadania dos seus alunos, já que acaba por uniformizar os valores e atitudes que estes já conhecem e os ensina a viver em sociedade, tornando-os em seres mais justos e civicamente responsáveis. Assim, cabe aos professores perceber os diferentes tipos de personalidades e valores associados que possuem os seus alunos e trabalhar com eles, no sentido de lhes clarificar e uniformizar, sem que se entre em conflito com as culturas próprias de cada um. Até porque:

“não há ‘receitas’, ‘fórmulas’ já prontas para as situações de indisciplina, dado estas serem relacionais e circunstanciais. Cada caso é um caso, cabendo a cada agente educativo procurar mobilizar, em cada situação, a sua capacidade de diagnóstico, o bom senso, a capacidade de reflexão em articulação com o quadro de referências da própria organização, no sentido de encontrar as soluções mais

¹ “Para os alunos que vêm de lares abusivos ou negligentes, existem pesquisas que indicam que quando existe um professor, conselheiro ou próximo na vida do estudante que estabeleça uma estreita relação com esse aluno, o resultado a longo prazo é mais vantajoso para o mesmo em comparação com os alunos que não têm uma relação estreita com nenhum adulto durante os primeiros anos.

adequadas para os problemas com que se deparam (Amado & Freire, 2009, citado por Palma, 2011, p. 24).

É também essencial que o professor saiba gerir toda a sua intervenção de modo a minimizar os comportamentos indesejados, até porque “os bons gestores são aqueles que conseguem criar na sala de aula uma atmosfera que, sendo calma e relaxada, transpira actividade virada para objectivos. Um ambiente de trabalho” (Silva, 2005, p. 10).

Nesta perspetiva, a Disciplina, quer na escola, quer na sala de aula, não é mais que um conjunto de valores e regras que ajudam à manutenção e paz do trabalho que é realizado nas mesmas, interligando-se, na maioria das vezes, com os valores e regras da nossa sociedade.

Finalmente importa diferenciar as noções de disciplina e castigo, até porque os dois conceitos são abordados, em alguns casos, como tendo o mesmo significado e a verdade é que isso seria um erro até porque “a disciplina é algo que se cultiva, estimula e deve impor, sendo fundamental para o harmonioso funcionamento das relações humanas numa família e sociedade” (Ribeiro, Malta & Magalhães, 2011, p.56), ao contrário do:

“*castigo* [que] corresponde a uma prática (por ação ou omissão), que tem usualmente como objetivo promover a correção, punindo ou reprimindo a indisciplina ou uma conduta que se considera incorreta, no sentido de induzir uma mudança de atitude ou comportamento” (Ribeiro, Malta & Magalhães, 2011, p.57).

4.5.2. A Indisciplina

Apesar da definição de disciplina e indisciplina apresentada por Alves e Campos (2003), citados por Pinto (2014), importa salientar que estes conceitos podem assumir várias interpretações decorrendo das experiências, bem como de outros fatores, de cada indivíduo. Por vezes os dois conceitos são entendidos como um só e, até podem ter diferentes conotações, tendo em conta o contexto. A verdade é que dois professores de um mesmo contexto podem entender determinados comportamentos, por parte dos alunos, de formas completamente diferentes. Para um deles, o aluno levantar-se da mesa

sem pedir autorização pode ser motivo de repreensão, enquanto que para outro, para existir uma repreensão, teria de existir um comportamento mais gravoso, como a violência. Num contexto, um aluno falar sem ser na sua vez pode ser considerado um comportamento grave, enquanto que noutra contexto pode ser considerado um comportamento normal. Assim, determina-se que os conceitos de disciplina e indisciplina podem ser “balizados” de forma diferente pelos professores tendo em conta as vivências e experiências destes, o grupo de alunos, o contexto familiar dos alunos, o contexto de sala de aula ou da escola e até a dinâmica das aulas pode influenciar os comportamentos destes. Um mesmo professor pode “alargar” ou “diminuir” os limites do que considera ser a indisciplina em diferentes contextos. Os autores Amado e Freire (2009), relativamente a este assunto, relembra um estudo empírico, realizado por Helena Oliveira (1998), cuja conclusão refere que “os professores reagem aos acontecimentos em função de “um corpo de convicções e de significados conscientes ou inconscientes, que surgiram da experiência íntima”” (p. 27).

Desta forma, e para que melhor possamos entender a indisciplina, Amado e Freire (2009), citados por Pinto (2014), dividem-na em três níveis distintos: “Desvio às regras de trabalho”, “Perturbações nas relações entre pares” e “Problemas da relação entre professor-aluno” (p. 12).

No que diz respeito ao primeiro nível da indisciplina, os “Desvios às regras de trabalho” estes ligam-se sobretudo ao trabalho feito na sala de aula, identificado como contemplando comportamentos desviantes que os alunos tomam, que vão de encontro com as regras estabelecidas pelo professor e que prejudicam o bom funcionamento das aulas. Acerca deste assunto, Amado e Freire (2009), explicitam que:

“O caráter de “Indisciplina” é imputado a estes comportamentos em virtude da “perturbação” que causam ao “bom funcionamento” da aula . . . e, por não estarem de acordo com uma espécie de “compromisso” muitas vezes tácito que “obriga” os alunos a cumprirem os “rituais” e a empenharem-se nas atividades propostas pelo professor” (p. 11).

Já no que concerne ao segundo nível, as “perturbações nas relações entre pares”, este liga-se diretamente ao campo social, reconhecendo-se pelos comportamentos que

os alunos têm nas suas relações pessoais e que se podem traduzir em situações de violência, agressividade, desrespeito e exclusão. Este nível de indisciplina, no seio do grupo turma pode interferir diretamente com o ambiente da sala de aula, já que tornará as relações entre pares e entre turma mais conflituosas não contribuindo para o bom funcionamento da aula, além de outros problemas graves ligados aos alunos e às suas capacidades sociais. Finalmente, o terceiro nível, “Problemas de relação entre professor-aluno”, diz respeito a comportamentos que podem por em causa a autoridade do professor e que podem constituir-se em atos de violência e desrespeito contra o mesmo (Pinto, 2014, pp.12 a 13).

Quando se referem os comportamentos desviantes estes estão diretamente ligados à indisciplina. Os comportamentos desviantes são vistos como comportamentos inadequados que vão de encontro às práticas ditas aceitáveis que o professor permite na sua sala de aula. Assim, os comportamentos desviantes são comportamentos que levam à indisciplina e que perturbam o bom funcionamento das aulas, entre os quais é possível nomearem-se como comportamentos menos graves: entrar na sala de boné, levantar-se sem pedir autorização, falar sem ser na sua vez, falar com o colega do lado no tempo da aula, interromper o professor ou não colaborar nos trabalhos em aula; já no que diz respeito a comportamentos um pouco mais graves são apontados o danificar o material da sala ou dos colegas, responder à professora, copiar num teste ou dizer asneiras. E finalmente, comportamentos mais graves, como é o caso de agressões físicas ou verbais aos colegas e professores, desrespeito pelas ordens do professor ou sair da sala sem autorização.

4.5.3. Como combater a Indisciplina

Como já referido em pontos anteriores, é expectável que as crianças em tenras idades e até, posteriormente, ponham em causa as regras estabelecidas pelos professores, ou pelos adultos que os educam. É normal, os alunos experimentarem e testarem os limites do professor/ mentor, procurando o seu lugar no grupo. Por esse motivo, é importante que o professor esteja pronto para enfrentar os conflitos que lhe sejam apresentados com uma postura profissional, lembrando os ganhos que podem advir da conversa e da argumentação e, sobretudo, deve tentar ser sempre o mais justo possível, sem cair no erro de cometer injustiças com os seus alunos, já

que poderá, entre outros problemas, aumentar a exclusão de determinados alunos no seio do grupo. “Neste sentido, as normas sociais e as ordens das autoridades são aceites e cumpridas desde que se apoiem em normas de equidade e imparcialidade, ou por outras palavras, uma autoridade é considerada legítima, na medida em que for considerada justa” (Sanches, 2007, p. 16).

No que respeita ao combate à Indisciplina, os autores consultados nomeiam várias estratégias de gestão de conflitos em sala de aula, concentrando-se nas soluções a longo prazo. De entre as quais destaco Serralha (2007), que analisa um dos grandes alicerces de combate aos conflitos na sala de aula da metodologia do Movimento de Escola Moderna, o conselho, que com a sua “resolução cooperada de conflitos, os que nela participam podem ampliar a sua perspectiva por meio da argumentação dos companheiros, uma vez que durante a negociação de uma tomada de decisão conjunta se confrontam, continuamente, com perspectivas diferentes da sua” (p. 281).

Ainda assim, existem outras estratégias que vão ao encontro da problemática estabelecida e que podem ser analisadas, já que contribuirão para a melhoria do ambiente na sala de aula e, conseqüentemente, para a melhoria do ambiente de ensino e aprendizagem dos alunos que é o objetivo que se pretende conseguir com este estudo. Dessa forma importa compreender que, estando um professor perante um problema com necessidade de o solucionar:

“Cada caso é um caso, cabendo a cada agente educativo procurar mobilizar, em cada situação, a sua capacidade de diagnóstico, o bom senso, a capacidade de reflexão em articulação com o quadro de referências da própria organização, no sentido de encontrar as soluções mais adequadas para os problemas com que se deparam” (Palma, 2011, p.24).

Tendo estas premissas em consideração, dever-se-á iniciar esta prática desde os primeiros dias de aulas, com os alunos. Muitos autores, como Amado (2009), Cristina Palma (2005), entre outros, defendem a prevenção como a melhor arma contra a violência e a indisciplina, referindo ainda que apesar de todos os cuidados e estratégias que os professores possam adotar, é sempre possível não conseguirem chegar a todos os alunos e alguns casos de indisciplina podem permanecer. Nesse sentido, o docente deve,

antes de qualquer juízo de valor, repensar e refletir acerca da sua prática profissional e das metodologias de ensino adotadas. Tal como refere Sampaio *et al.* (2001), as metodologias adotadas e o modo como o professor gere a sala de aula assumem um fator importante no combate à indisciplina, pois:

“só quando formos capazes de, dentro da sala de aula, nas diversas vertentes das disciplinas e com estratégias de pedagogia diferenciadas, quando formos capazes de co-construir esse espaço de liberdade, então estaremos a construir a construir a disciplina e estaremos obviamente a construir a aprendizagem” (p.15).

No que diz respeito à relação pedagógica entre professor e aluno, Amado (2001), citado por Palma (2011), refere que “quando as expectativas que os alunos criam em relação ao professor (professor com capacidade de manter a ordem; explicar e ensinar; atuar com humor, justiça e amizade) falham, são desencadeadas situações de indisciplina” (p. 26). Nesse sentido, importa que o professor mantenha uma postura estável e coerente com as suas atitudes e que saiba proporcionar, aos seus alunos, aquilo para que foi formado: uma educação científica e moral, mas também, segurança, paz de espírito, que consiga criar momentos de trabalho em silêncio facilitadores da aprendizagem e, até, carinho e uma palavra amiga, quando necessários. Além disso, o professor deve gerir a dinâmica das aulas de modo a que não propicie este tipo de comportamentos; desde já, tentando encontrar atividades lúdicas e do interesse do grupo de alunos e construindo a sua relação na base da democracia e da negociação. Assim os alunos deixam de ser meros peões no trabalho do professor e passam a ser considerados como elementos que fazem parte da dinâmica da escola; estes fazem parte das tarefas e das decisões que são tomadas em prol da comunidade escolar. Desta forma, os alunos sentir-se-ão responsabilizados com determinadas tarefas e não terão tanto espaço para enveredar por “maus” caminhos. De qualquer maneira, quando estes comportamentos persistem, deve ser dado um espaço ao diálogo como forma de tornar os alunos mais capazes de resolver e gerir os seus próprios conflitos.

Ainda no âmbito da prevenção, Amado (2011), citado por Palma (2011), refere a importância das regras para uma melhoria nos comportamentos. Quer sejam as regras da escola, quer as da sala de aula, os alunos devem ter acesso a uma lista de regras, bem visível, que possam consultar e absorver. “Um sistema de regras bem definido é indispensável para se obterem os objectivos previstos, na medida em que permite ao estudante melhor saber o que se espera dele” (p.31). A ausência ou não clarificação das mesmas vai dificultar o trabalho na sala de aula e poderá, também, afetar os alunos e potenciar o aparecimento de comportamentos desviantes. Já no que diz respeito às regras impostas, o professor deve clarificar o motivo das mesmas e ser assertivo no seu cumprimento (se possível, construí-las com a turma), especialmente, nos primeiros dias de aulas, em que os alunos ainda estão em processo de apropriação e irão testar a gravidade do seu incumprimento e a própria autoridade do professor.

Apesar da prevenção minuciosa e das estratégias pedagógicas, nomeadamente, na condução das aulas, com vista a uma maior dinâmica de trabalho e menor espaço para comportamentos desviantes, é sempre possível e será, também, expectável que, por vezes, surjam momentos de angústia e frustração que provoquem a indisciplina no seio do grupo ou com elementos individualmente. Ainda assim, é comum que as crianças nem sempre saibam como se devem comportar num dado momento de frustração e cabe ao professor e, por que não ao grupo turma, ajudar esse elemento a perceber como melhor se devem enfrentar as situações.

Já no concerne às estratégias de diminuição dos comportamentos indesejados, estas podem ser variadas e seguir várias correntes pedagógicas diferentes. Neste caso, seguiu-se uma linha didática que toca alguns dos fundamentos comportamentalistas, associado a outros, de ordem construtivista. No que concerne ao primeiro, “o comportamentalismo é uma teoria, o qual descreve o comportamento observado como uma resposta previsível face à experiência” (Papalia, D.; Olds, S. & Feldman, R., 2001, citado por Fresca & Santos, 2010\2011, p. 3); já o segundo baseia a aprendizagem como uma construção em que os alunos detêm um papel ativo.

Assim sendo, após as observações necessárias para o Tema de Investigação recolhidas, elaborou-se um Plano de Ação com o intuito de diminuir os comportamentos indesejados e aumentar a frequência dos comportamentos desejados. Respondendo a um ponto de vista mais construtivista do ensino e indo ao encontro de uma das recomendações de Webster-Stratton (1999), *“teachers can involve students . . . in developing the classroom rules and discussing why they are important”*²(Webster-Stratton, 1999, p. 51); foram trabalhadas regras, criadas a partir da discussão em aula, com os alunos. Desta forma, tornaram-se as aprendizagens mais significativas e contextualizadas. Após a escolha da regra a trabalhar, foi elaborado um cartaz para o registo do desempenho dos alunos. Nesse cartaz estava exposta a regra: construída sob a forma de frase afirmativa (exemplo: colocar o dedo no ar para falar e esperar a sua vez). Desta maneira, os alunos, pela forma como a frase está construída, sabem exatamente o que é esperado dos mesmos, até porque e segundo Webster-Stratton (1999), *“Classroom rules and expectations should be clearly spelled out, posted in the classroom, and reinforced when students follow them. . . The rules should be stated in terms of observable behaviors”*³ (p. 50 e 51). À parte disto, o cartaz figurava uma imagem que repercutia o comportamento desejado tal como também é defendido por Webster-Stratton, citada por Silva (2005), que sugere “a utilização de figuras ilustrando comportamentos considerados desejáveis, acompanhados de uma grelha de registo onde figuram os dias da semana” (p. 12).

No mesmo cartaz, estaria, então, uma tabela com o nome dos alunos e cinco estrelas para cada um deles (as estrelas correspondiam a uma semana de trabalho; uma por cada dia); estas eram pintadas de acordo com o sucesso dos alunos. Quando estes cumpriam a regra, era-lhes pintado uma estrela de verde. Já no caso de cumprirem, mas não ter sido em todas as ocasiões, era-lhes pintado uma estrela de laranja. Quando o número de vezes que os alunos cumpriam a regra era insuficiente

² Os professores podem envolver os alunos na criação das regras da sala e discutir a sua importância.

³ As regras da sala de aula e as expectativas que temos dos alunos devem ser, claramente, enunciadas, expostas na sala e devem ser reforçados os alunos que as seguem. As regras devem ser formuladas sobre forma de comportamentos observáveis.

para terem uma avaliação positiva, não lhes era atribuída nenhuma cor, ou seja, no final do dia, o aluno não era punido por não ter conseguido o objetivo; ainda assim, ao ver os seus colegas a serem realçados positivamente, esperava-se que os alunos com piores resultados tentassem imitar os seus pares e se esforçassem mais no dia seguinte. No final da semana, eram analisados os resultados obtidos e feito um balanço semanal da regra trabalhada, a fim de perceber, se a mesma havia tido o efeito pretendido: melhorar o ambiente da sala de aula e proporcionar momentos de trabalho organizado.

De forma a que se pudesse seriar todo este trabalho, sentiu-se a necessidade de criar um sistema contável para que, no final do dia, fosse mais fácil e rápida a atribuição das estrelas, desse modo, pensou-se em oferecer fichas, de cada vez que os alunos cumprissem a tarefa, no entanto, em regras como, “Pôr o dedo no ar para falar” e, tendo em conta, que muito do trabalho desenvolvido nas várias áreas do saber foi feito em grande grupo, o número de vezes que os alunos colocariam o dedo no ar, seria demasiado para que o professor pudesse, sem interromper a aula e sem causar distúrbio ou injustiças, ofertar uma ficha. Assim, pensou-se em dar, aos alunos, no início de cada dia, 10 fichas, para que todos tivessem a mesma oportunidade de atingir o sucesso. De cada vez que o aluno não colocava o dedo no ar ou não falava sem esperar que lhe dessem a palavra, era-lhe retirada uma ficha. Apesar de poder existir a crença de que este método está a punir os alunos por atos negativos, não surgiu uma melhor forma de o fazer, atendendo às especificidades já descritas. Além disso, e tendo em conta os Estádios de Desenvolvimento, propostos por Piaget, esta turma encontra-se no Estádio Pré-Operatório, onde ainda existe muito egocentrismo, por parte das crianças, o que, neste caso, se jogou a favor do Plano: os alunos fariam o que pudessem para não ter de ficar sem as “SUAS” fichas.

Surgia, ainda, outro problema: devido à tenra idade dos alunos e à sua, conseqüente, imaturidade, guardar 10 fichas diariamente poderia provocar desordem e conflitos desnecessários e que poderiam por em causa todo o processo. Assim, para resolver o problema, recorreu-se a copos de plástico que, contendo o nome de cada aluno escrito, estaria colado nos lugares de cada um deles. Os copos estavam colados nas mesas, com cola adesiva dupla face, para que as crianças não

conseguissem manipulá-los livremente. Todas as manhãs, as professoras contavam o número de fichas de cada um e, ao longo do dia, iam sendo retiradas aquando do desrespeito da regra em causa.

É importante salientar que na primeira semana, o trabalho de regulação das fichas foi delegado às professoras, contudo, a partir da segunda semana, os alunos dispuseram de mais um copo de plástico, colado na mesa, ao lado do antigo, para que, eles mesmos fizessem essa gestão. Assim, procurou-se inicialmente criar um modelo e ajudar a compreender o sistema e, posteriormente, os alunos foram avaliando a suas próprias atitudes.

O critério de sucesso seria:

- 7 fichas ou mais (7,8,9 ou 10) = uma estrela pintada de verde;
- 5 e 6 fichas = uma estrela pintada de laranja;
- Menos de 5 fichas (1,2,3 ou 4) = nenhuma estrela pintada.

5. APRESENTAÇÃO FUNDAMENTADA DO PROCESSO DE INTERVENÇÃO EDUCATIVA COM DESTAQUE PARA O TEMA EM ESTUDO

5.1 Princípios Orientadores do Plano de Intervenção

Os princípios orientadores que fizeram parte da ação pedagógica do grupo de estagiárias foram, em todas as ocasiões, ao encontro das intenções educativas que a professora cooperante privilegia. Tal como foi descrito em parágrafos anteriores, a docente adota uma pedagogia influenciada, em certos aspetos, pelo MEM. Enquanto organizadoras sociais das aprendizagens dos alunos procurou-se coadunar os seus interesses e as suas vontades, organizando-os de forma a proporcionar-lhes a aquisição de novos conhecimentos, procurando, em simultâneo cumprir o estipulado pelo currículo nacional.

A teoria piagetiana da aprendizagem ativa e a teoria sócio-construtivista de Vigotsky estiveram subjacentes aos princípios pedagógicos que foram implementados. Assim, procurou-se contribuir para que se fizesse “nascem, estimular e activar na[s] criança[s] um grupo de processos internos de desenvolvimento . . . que, progressivamente, são absorvidos pelo curso interior do desenvolvimento e se convertem em aquisições internas das crianças.” (Vigotsky, 1977, citado por Niza, 1998, p. 3). Numa perspetiva sócio-construtivista, o conhecimento constrói-se através das interações que se estabelecem, no entanto, estas devem ser estruturadas e organizadas. Posto isto, no decorrer do estágio de intervenção educativa, foram proporcionadas, aprendizagens ativas e significativas, aos alunos. Para tal, a construção do conhecimento baseou-se, sempre, nos conhecimentos prévios dos alunos e, dentro do possível, nas suas vivências/experiências, procurando proporcionar, assim, um ambiente estimulante de aprendizagens ativas e, conseqüentemente, significativas (anexo F).

Outro dos princípios fundamentais, ao longo da intervenção foi o destaque dado à comunicação. Foi imprescindível que, no decorrer do trabalho realizado com o grupo de alunos, se privilegiasse os circuitos de comunicação, dado que a mesma ajuda na divulgação dos conhecimentos e, dessa forma, além de uma aprendizagem significativa de uma determinada área do saber, os alunos ganharam competências ao nível da

oralidade, tão precisa nos dias que correm. As comunicações foram realizadas sob diversas formas e interligadas com várias áreas do saber; quer fosse em exposições mais formais/ informais, quer no relato de acontecimentos /factos, partilha de conhecimentos e troca de saberes, ou mesmo apresentações espontâneas dos alunos, todas as semanas este princípio era posto em prática, já que e segundo Niza (1998), os “circuitos múltiplos de comunicação estimulam os alunos a desenvolver formas variadas de representação e a construírem, em interação, os conhecimentos sobre o mundo e a vida” (p. 3) (anexo G). Poder-se-á afirmar que os alunos responderam bem a esta metodologia, notando-se um aumento do seu léxico e a vontade de escrever textos cada vez maiores de forma autónoma (o que para uma turma de 1.º ano é surpreendente), mostrando que a oralidade já não seria um caminho suficiente para o seu diálogo e a exploração dos seus pensamentos e criatividade; os alunos aprenderam a gerir os seus próprios conflitos, argumentando defesas e acusações e chegando a acordos, por meio do diálogo (anexo H).

Um terceiro princípio que orientou a ação pedagógica foi o da participação democrática, que incluiu a democracia na interação escolar e formativa, uma dimensão fundamental enquanto formação para a vida democrática. Deste modo, desencadearam-se situações e atividades distintas, nomeadamente o Conselho de Cooperação Educativa, onde os alunos puderam confrontar problemas sociais escolares, colocando em comum atitudes, valores e competências sociais e éticas, de modo a que estes pudessem experienciar e desenvolver a democracia na escola. A circulação e utilização de informação e cultura quer-se democrática, fomentando uma partilha constante de saber, pois “é por demais evidente, que o ensino (a cartilha de conhecimento) é a forma mais consistente de aprender.” (Bruner, 1997, citado por Niza, 1998, p. 8). Possibilitar esta partilha de saberes confere sentido social à comunicação e à cooperação que sustentam a democracia. Assim sendo, além da partilha de ideias e gestão dos conflitos, os alunos também fizeram parte das decisões tomadas nas aulas, como é exemplo da escolha de tarefas, propostas de atividades, propostas de comunicações, gestão do espaço e regras da sala.

A diferenciação pedagógica apresenta-se como outro dos princípios, da prática educativa, desenvolvidos. A escola e, conseqüentemente, os professores têm o dever de

criar mecanismos de discriminação positiva, de modo a proporcionar um ensino que garanta uma aprendizagem efetiva. Para tal, foi necessário atender às especificidades de cada criança o que diferenciou o ensino. Sempre que foi possível adequaram-se os processos de aprendizagem a determinados alunos.

As estratégias de diferenciação pedagógica exigem uma gestão diferenciada das aprendizagens no seio de uma turma, o que se torna positivo e benéfico, pois “a contextualização e a diferenciação da acção da escola e dos professores, de modo a garantir melhor as aprendizagens de todos os alunos” (Roldão, 2003, p. 20) facilita a integração dos mesmos. Coube aos professores procurarem soluções e empregarem esforços para que todos os alunos, com as suas individualidades, se integrassem na turma, interagissem entre si e que, acima de tudo, construíssem o seu conhecimento, pois uma das prioridades, ao longo da intervenção, foi o de combater o insucesso escolar. Neste sentido, existiram, em momentos de trabalho autónomo, apoios prestados de forma mais individualizada e que, reconhecendo que o trabalho de três pessoas é sempre uma mais-valia, os alunos com mais dificuldades tiveram um “pulo” de conhecimentos e capacidades durante os dois meses de intervenção.

Em determinadas atividades, foram dadas, aos alunos, tarefas diferenciadas de modo a adequar as aprendizagens, às capacidades já adquiridas. Ainda assim, na maioria das vezes, os alunos realizaram o mesmo trabalho, até porque o desnível de conhecimentos dos alunos não é tanto, assim, que tivesse havido necessidade de realizar muitos ajustes ao plano. Finalmente, em momentos coletivos (os mais presentes na intervenção), o par de estágio agia, estrategicamente, direcionando questões a certos alunos, tendo como objetivo o desenvolvimento das suas competências. Um exemplo desse comportamento foi em atividades como o Número do Dia ou na, simples, rotina de escrever a data no quadro; existiam cerca de 3/4 alunos que não dominavam a sequencialidade dos dias da semana e, todos os dias, um desses alunos era escolhido para relembrar o dia da semana em que estávamos, qual havia sido o dia anterior e qual seria o seguinte. Numa tarefa, relativamente, rápida e simples, todos os alunos melhoraram esta capacidade.

Na qualidade de estagiárias e seguindo outro dos princípios da docente cooperante exercemos o papel de mediadoras do processo ensino/aprendizagem. Desta

forma, e, de modo incessante, as atividades, por nós acompanhadas, contribuíram para o desenvolvimento de competências e para a consecução dos objetivos definidos. Por outro lado, organizaram-se e regularam-se as atividades desenvolvidas em trabalho de projeto, assim como no TEA, apoiando os alunos com necessidades específicas.

Todos os princípios orientadores, aqui descritos, constituem-se como um plano geral que permitiu auxiliar os alunos a aprender determinados conhecimentos, atitudes e competências, tendo em conta o que é defendido por Niza (1998), de que a pedagogia deveria ser entendida como cultura, “algo por nós construído para guiar a acção, mas logo transformado pela reflexão crítica para melhor acompanharmos os contextos e as ideias em devir.” (p. 2).

5.2. Estratégias Globais de Intervenção

5.2.1. Organização do Espaço e dos Materiais da Sala de Aula

O modo como o espaço em sala de aula esteve organizado, assim como os materiais, nele, presentes, possibilitaram a metodologia de trabalho preconizada pela orientadora cooperante e, acima de tudo, vai ao encontro dos princípios pedagógicos descritos acima. A organização do ambiente de trabalho proporciona um envolvimento que contribui e facilita a aprendizagem curricular. Por esta razão, não existiram alterações ao nível da organização espacial (anexo I).

As mesas dispostas de forma a possibilitar o trabalho de grupo, bem como a distribuição espacial dos alunos contribuem para atingir os objetivos gerais estipulados. Contudo, sempre que o trabalho o exigiu foram realizadas pequenas alterações na disposição dos alunos ou, até mesmo, no modo como as mesas estavam organizadas. A organização da sala em grupos potenciou o trabalho cooperativo e o desenvolvimento de atividades de carácter colaborativo, conforme se pretendia.

Os materiais estavam, também eles, arrumados e organizados por áreas curriculares, pelo que se deu continuidade ao tipo de organização existente na sala. O modo de organização dos materiais coletivos, assim como a sua classificação facilitou a utilização dos mesmos pelos alunos, assim como a sua arrumação. O facto de os materiais estarem situados em zonas de fácil acesso é bastante importante porque

permite que os alunos acessem aos mesmos sem dificuldades, tornando-se mais autónomos, aliando ao facto de que existem tarefas semanais ligadas à gestão e arrumação dos materiais em que os alunos participam, isto também lhes confere, alguma responsabilidade. Durante a intervenção, foram afixados, nas paredes da sala, alguns instrumentos de pilotagem do trabalho, como o diário de turma (anexo H), um mapa de registo dos ficheiros já realizados e os trabalhos realizados pelos alunos (anexo J).

Ao longo da intervenção pedagógica os materiais disponíveis na sala continuaram a ser utilizados, nomeadamente os ficheiros, que serviram para orientar o trabalho nos momentos de TEA. Já nos momentos coletivos todos os materiais, tarefas e exercícios necessários foram elaborados e estruturados pelas estagiárias, mobilizando material já existente na sala e outros, requisitados na Escola Superior de Educação de Lisboa (ESELX) (anexo K).

5.2.2. Organização Social da Aula e Tipos de Interação

Conforme o que foi descrito acima, a sala esteve organizada de modo a que os tipos de interações sociais fossem o mais diversificados possíveis, atendendo às diferentes atividades que se propuseram. Neste sentido, o trabalho de grupo foi privilegiado inicialmente, uma vez que a maioria das atividades que se realizaram com a turma, assim o exigiam, partilhando saberes de modo a que todos atingissem um mesmo objetivo. O trabalho a pares foi, também, fomentado em determinadas atividades que, posteriormente aumentaram de regularidade por se reconhecerem vantagens significativas neste modo de organização. Apesar disso, os pares partilharam sempre com a restante turma os resultados e conclusões dos seus trabalhos. É ainda de realçar que, aquando da formação dos grupos, quer fossem de dois ou mais elementos, existiram dois fatores influenciadores dessas escolhas: por um lado a atenção às características dos alunos, incluindo as suas necessidades e, por outro, à sua disposição inicial.

Relativamente ao trabalho individual, este foi, quase exclusivamente, delegado para os momentos de TEA, ainda que tivessem surgido, também, noutras situações que, assim, o exigiram, como em momentos de avaliação formativa (anexo L).

5.2.3. Instrumentos de Registo de Organização e Pilotagem do Trabalho

Como forma de organizar e pilotar o trabalho desenvolvido durante a intervenção educativa, definiu-se um conjunto de instrumentos de pilotagem e registo do trabalho desenvolvido, aquando da elaboração do PI, que foi sendo, dentro do possível, preenchido pelos intervenientes da ação pedagógica.

No quadro que se segue, estão descritos e organizados os instrumentos de registo e pilotagem do trabalho categorização. É possível, nos anexos H, M e N, verificarem-se alguns exemplos desses mesmos instrumentos.

Quadro 3 – Instrumentos de Registo de Organização e Pilotagem do Trabalho

Instrumentos de Regulação	Instrumentos de Pilotagem	Instrumentos de Avaliação
<p>PIT – Plano de trabalho que orienta e regula o trabalho individual realizado pelos alunos durante o TEA.</p>	<p>Diário de turma – Instrumento de registo de situações ocorridas e sugestões.</p> <p>Grelhas reguladoras dos ficheiros – Instrumento que regula os ficheiros realizados pelos alunos.</p> <p>Grelhas reguladoras de reguladoras do TEA – Instrumento, preenchido pelas estagiárias, de modo a regular o percurso dos alunos durante o TEA.</p> <p>Grelhas reguladoras das apresentações – Instrumento que regula as apresentações realizadas pelos alunos.</p> <p>Grelhas reguladoras do trabalho de projeto –</p>	<p>Ficheiros – Documentos destinados ao TEA.</p> <p>Conselho de turma – Momento destinado à discussão das situações registadas no diário de turma.</p> <p>PIT – Instrumento destinado ao planeamento das atividades a realizar durante a semana e sua posterior auto e heteroavaliação.</p> <p>Grelhas de avaliação – Material de suporte à avaliação individual dos alunos.</p> <p>Produtos dos alunos – Materiais</p>

Instrumento que regula o realizados pelos alunos, trabalho realizado em tempo de em grupo ou trabalho de projeto. individualmente.

5.2.4. Gestão do Tempo e Conteúdos de Aprendizagem

A gestão do tempo, no que respeita à Agenda Semanal, sofreu algumas alterações devido à introdução da Natação, TEA, Conselho de Cooperação e diminuição dos tempos de Projetos (a mesma pode ser consultada no anexo H). Posto isto, o horário semanal implementado contemplava um momento para a realização do Conselho de Cooperação, no final da semana letiva; na segunda-feira à tarde, o tempo de TEA era, quase exclusivamente, para rever indicações dos PIT da semana anterior e para preencher o PIT da semana corrente; O trabalho de projeto contou com 2h30 por semana e o TEA era realizado em três momentos da mesma, sendo que cada um deles contava com 1h. As sessões coletivas de Matemática e de Português eram aplicadas respeitando 5h30m semanais, respetivamente. Ainda no horário semanal, eram reservadas 3h para o Estudo do Meio, 2h para as Expressões Artísticas e, por fim, durante o 3.º período a turma frequentava a Natação curricular duas vezes por semana, num total de 5h. No âmbito da Natação o horário era alargado devido às deslocações necessárias. Estes momentos, distribuídos com diferentes cargas horárias, constituíram-se como rotinas de trabalho.

No que se refere aos conteúdos, ao nível da Língua Portuguesa, foi dada continuidade ao processo de aquisição da leitura e da escrita, recorrendo-se ao método global, abordando, no decorrer deste processo, os grafemas D, N, Z, X, H e iniciou-se o estudo do caso de leitura CH. Para tal, foram realizadas diversas atividades de escrita e leitura, nomeadamente, a construção e ordenação de frases, a manipulação de sílabas com o intuito de criar novas palavras, a manipulação de palavras em frases, entre outras (anexo O). Ainda, no decorrer da intervenção foram trabalhados alguns casos de leitura, por exemplo: “ce”, “ci”, “rr”, “nh” e lh”, em trabalho autónomo, nomeadamente no apoio aos momentos de TEA, com a realização de Ficheiros. Ainda, no âmbito desta área curricular foi feita a leitura de 6 obras, algumas delas pertencentes ao plano nacional de leitura, foi realizada a abordagem do texto instrucional, mais concretamente

a receita (anexo P), instruções de jogos (anexo Q), a classificação de palavras quanto ao número de sílabas (anexo R), os sinónimos e antónimos e, também, a leitura de palavras por via direta e indireta. Realizaram-se atividades que contribuíram para a aquisição de competências ao nível da expressão oral, da compreensão oral (anexo S) e escrita direcionada (anexo T) e livre. Relativamente à Matemática, os conteúdos a trabalhar recaíram, essencialmente, sobre o domínio da geometria e medida, números e operações e organização e tratamento de dados. Ao longo das sete semanas trabalhou-se, sobretudo na noção de polígono e suas características (anexo U). Ainda assim, foi trabalhada, também, a noção de comprimento (anexo V), o perímetro de figuras construídas no Geoplano, as figuras geométricas e a área (anexo W). Já no que ao Estudo do Meio diz respeito, foram trabalhados os conteúdos relacionados com os seres vivos (anexo X), nomeadamente, os animais e, também, os conteúdos subjacentes aos conceitos de reciclagem, reutilização, redução, renovação e sustentabilidade (anexo Y). Neste âmbito foram desenvolvidos dois projetos. No que se refere ao ensino experimental das ciências foram realizadas atividades experimentais, tendo em conta os materiais trazidos pelos alunos (anexo Z). Esta é uma prática da cooperante que, em conjunto com as famílias potencia este tipo de atividades, à sexta-feira, como é proposto no PAA do Agrupamento. Desta forma, os alunos, em casa, procuram, em conjunto com os seus encarregados de educação, atividades experimentais passíveis de serem exploradas na sala. Apesar da desconexão evidente com os conteúdos lecionados nessa semana, para dar continuidade ao trabalho da cooperante, o par de estágio dinamizou três destas atividades, elaborando fichas de apoio, procurando explorar os processos científicos subjacentes, desenvolver o espírito crítico dos alunos e, em simultâneo, aumentar o léxico científico dos mesmos. Finalmente e no que respeita às expressões artísticas, foi explorada, essencialmente, a Expressão Plástica, quer fosse em construções de materiais para apoiar outras áreas, quer em trabalhos específicos das festividades (dia da mãe, dia do pai, páscoa) (anexo AA). Neste campo, a Educação Física, não foi explorada pelo grupo de estagiárias, dado que a turma realizou Natação, na quase totalidade do tempo de intervenção; relativamente à expressão musical, não existiu tempo para a sua exploração e, finalmente, no que concerne à Expressão Dramática, apesar de terem existido planificações nesse sentido (anexo AB), que fariam parte de uma das etapas do

projeto da Sustentabilidade, não foi possível realizar as ditas aulas, por motivos alheios ao par. Para uma melhor organização e explicitação dos conteúdos de aprendizagem para cada área curricular, elaborou-se um quadro-síntese (Anexo AC) onde serão apresentados todos os conteúdos trabalhados durante a intervenção, bem como os objetivos gerais que se pretendiam atingir.

É ainda de salientar, o trabalho exercido pelo par de estágio em parceria com a professora cooperante, nomeadamente, no que respeita ao apoio individual prestado aos alunos com mais dificuldades, em momentos de TEA ou de resolução de fichas.

5.2.5. Estratégias Gerais de Intervenção

Decorrente dos objetivos gerais anteriormente definidos e de forma a proporcionar a aquisição e consolidação de conteúdos, assim como permitir desenvolvimento de competências essenciais, definiu-se um conjunto de estratégias globais, aquando da elaboração do PL. A seleção das estratégias permitiu orientar as atividades planificadas. Em seguida, apresenta-se o quadro presente no PI com algumas reformulações, tendo em conta o trabalho desenvolvido em prática.

Quadro 4 – Contributo das áreas curriculares para a concretização dos objetivos gerais.

Objetivos gerais de intervenção	Língua Portuguesa	Matemática	Estudo do Meio	Expressões Artísticas e Atividade Físico-Motora	Competências Sociais
<p>Desenvolver competências de interação social na sala de aula</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Promover o trabalho em grupo. - Promover situações de debate, exigindo uma organização específica de comunicação. - Implementar estratégias de aquisição de regras. - Proporcionar momentos de reflexão coletiva (ex: “Qual a importância, no meu estudo, da regra X?”). - Partilha e discussão de ideias. - Elaboração de regras. 	<div style="background-color: #cccccc; width: 100%; height: 100%;"></div>	<div style="background-color: #cccccc; width: 100%; height: 100%;"></div>	<div style="background-color: #cccccc; width: 100%; height: 100%;"></div>	<ul style="list-style-type: none"> - Elaboração de regras.
<p>Compreender a importância da preservação dos materiais disponibilizados, em prol de um estilo de vida mais sustentável.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Recorrer a situações de produção de resíduos para reforçar as aprendizagens adquiridas. - Reforçar a ideia de que o material cooperativo deve ser preservado. 	<div style="background-color: #cccccc; width: 100%; height: 100%;"></div>	<div style="background-color: #cccccc; width: 100%; height: 100%;"></div>	<div style="background-color: #cccccc; width: 100%; height: 100%;"></div>	<div style="background-color: #cccccc; width: 100%; height: 100%;"></div>

**Desenvolver
competências de trabalho
autônomo**

- Partilha e exposição de produções textuais e orais dos alunos.
 - Texto instrucional: a receita (organização e reciclagem dos resíduos produzidos).
 - Descrição das características dos produtos residuais.
 - Incentivar os alunos a marcarem apoios com os colegas nos momentos de TEA (ZDP).
 - Propor a realização de tarefas em que o grau de complexidade difere.
 - Proporcionar apoios individualizados a alunos com maiores dificuldades.
 - Valorização das diferentes resoluções.
 - Elaboração de fichas extra para alunos com um ritmo de trabalho mais acelerado.
- Classificação de produtos residuais.
 - Comparação entre os resíduos.
 - Abordagem de conteúdos relacionados com a reciclagem.
 - Realização de atividades que promovam um estilo de vida mais sustentável na comunidade escolar.
 - Construção de sinalética de identificação.
 - Construção de materiais recorrendo à renovação e reutilização.
 - ~~Construção de instrumentos musicais a partir de materiais já utilizados (garrafas, etc.)~~.
 - Elaboração de cartazes.
 - Proporcionar momentos de reflexão.

6. ANÁLISE DOS RESULTADOS

6.1. Avaliação das Aprendizagens dos Alunos

A avaliação é um elemento aglutinador e orientador que permite, por um lado, reunir informação sobre as prestações e produções dos alunos e, por outro, pilotar o trabalho que é desenvolvido pelos mesmos. Desta forma, durante a intervenção pedagógica, procurou-se ir ao encontro de uma avaliação de “carácter contínuo e sistemático [que] visa a regulação do ensino e da aprendizagem” (Abrantes, 2002, p. 90), demonstrando, assim, evidências da evolução dos alunos.

Desta forma, recorreu-se a grelhas de avaliação diárias, permitindo reunir e registar informação acerca das atividades desenvolvidas. Construíram-se grelhas de avaliação com os indicadores que se pretendiam avaliar, estes relacionavam-se com os conteúdos planeados no PI. Para uma melhor organização do processo de avaliação, dividiu-se este capítulo em subcapítulos, de acordo com as áreas curriculares.

6.1.1. Competências Sociais

Analisando a grelha de avaliação das Competências Sociais (anexo AD), em comparação com a avaliação diagnóstica realizada, conclui-se que a turma, no seu geral, evoluiu positivamente. No que diz respeito aos indicadores que contribuem para a aquisição de competências no domínio do cumprimento das regras de sala de aula, verifica-se que em 25 alunos, 13 já são capazes de manter sempre o silêncio nos momentos de trabalhos e os restantes, 12 alunos, já o fazem muitas vezes. Neste indicador não se registou nenhum número de alunos que o fizesse raramente ou nunca, ao contrário do que se constatou na avaliação diagnóstica. Sendo esta uma das fragilidades identificadas, conclui-se que foi realizado um bom trabalho neste sentido, visto que os alunos conseguiram atingir esta competência. Quanto ao indicador “colocar o dedo no ar para participar”, outra das fragilidades encontradas, os resultados foram bastante positivos, pois, inicialmente, 10 alunos nunca colocavam o dedo no ar para participar e, realizando uma avaliação final, verifica-se que 17 alunos colocam sempre o dedo no ar, 3 fazem-no muitas vezes e 5, ainda, raramente. No entanto, não existe nenhum caso de um aluno que nunca coloque o dedo no ar.

No domínio do trabalho cooperativo também se verificaram melhorias significativas. Todos os alunos pedem e aceitam a ajuda do professor, 15 participam sempre em atividades com os colegas, quando solicitado, e 15 partilham sempre o material. Aquando a avaliação diagnóstica, apenas 2 alunos partilhavam sempre o material e 2 participam sempre em atividades com os alunos.

No que diz respeito à responsabilidade, 8 alunos empenham-se sempre nas atividades, 9 empenham-se na maioria das vezes e 8 raramente, no entanto, e mais uma vez, não se registou nenhum aluno que não se empenhasse nas atividades. Quanto à preservação do material, 8 cuidam sempre do material escolar, 10 fazem-no muitas vezes e 7 raramente.

Por último, no domínio da participação, que já era um domínio em que os alunos tinham resultados bastante bons. Todos os alunos participam quando lhes é solicitado, 12 participam muitas vezes por iniciativa própria e 14 alunos são sempre pertinentes nas intervenções que fazem.

Para além das grelhas de avaliação por competências e por indicadores, foi realizada uma avaliação geral das competências, apresentada nos gráficos presentes no anexo Z. Analisando o gráfico referente ao domínio do cumprimento das regras de sala de aula, conclui-se que 56% cumprem sempre as regras de sala de aula, 31% cumprem na maioria das vezes e 13% cumprem raramente. No que se refere ao domínio do trabalho cooperativo, 71% trabalha sempre cooperativamente, 15% trabalha muitas vezes e 14% raramente. Quanto à responsabilidade, apesar dos resultados positivos trata-se de uma competência que tem de se continuar a trabalhar, 32% revelam ser sempre responsáveis, 38% revelam-no muitas vezes e 30% é-o raramente. No domínio da participação, 60% dos alunos são sempre participativos, 32% participa muitas vezes e 8% participa raramente. Por último, relativamente ao respeito, 52% respeita sempre os colegas e a professora, 28% respeita a maioria das vezes e 20% respeita raramente.

Face a estes resultados, considera-se que a turma adquiriu competências sociais relevantes que proporcionam um bom ambiente de ensino-aprendizagem. O facto de não se ter registado nenhum aluno que nunca cumprisse um indicador é o dado bastante positivo, visto que aquando a avaliação diagnóstica tal situação não se verificava.

6.1.2. Língua Portuguesa

Para realizar a avaliação das aprendizagens dos alunos no âmbito da área curricular de Português foi construída uma grelha (anexo AE) com todos os descritores de desempenho, conforme o Programa do 1º Ciclo do Ensino Básico, trabalhados ao longo da intervenção. Tal como se pode confirmar através da avaliação diagnóstica, a turma não manifestava grandes dificuldades nesta área curricular. No entanto, existiram alguns progressos e melhorias no processo de aprendizagem. No que diz respeito aos descritores de desempenho do domínio da compreensão do oral todos os alunos revelam capacidades na antecipação de conteúdos com base em ilustrações e livros, revelam também capacidades no reconto de histórias e na resposta a questões acerca do que ouviu. Nos indicadores “retém o essencial de um texto ouvido” e “aprende o sentido global do texto”, apesar de não ter resultados negativos, 6 alunos fazem-no raramente. O indicador mais fraco é o de identificar palavras desconhecidas, existindo 2 alunos que nunca o fazem, 6 que o fazem raramente, 11 muitas vezes e 6 fazem-no sempre.

No domínio da expressão oral, os alunos revelam resultados positivos. Existem 15 alunos conseguem, sempre, articular as palavras corretamente, 6 muitas vezes e 4 raramente. 17 alunos na maioria das vezes refere o essencial de um pequeno texto ouvido e 13 consegue, na maioria das vezes, relatar, recontar ou descrever algum acontecimento ou texto.

No âmbito da leitura, todos os alunos revelam capacidades de leitura, tanto por correspondência som/letra como por reconhecimento global. Existe apenas um aluno, NEE, que ainda não sabe ler. Existe 7 alunos que leem sempre bem, seja por correspondência som/letra como por reconhecimento global. 15 alunos que na maioria das vezes também leem. No indicador relativo à iniciativa para a leitura é que foram registados os resultados menos positivos, uma vez que 3 alunos nunca têm iniciativa para ler e 4 muito raramente.

Relativamente à escrita, a turma revela resultados muito positivos. 22 alunos escrevem sempre textos mediante proposta da professora, assim como respondem, por escrito, a roteiros de tarefas e atividades. 18 alunos na maioria das vezes escrevem legivelmente palavras e frases de acordo com um modelo, enquanto que sem modelo 17 alunos continuam a saber fazê-lo, maioritariamente.

Por fim, quanto ao CEL, todos os alunos realizam sempre bem a flexão em género e 22 alunos a flexão em número. Os casos em que existem alunos que nunca manifestaram realizar determinada competência diz respeito à manipulação de palavras e frases, existindo 3 alunos que nunca o fazem, e na construção de frases, em que os mesmos 3 alunos nunca o fazem.

Por forma a realizar uma avaliação geral da turma por competências realizaram-se alguns gráficos (anexo AF). Da análise conclui-se que no domínio da compreensão do oral 53% dos alunos atingiram os objetivos, 34% atingiu na maioria das vezes, 12% raramente atingiu e apenas 1% não atingiu. Quanto à expressão oral 34% conseguiu realizar os objetivos, 41% concretizou os objetivos muitas vezes e 25% raramente atingiu os objetivos. No âmbito da leitura 27% alcançou o estipulado, 52% alcançou na maioria das vezes, 16% raramente e 5% não conseguiu alcançar. Na escrita mais de metade da turma, 55%, concretizou os objetivos, 38% na maioria das vezes e 7% raramente atingiu os indicadores definidos. No CEL, 57% revelou ter atingido os indicadores estipulados, 34% atingiu maioritariamente, 5% raramente e 4% não atingiu. Perante estes resultados conclui-se que a maioria da turma adquiriu as competências previstas, no entanto, é um trabalho que vai ser continuado nos anos seguintes pelo que as crianças com maiores dificuldades deverão obter resultados cada vez mais satisfatórios.

6.1.3. Matemática

À semelhança das outras áreas curriculares, também em Matemática foi construída uma grelha de avaliação (anexo AG) que dará conta da aprendizagem dos alunos. Sendo esta uma área em que os alunos revelaram ter algumas potencialidades, os resultados da aprendizagem serão positivos. Ao nível das competências previstas pelo domínio de números e operações, os alunos revelam bons resultados, em que entre 8 e 10 alunos conseguiram sempre realizar atividades em que se trabalhou neste domínio. E os restantes conseguiram-no na maioria das vezes. No entanto, no indicador referente à fluência da adição existem 3 alunos que não são fluentes e 4 são raramente fluentes. Quanto ao domínio da geometria e medida, todos os alunos representam e identificam triângulos. Neste âmbito, o reconhecimento de figuras equidecomponíveis é

o indicador em que os alunos revelam mais dificuldades, sendo que 9 alunos fazem-no maioritariamente, 15 alunos raramente reconhecem e 1 aluno nunca reconhece. Já no que se refere ao domínio da organização e tratamento de dados, os resultados foram muito bons. 15 alunos utilizam corretamente os termos «conjunto», «pertence ao conjunto», «não pertence ao conjunto» e 8 alunos utilizam estes corretamente estes termos raramente, 12 alunos constroem conjuntos e 10 fazem-no muitas vezes.

Analisando os gráficos gerais dos domínios (anexo AH) pode-se observar que no domínio dos números e operações 36% adquiriu as competências essenciais, 48% adquiriu a maioria das competências e 15% adquiriram algumas competências. Quanto a geometria e medida, 47% alcançou as competências, 30% alcançou a maioria das competências, 22% adquiriu competências, num número reduzido. Por fim, relacionado com o domínio da organização e tratamento de dados, 54% adquiriu as competências necessárias, 24% adquiriu quase a totalidade das competências e 22% alcançou apenas algumas competências.

6.1.4. Estudo do Meio

Dadas as inúmeras visitas de estudo e o reduzido horário destinado a atividades de Estudo do Meio, foram avaliados os indicadores respeitantes ao tema dos animais (anexo AI), projeto desenvolvido pelos alunos. Relativamente aos dados da tabela conclui-se que 62% dos alunos adquiriram as competências previstas, 29% alcançou a maioria dos objetivos e apenas 9% alcanço um número reduzidos de objetivos.

6.2. Avaliação dos Objetivos Gerais de Intervenção

Os objetivos gerais presentes no PI foram definidos na ótica do aluno. Ainda assim, foi necessário definir objetivos específicos, bem como indicadores que contribuam para esses objetivos, na ótica do aluno para se poder avaliar se os objetivos gerais foram ou não alcançados. Assim, construiu-se uma tabela que apresenta os objetivos específicos para cada um dos objetivos gerais, e será a partir da avaliação desses objetivos específicos que se avaliará se os objetivos do PI foram cumpridos. A tabela será apresentada mais à frente no anexo AI.

Assim, e com base nos gráficos construídos (anexo AJ) apresentar-se-á neste subcapítulo a avaliação dos objetivos gerais de intervenção. Relativamente ao objetivo “*Desenvolver competências de comportamento social na sala de aula*”, constata-se que este objetivo foi alcançado, apresentando resultados bastante positivos. 45% dos alunos adquiriu as competências necessárias, definidas na tabela no anexo AI, contribuindo, assim, para o bom funcionamento das aulas, 41% adquiriu a maioria das competências necessárias e apenas 13% apresenta, ainda, alguma dificuldade no cumprimento das regras. Ainda assim, considera-se que o objetivo foi cumprido tendo em conta os resultados da avaliação diagnóstica referentes às competências sociais. Dado que a turma era constituída, maioritariamente, por elementos perturbadores e sem regras de sala de aula os resultados aqui apresentados são bastante positivos, tendo estes alunos adquirido regras, percebendo a importância das mesmas.

Quanto ao objetivo geral “*Compreender a importância da preservação dos materiais disponibilizados, em prol de um estilo de vida mais sustentável*”, todos os alunos conseguiram adquirir algumas competências nesse sentido. Conclui-se que 43% dos alunos conseguiram alcançar, na plenitude, todos os objetivos específicos estipulados. Estes alunos demonstraram ter compreendido a importância que a reciclagem assume no que toca à preservação do ambiente, assim como a política dos 5R’S. Compreenderem o significado desta política constitui um passo bastante importante para a sustentabilidade. 45% dos alunos alcançou a maioria dos objetivos e, apenas, 13% revelaram algumas dificuldades na compreensão destes aspetos relacionados com a preservação e sustentabilidade do ambiente. Contudo, não existiram casos de alunos que não tivessem adquirido qualquer competência neste sentido.

Por último, para o objetivo geral “*Desenvolver competências de Trabalho Autónomo*”, os resultados, também, foram positivos. Foi um objetivo difícil de alcançar, tendo exigido por parte das estudantes estagiárias um esforço acrescido, no que se refere à procura de estratégias e materiais capazes de responder à diferenciação pedagógica. Tendo sido observado que um dos princípios privilegiados pela professora cooperante era o da diferenciação pedagógica, foi nessa ótica que se constituiu como objetivo a continuidade do trabalho implementado pela docente, assim como de outras rotinas já

instituídas. 44% dos alunos revelou ter adquirido autonomia na realização de atividades, de forma progressiva, dado as estratégias didático-pedagógicas adotadas. Para além da aquisição de autonomia, os alunos revelaram, também, ter adquirido capacidade para diagnosticar as suas dificuldades e procurar formas de as ultrapassar. Este facto foi observável no decorrer do TEA, rotina implementada pela professora e continuada pelas estagiárias. Para 42% dos alunos as rotinas revelaram ter impacto no seu percurso escolar, tendo adquirido alguma autonomia e consciência das dificuldades. Já para, apenas, 14% as rotinas e estratégias adotadas não tiveram grande impacto, ainda assim foram registadas melhorias na aprendizagem destes alunos.

Perante estes resultados e atendendo às características da turma considera-se que a implementação do PI e todo o trabalho realizado, tendo em vista o alcance dos objetivos definidos, teve uma avaliação positiva.

6.3. Avaliação do Tema de Investigação

No seguinte ponto, apresentar-se-ão os dados recolhidos na Intervenção, relativos aos registos de Observação Sistemática. Foi, apenas, possível trabalhar uma das regras da sala de aula, nomeadamente: “Põe o dedo no ar para falar e espera pela tua vez”. Esta regra foi trabalhada no decurso de duas semanas, sendo que, na primeira, as professoras faziam a manutenção das fichas dos alunos, ou seja, eram as professoras que retiravam as fichas tendo em conta as faltas, do aluno, à regra. Numa segunda semana, os alunos dispuseram de dois copos de plástico, de forma a fazerem a sua própria gestão de fichas. Inicialmente, as professoras ainda deram algum feedback aos alunos, incumpridores, mas, a partir do terceiro dia, deste sistema, os alunos tornaram-se, praticamente, autónomos e verdadeiros nesta avaliação.

Na terceira e última semana, foi trabalhada a regra: “Falar num tom de voz adequado”. Os resultados não são muito significativos, até porque não existiram registos suficientes para que se pudesse proceder a uma análise fiável. Desse modo, será apenas analisada a 1.^a regra trabalhada e as suas implicações para o trabalho em aula.

6.3.1. Apresentação dos Resultados

Relativamente aos dados recolhidos por Observação Sistemática, apresenta-se, em seguida, um quadro com os resultados do mesmo. É de salientar que os resultados

foram satisfatórios, tendo um havido um aumento significativo do número de vezes que os alunos recorriam à regra para comunicarem na aula, havendo, também, um aumento significativo de vezes que os alunos “esperavam pela sua vez de falar”, aguardando com o dedo no ar, que os professores lhes dessem a palavra.

Quadro 5 – Percentagens relativas ao uso das regras.

	“Pede a vez para falar”	“Espera pela sua vez para falar”
Antes da implementação das estratégias	67,4%	52%
Após implementação das estratégias	93,6%	88,8%

Nota: Dados recolhidos através das Observações Sistemáticas

Os dados recolhidos, dizem respeito à média de participações da turma, já que seria impossível recolher os dados relativos de cada um dos alunos. Assim, a cada observação, foram seleccionados três elementos da turma, mais cumpridores da regra e outros três alunos, que revelaram não cumprir tanto a regra trabalhada.

Assim, espera-se que a amostra seja significativa do trabalho da turma e, nesse caso, os resultados demonstram que os alunos aumentaram em 26,2% o número de vezes que levantaram o dedo para pedir a vez para falar. Já no que diz respeito ao cumprimento da regra, como um todo, colocando o dedo no ar e esperando pela sua vez de falar, registou um aumento de 36,8%.

A partir destes resultados poder-se-á afirmar que, para o contexto em que o Estudo foi implementado, este resultou numa melhoria significativa dos comportamentos que se queriam modificados. A verdade é que este facto melhorou, também, o ambiente de socio-aprendizagem e, poder-se-á afirmar que o objetivo de “*Desenvolver competências de comportamento social na sala de aula*” foi atingido, já que os alunos demonstraram uma maior consolidação das Regras da Sala de Aula.

6.3.2. Discussão dos Resultados

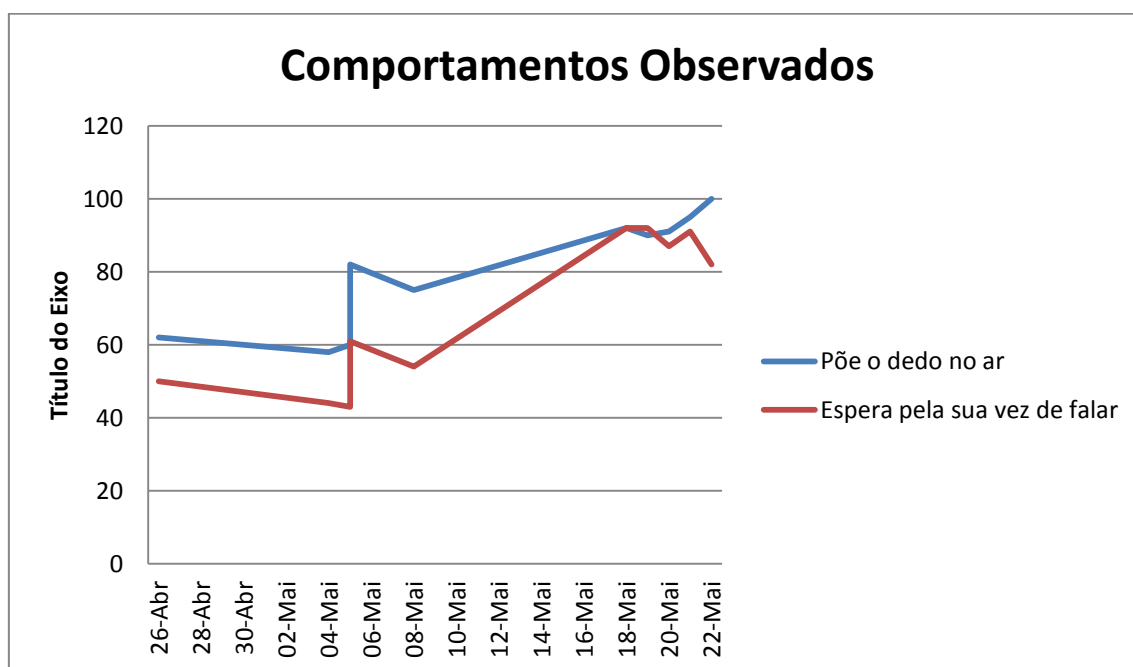
Os resultados obtidos através do estudo que aqui se preconiza foram, como já referido no subponto anterior, satisfatórios. Os dados revelam um aumento das competências sociais dos alunos e, apesar de só existirem dados relativos a uma das regras trabalhadas (sendo que esta foi analisada sob duas variantes: por o dedo no ar; por o dedo no ar e esperar pela vez de falar), é possível, a partir dos dados referentes à avaliação final dos alunos, no que respeita às competências sociais, verificar a melhoria significativa do geral da turma (anexo AI).

Não se podem deixar de mencionar todas as estratégias que fizeram parte da gestão das aulas, ainda que não estivessem diretamente ligadas ao estudo. A gestão das atividades, nomeadamente, a delegação de tarefas que requerem mais atenção, para os períodos da manhã, enquanto que à tarde se tentou trabalhar mais conteúdos didáticos de caráter mais prático, ajudou a focar a atenção dos alunos, aumentando-lhes o poder de concentração, o que se refletiu nas avaliações. As regras vieram auxiliar este processo, já que a sua interiorização tornou os alunos mais participativos e democráticos. Assim, considera-se que foi cumprido um dos objetivos do projeto, que vai ao encontro de um dos princípios estabelecidos na OCEB que diz que o professor deve “proporcionar a aquisição e domínio de saberes, instrumentos, capacidades, atitudes e valores indispensáveis” (p. 13) à sua formação.

Para uma análise mais detalhada poder-se-á consultar os gráficos relativos aos dados recolhidos, no anexo AK. Os gráficos comprovam os resultados acima descritos, dado que estes foram construídos a partir das tabelas de observação sistemática.

Nos gráficos que se seguem podemos ver o crescimento dos dados apresentados. Em cada um deles pode ver-se os aumentos significativos dos comportamentos desejados nos alunos.

Quadro 6 – Gráfico de comparação dos comportamentos



Como é possível verificar no quadro 6, os alunos não só melhoraram a sua participação, pedindo mais vezes, de forma correta (colocando o dedo no ar), para falar, mas mais importante que isso, melhoraram a forma como o fizeram, já que os dados mostram que, ainda que, ligeiramente, inferior, a linha (vermelha) que diz respeito às vezes que os alunos colocam o dedo no ar e ESPERAM PELA SUA VEZ, aumentou de forma exponencial.

6.3.3. Conclusões do Estudo

Os alunos aderiram bem ao estudo e disponibilizaram-se, desde cedo, para ajudar na sua construção e manutenção. Quando lhes foi dada a oportunidade de fazerem a sua própria regulação das fichas, estes mostraram autonomia e seriedade em todo o processo. Os resultados estão à vista, embora se considere que poderia ter existido um trabalho mais efetivo das regras. O tempo limitado da Intervenção e os constrangimentos sentidos ao longo da implementação do estudo, não ajudaram a que se tirasse um maior e melhor partido do estudo.

Para alunos de 6 e 7 anos, como é o caso da população em estudo, estas estratégias funcionaram muito bem. O facto de que os alunos sabiam exatamente o que

se esperava deles, por meio de um desenho ilustrativo e da regra exposta, agilizou todo o processo. As fichas dadas aos alunos, também foram um sucesso e a sua gestão e manutenção não potencializou constrangimentos. Considera-se assim, que os moldes escolhidos para a representação das regras e pontuações foram bem conseguidas (anexo AL), já que prenderam a atenção dos alunos e criam uma nova rotina, a de pontuar em cada final do dia.

Para alunos mais graúdos, este sistema pode não ter os resultados esperados, até porque as estratégias seguidas para a realização deste trabalho, dizem respeito a algumas das recomendações da autora Webster-Stratton que escreve, sobretudo, para crianças dos 4 aos 8 anos de idade (isto no que respeita à bibliografia consultada).

Deste modo, a conclusão que se pode retirar de todo este trabalho em torno da Indisciplina na sala de aula, é de que a mesma pode e deve ser combatida; a melhor forma de a combater é por meio da prevenção. Os professores têm de compreender que cada caso é um caso e que todos os alunos são diferentes. As mesmas estratégias de aquisição de competências sociais, podem surtir efeitos diversos, tendo em conta o contexto. Para que se possa ultrapassar este desafio, o professor deve assumir-se como um ser reflexivo, procurar respostas, junto dos seus colegas e em bibliografia de referência e adaptar as estratégias às características da turma. Este processo, de aquisição de regras de sala de aula, pode ser um processo moroso, sendo mais eficaz, se aplicado desde o início das atividades letivas e for sendo trabalhado ao longo do ano.

Por outro lado, apesar de terem aqui sido focados problemas de Indisciplina, os casos que aqui se descrevem e analisam são referentes ao primeiro nível de Indisciplina proposto por Amado e Freire (2009), como já referido anteriormente. Apesar de não se tratarem de problemas mais gravosos, estas estratégias podem ajudar a que outros níveis de Indisciplina não venham a ter lugar. Será como “arrancar o mal pela raiz”, contudo precisaria de existir outro estudo que comprovasse esta afirmação. Por isso, deixo em aberto, será que a consolidação das regras da sala de aula e o respeito pelas mesmas se repercute em menos situações de conflitos entre alunos, mais tarde?

7. CONCLUSÕES FINAIS

O caminho percorrido ao longo de todo o tempo de observação e intervenção, no âmbito da disciplina de PES II, foi muito enriquecedor para a minha formação enquanto futura docente. É frequente afirmar que todos os momentos de estágio são enriquecedores e muito importantes e, de facto são; em todos eles, descobrimos novas realidades, lidamos com problemas diferentes, aperfeiçoamos a nossa postura na sala de aula e os nossos próprios conhecimentos evoluem, tornando-se cada vez mais consolidados, de tal forma, que os vamos conseguindo mobilizar de maneira cada vez mais espontânea. É também importante perceber o funcionamento dos vários métodos de ensino e as formas diferenciadas de trabalho dos professores, para que possamos experimentá-las e escolher a que melhor nos satisfaz. Ainda assim, o estágio que frequentei este 2.º semestre, em contexto de 1.º CEB, foi, sem dúvida, muito enriquecedor.

Os conhecimentos que fui adquirindo ao longo de toda a minha formação ajudaram-me neste percurso, mas importa salientar os ganhos que nesta prática recebi. Por um lado, como os alunos se encontram no 1.º ano, foi possível trabalhar, com eles, ao nível da aquisição da leitura e da escrita. Apesar de ansiar conhecer mais métodos e perceber as suas vantagens e desvantagens, esta experiência retirou alguma da minha ansiedade no que respeita a este assunto e, deu-me vontade de fazer mais e melhor. Foi, igualmente importante, a realização do estudo. O tema da Indisciplina é, também ele, um assunto sensível, porém, pude esclarecer muitas das dúvidas que tinha e, apesar de não ter conseguido aproveitar todas as potencialidades deste projeto, fico satisfeita com os resultados que, apesar de tudo, são positivos.

Relativamente à instituição, fomos muito bem recebidas. A Coordenadora da Instituição foi incansável na procura do nosso bem-estar e na ajuda que nos deu ao longo e todo o processo, lembrando que esta substituiu a cooperante, quando esta se encontrava de baixa médica. Este facto foi, sem dúvida, facilitador para o desenvolvimento de todo o estágio, já que “numa profissão tendencialmente solitária, carregada de tensões e emocionalmente desgastante, a construção de uma rede de comunicação, suporte e apoio, pode constituir uma excelente solução no combate ao mal-estar docente” (Oliveira & Gomes, citado por Perdigão, M., 2010, p. 28).

Foram muitos os aspetos facilitadores do desenvolvimento da nossa prática, contudo, um dos mais importantes de todos, talvez tenha sido o acolhimento do nosso grupo pela turma. Desde o primeiro dia, ainda em tempo de observação, que fomos bem recebidas pelo grupo de crianças com quem partilhámos esta experiência e isso tornou o nosso trabalho muito mais facilitado. Apesar de terem surgido momentos em aula menos bons, em que tivemos de nos impor e tomar decisões que não os agradaram, no final, os alunos mostraram o seu apreço pelo nosso trabalho, revelando um aumento da sua maturidade. Para mim, esses momentos são os que mais me motivam e me fazem querer continuar, contribuindo para ajudar outros grupos de crianças nos seus desenvolvimentos pessoais e coletivos.

Apesar de caracterizar esta experiência como tendo sido enriquecedora para a minha formação, também existiram momentos menos positivos. Os constrangimentos com a baixa da professora, a impossibilidade do meu Orientador de Tese me continuar a orientar devido a um acidente rodoviário. Além destes constrangimentos, o facto de a escola ter estado em permanente reconstrução, no tempo da nossa intervenção, também obrigou a algumas adaptações ao plano. Finalmente, já em fase de elaboração do Relatório Final, a minha débil saúde também trouxe alguns inconvenientes e, o facto de ter conseguido acabar, para mim, já é uma vitória.

A gestão do tempo, a nível mais pessoal, foi um grande desafio. Neste estágio, as minhas duas colegas de grupo, eram trabalhadoras-estudantes, tal como eu. Este ano, acumulei dois empregos e o estágio, fazendo com que não tivesse nenhum dia sem qualquer “obrigação” agendada. A verdade é que para conseguir fazer todo o trabalho de casa que é imprescindível para um bom desempenho nas aulas, tive de abdicar de muitas horas de sono, de qualquer tipo de tempo livre e, cheguei mesmo, a faltar ao meu trabalho. Ainda assim, consegui concretizar os objetivos a que me propus e sinto-me orgulhosa por ter enfrentado e terminado, com sucesso, mais uma etapa da minha vida.

Penso que, no final, fizemos um bom trabalho, no que diz respeito à prática. Já no que concerne ao estudo, considero que poderia ter explorado melhor as regras da sala e ter arranjado mais informações que ajudariam a corroborar os meus resultados. Ainda assim, considero que os alunos fizeram progressos e melhoraram as suas aprendizagens o que demonstra que existiu um trabalho pensado e adaptado aos alunos.

No que à minha prestação diz respeito, penso que, de um modo geral estive bem. Consegui atingir a maioria dos meus objetivos e sinto-me satisfeita com os resultados. Ainda assim, neste semestre que percebi que não estava tão bem preparada para dar aulas ao 1.º CEB, como já supunha. A ajuda da professora Cooperante e do professor Orientador da PES II, foi imprescindível para o sucesso da minha intervenção.

Todas as experiências vivenciadas, sejam elas negativas ou positivas, foram imprescindíveis para que eu pudesse desfrutar delas e aprender com elas. Como já foi referido, os medos que tinha deste nível de ensino, foram, quase completamente, ultrapassadas e, no futuro, considero que farei o meu melhor para proporcionar aos meus alunos, seja de que nível de ensino for, momentos de aprendizagens significativas e contextualizadas, ajudando-os a crescer e a serem melhores cidadãos. Essa é a minha convicção e sei que alcançarei os meus objetivos, basta-me trabalhar neles. Apesar das evidentes dificuldades que os professores têm vindo a superar, na carreira docente, penso que devo manter uma atitude positiva. Estou disponível para sair da minha cidade se for necessário e ter um horário reduzido nos primeiros anos. Ainda assim, ser professora é o meu sonho e, dessa forma, vou ultrapassar todos os obstáculos que se colocarem no meu caminho, de modo a que possa usufruir da profissão que escolhi para mim. Sobretudo faço o que gosto e isso é meio caminho andado para o sucesso.

REFERÊNCIAS

Abrantes, P. (2002). *Reorganização Curricular do Ensino Básico – Avaliação das Aprendizagens*. Lisboa: Ministério da Educação, Departamento de Educação Básica.

Aires, L. (2011). *Paradigma Qualitativo e Práticas de Investigação Educacional*. Lisboa: Universidade Aberta

Amado, J. (s.d.). *A Indisciplina e a Formação do Professor Competente*. Consultado em 7 de Março de 2015:

<http://www.educ.fc.ul.pt/recentes/mpfip/pdfs/joaoamado.pdf>

Amado, J. & Freire, I. P. (2009). *A(s) Indisciplina(s) na Escola. Compreender para prevenir*. Coimbra: Almedina.

Carvalho, S. (2013). *Indisciplina na escola: Compreender para prevenir – Um estudo com alunos do 7.º e 9.º anos de Cabo Verde*. Lisboa: Universidade de Lisboa

Coutinho, C. (2013). *Metodologia de Investigação em Ciências Sociais e Humanas: Teoria e Prática*. Coimbra: Edições Almedina

Fino, C. (s/d) *Vigostski e a Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP): três implicações pedagógicas*. Revista Portuguesa de Educação

Fresca, N. & Santos, S. (2010/2011). *Reflexão crítica sobre as teorias e os métodos de aprendizagem comportamentalista*. Évora: Universidade de Psicologia de Évora.

González, P. (2002). *O Movimento da Escola Moderna: um percurso cooperativo na construção da profissão docente e no desenvolvimento da pedagogia escolar*. Porto: Porto Editora

Ministério da Educação e Ciência (2004). *Organização Curricular e Programas do 1.º Ciclo do Ensino Básico*. Lisboa: Departamento de Educação Básica, 4.ª Edição

Niza, S. (1998). A organização social do trabalho de aprendizagem no 1.º CEB. *Inovação*, 11, 77-98.

- Palma, C. (2011). *A formação de professores para a intervenção na e a prevenção da indisciplina*. Lisboa: Escola Superior Almeida Garrett.
- Perdigão, M. (2010). *Facilitadores e Obstáculos à Colaboração entre os Professores Titulares de Turma e os Professores de Educação Especial no 1.º Ciclo*. Dissertação de Mestrado. Escola Superior de Educação de Lisboa
- Pinto, S. (2014) *A Indisciplina na Sala de Aula: A perspetiva dos professores do 3.º ciclo do Ensino Básico e do Ensino Secundário*. Lisboa: Escola Superior de Educação de Lisboa
- Ribeiro, C., Malta, W. & Magalhães, T. (2007). *O Castigo Físico nas Crianças. Estudo de Revisão*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra. Consultado a 11 de Fevereiro de 2015:
<http://hdl.handle.net/10316.2/4229>
- Roldão, M. C. (2003). *Gestão do Currículo e Avaliação de Competências. As questões dos professores*. Lisboa: Editorial Presença
- Sampaio, D. Strecht, P. Zink, R. Amado, J. & Woods, P. (2001). *Indisciplina e Violência na Escola*. Lisboa: Colibri.
- Sanches, A. (2007). *Perceções de justiça em contexto escolar, relação com as autoridades e comportamentos de desvio na adolescência*. Tese de Doutoramento. Instituto Superior de Psicologia Aplicada.
- Serralha, F. (2007). *Conclusão*. In *A Socialização Democrática na Escola: o desenvolvimento sociomoral dos alunos do 1º CEB*. Lisboa: Tese de Doutoramento. Universidade Católica Portuguesa. pp 279-285.
- Silva, F. (2005), In I. Sim-Sim (Coord.) *Necessidades educativas especiais: Dificuldades da criança ou da Escola* (pp. 92-112). Texto Editora
- Sousa, M. & Batista, C. (2011). *Como Fazer Investigações, Dissertações, Teses e Relatórios*. Lisboa: Lidel.

Gonçalves, E. & Trindade, R. (s/d) *Práticas de Ensino Diferenciado na Sala de Aula: se diferencio a pedagogia e o currículo estou a promover o sucesso escolar de alunos com dificuldades de aprendizagem*. Porto: Universidade Lusófona do Porto.

Vasconcelos, T., Loureiro, C., Castro, J., Menau, J., Sousa, O., Hortas, M. J., Ramos, M., Ferreira, N., ... , Alves, S. (2011). Trabalho por projeto em Educação de Infância: Mapear Aprendizagens. Integrar Metodologias. Lisboa: Ministério da Educação e Ciência

Webster-Stratton, C. (1999). *How to promote children's social and emotional competence*. London: Paul Chapman Publishing.

LEGISLAÇÃO E OUTROS DOCUMENTOS CONSULTADOS:

- Decreto de Lei n.º3/2008
- Lei de Bases do Sistema Educativo
- Plano Anual de Atividades de Agrupamento (2014 – 2015)
- Projeto Educativo de Agrupamento (2013 – 2017)
- Carta Europeia dos Direitos da Criança (1992)

Anexos

Anexo A – Exemplos de Diários de Bordo referentes a vários momentos da Observação.

Data: 20/04/2015

Horas: 9h00 – 9h45

Local: Sala de aula

Atividade: Rotina “Número do dia”

Descrição da Observação:

A grande maioria dos alunos chega à sala, na hora de entrada (9h). Os alunos conversam, brincam e contam episódios do fim-de-semana, uns aos outros. Depois de serem avisados, do início da aula, pela professora, estes sentam-se e começam o trabalho propriamente dito (9h10). Os responsáveis pela distribuição dos cadernos e material de escrita, põem em prática as suas tarefas. A pedido da professora, os alunos, um a um, inscrevem-se na atividade para relatarem acontecimentos do fim-de-semana, com o dedo no ar. Enquanto o fazem, as outras professoras, distribuem o material necessário ao “número do dia”. Durante os relatos, os alunos respeitam, na maioria das vezes, as regras do diálogo: colocam o dedo no ar, esperam pela vez de falar, prestam atenção aos relatos dos colegas em silêncio. Nesta fase, chegam 4 alunos atrasados, faseadamente.

Quando a professora anuncia que se iniciará a atividade do “número do dia”, os alunos iniciam a rotina de marcar, com uma mola, o número correspondente ao dia na qual nos encontramos, num colar de contas. Em seguida, colocam os dedos no ar, para que possam, um a um, dizer uma operação em que o seu resultado é o número do dia. Tendo em conta as operações dadas, a professora inquirir os alunos sobre algumas questões matemáticas, como os dobros, metades, dúzias, meias dúzias, representações de operações de adição como operações de multiplicação, números que são quadrados perfeitos ou triangulares, entre outros.

Os alunos, sobretudo nesta atividade, demonstram um comportamento expectável, organizado e cumpridor de regras. Em alguns momentos, os alunos mostram a sua frustração, quando são “oferecidas” operações que estes aviam já pensado; noutros momentos, comentam a prestação dos colegas com comentários depreciativos: “essa é muito fácil”, “oh! Só sabes fazer dessas”.

No final, a professora sessa a atividade e os alunos, elevam o tom de voz,

mostrando o seu desagrado. Alguns alunos, numa tentativa de serem ouvidos, gritam operações ou interjeições de desagrados. Forma-se alguma confusão e a professora sente alguma dificuldade em passar à atividade seguinte.

Comportamentos adequados.

- Existe uma minoria da turma (cerca de 3 alunos) que entram na sala, sentam-se e esperam pelo início das atividades.
- Os alunos participam na atividade, levantando o dedo e esperando a sua vez de falar.
- Os alunos permanecem calmos e participativos.

Comportamentos a serem alterados.

- No início das aulas os alunos chegam, repetidamente, atrasados.
- Os alunos demoram algum tempo a organizarem-se e sentarem-se para começar o trabalho, tendo de ser repreendidos, frequentemente.
- No final de atividades da sua preferência, o ambiente altera-se, tornando-se barulhento e confuso.

Data: 22/04/2015 (quarta-feira)

Horas: 14h – 15h

Local: Sala de aula

Atividade: Estudo do Meio – 2.^a fase do projeto: Viver num Mundo Melhor

Descrição da Observação:

A professora alerta os alunos para a atividade que se segue, demorando cerca de 18 minutos, para que os alunos se acalmem, sentem e se organizem para o trabalho. Os alunos estão agitados, brincam, correndo pela sala, dois alunos lutam entre si e, mesmo sendo repreendidos pela professora, só quando esta se dirige, pessoalmente, a cada aluno é que estes acatam as ordens. São precisas muitas chamadas de atenção até que a professora titular intervém e a turma fica em silêncio para que se iniciem as atividades.

Finalmente, a professora inicia a atividade pedindo aos alunos que relembrem as aulas anteriores ligadas ao projeto. Os alunos participam sem organização, ao que a professora incentiva à participação regulada, pelo levantamento do dedo e espera da vez. Ainda assim, na maioria das vezes, os alunos esquecem as regras, gritando as respostas, interrompendo os colegas e causando uma grande confusão na atividade.

De seguida, a professora propõe a atividade (de carácter prático), onde os alunos terão de trabalhar em grupos de 6 elementos (grupos das mesas de trabalho) desenhando, numa folha de papel em branco resíduos, tendo em conta a cor da cartolina que têm: embalagens de plástico, como pacotes de sumo, leite, entre outros, na cartolina amarela; na cartolina azul, papel, cartão, caixas de cereais; na cartolina verde, garrafas de vidro, potes de doce ou iogurte; na cinzenta, restos de comida.

Enquanto os alunos desenham, as três professoras da sala, focam-se nos grupos e circulam pela sala ajudando quem solicita. Nesta fase os alunos trabalham, conversando ativamente uns com os outros; existem discussões sobre a alegada cópia de trabalhos entre eles.

Depois dos desenhos cortados, os alunos discutem pelo espaço concedido aos seus produtos, na cartolina, ou sobre quem escreve o título, na mesma. Os professores vão tentando gerir os grupos, ajudando-os a resolver os conflitos de cada um deles.

No final, enquanto a professora recolhe os trabalhos, a grande maioria dos alunos levanta-se dos lugares, brinca, corre pela sala, grita e é preciso que as professoras intervenham, num tom de voz bastante elevado, para se conseguirem fazer ouvir.

Comportamentos adequados.

- Os alunos cumprem as tarefas pedidas.
- Alguns alunos mantiveram um comportamento adequado, ajudando os colegas no cumprimento das tarefas.

Comportamentos a serem alterados.

- Os alunos falam desordenadamente e sem ser na sua vez, não respeitando a opinião ou vez dos colegas.
- Cada vez que há uma quebra no trabalho, os alunos comportam-se de forma totalmente desadequada à sala de aula, seja qual for a atividade.
- A maioria da turma revela não saber trabalhar em grupo, discutindo por variadíssimas razões.
- Os alunos querem sempre que a sua opinião prevaleça.
- Uma minoria da turma (cerca de 4 alunos), não respeitaram as professoras-estagiárias, não cumpriram determinadas tarefas, responderam mal, tiveram comportamentos disruptivos ou perturbaram os colegas constantemente com brincadeiras ou provocações.

Data: 28/04/2015

Horas: 9h30 – 10h30

Local: Sala de aula

Atividade: Matemática “Colar de Contas”

Descrição da Observação:

A aula inicia-se, explicando aos alunos que tarefa estes têm de cumprir, neste caso, um colar de contas, de um determinado padrão. Enquanto a professora faz a explicação, os alunos mantêm-se calmos e participam de forma ordenada.

A aula foi assistida pelo professor orientador de estágio.

Aquando da distribuição do material, a professora (que não estava em destaque, ajudando apenas em questões mais práticas) deixou cair um copo com contas para o colar, lá dentro. Quando as contas caíram, os alunos exaltaram-se e apressaram-se a tentar ajudar a apanhá-las, acompanhados de gritos. A professora pede que deixem estar as contas, que a colega apanha-as. Ainda assim, os alunos levantam-se e tentam ajudar. São, novamente, repreendidos para que se mantenham no lugar e prestem atenção às indicações da professora, contudo, é mais forte que eles; continuaram a existir alunos a apanhar contas do chão para as entregar.

Nos momentos em que estes trabalham na construção do colar, o fios utilizados começam a desfiar, obrigando a professora a adotar uma nova estratégia, colocar um pouco de fita-cola na ponta do fio; este procedimento não estava previsto, atrasou a atividade e deixou os alunos completamente frustrados, alguns deles aproveitando o facto de não ter tanta supervisão para realizar tarefas fora do contexto.

No final, apesar de cumprida a tarefa, os alunos conversam entre si constantemente, deixando o professor sistematizar a atividade num ambiente muito barulhento, obrigando-o a parar constantemente para repreender os alunos, focando-lhes a atenção.

Nos momentos em que surgiram perguntas por parte do professor, os alunos respondem sem pedir a vez, sem ser na sua vez e de forma desadequada, sem pensar e num tom de voz elevado.

Comportamentos adequados.

- Os alunos cumpriram a tarefa pedida.
- A maioria realizou as aprendizagens pressupostas.

Comportamentos a serem alterados.

- Os alunos não pediram a vez, esperaram pela sua vez ou respeitaram a vez dos colegas.

- A maioria da turma não respeitou as regras da sala de aula, como estar sentado no lugar, falar num tom de voz adequado, participar ativamente e adequadamente e respeitar a professora.

Anexo B – Observações Sistemáticas

Dia: 26/05/2015

Hora: 14h – 15h

Atividade: Matemática

Comportamento observado: Levantar o dedo para pedir a vez e esperar pela sua vez de falar

Alunos	Pede a vez para falar		Total	Espera pela sua vez para falar		Total
	+	-		+	-	
A.1	8	4	12	6	6	12
A.2	5	6	11	2	9	11
A.3	10	3	13	9	4	13
A.a	0	5	5	0	5	5
A.b	5	1	6	5	1	6
A.c	3	0	3	3	0	3
Total	31	19	50	25	25	50

Dia: 04\05\2015

Hora:9h – 10h30

Atividade: Número do Dia\ Português

Comportamento observado: Levantar o dedo para pedir a vez e esperar pela sua vez de falar

Alunos	Pede a vez para falar		Total	Espera pela sua vez para falar		Total
	+	-		+	-	
A.1	3	6	9	2	7	9
A.2	7	6	13	4	9	13
A.3	2	7	9	0	9	9
A.a	6	0	6	5	1	6
A.b	4	1	5	4	1	5
A.c	6	0	6	6	0	6
Total	28	20	48	21	27	48

Dia: 05\05\2015

Hora: 11h – 12h30

Atividade: Matemática\Português

Comportamento observado: Levantar o dedo para pedir a vez e esperar pela sua vez de falar

Alunos	Pede a vez para falar		Total	Espera pela sua vez para falar		Total
	+	-		+	-	
A.1	3	3	6	3	3	6
A.2	2	3	5	0	5	5
A.3	3	5	8	2	6	8
A.a	3	0	3	3	0	3
A.b	6	0	6	4	2	6
A.c	1	1	2	1	1	2
Total	18	12	30	13	17	30

Dia:05\05\2015

Hora: 14h – 15h

Atividade: Estudo do Meio

Comportamento observado: Levantar o dedo para pedir a vez e esperar pela sua vez de falar

Alunos	Pede a vez para falar		Total	Espera pela sua vez para falar		Total
	+	-		+	-	
A.1	1	3	4	0	4	4
A.2	5	2	7	4	3	7
A.3	5	0	5	2	3	5
A.a	5	0	5	4	1	5
A.b	4	0	4	4	0	4
A.c	3	0	3	3	0	3
Total	23	5	28	17	11	28

Dia:08\05\2015

Hora: 10h às 11h

Atividade: Visita de Estudo ao Museu da Marioneta

Comportamento observado: Levantar o dedo para pedir a vez e esperar pela sua vez de falar

Alunos	Pede a vez para falar		Total	Espera pela sua vez para falar		Total
	+	-		+	-	
A.1	2	3	5	2	3	5
A.2	5	3	8	4	4	8
A.3	6	0	6	3	3	6
A.a	Não Observado					
A.b	4	1	5	4	1	5
A.c	4	0	4	2	2	4
Total	21	7	28	15	13	28

Dia:18\05\2015

Hora: 14h às 15h

Atividade: Estudo do Meio

Comportamento observado: Levantar o dedo para pedir a vez e esperar pela sua vez de falar

Alunos	Pede a vez para falar		Total	Espera pela sua vez para falar		Total
	+	-		+	-	
A.1	4	1	5	4	1	5
A.2	6	0	6	6	0	6
A.3	2	0	2	2	0	2
A.a	5	0	5	5	0	5
A.b	3	1	4	3	1	4
A.c	4	0	4	4	0	4
Total	24	2	26	24	2	26

Dia: 19\05\2015

Hora: 9h – 10h30

Atividade: Número do Dia\ Matemática

Comportamento observado: Levantar o dedo para pedir a vez e esperar pela sua vez de falar

Alunos	Pede a vez para falar		Total	Espera pela sua vez para falar		Total
	+	-		+	-	
A.1	3	1	4	3	1	4
A.2	5	1	6	5	1	6
A.3	2	0	2	2	0	2
A.a	5	0	5	4	1	5
A.b	3	0	3	3	0	3
A.c	1	0	1	1	0	1
Total	19	2	21	18	3	21

Dia: 20\05\2015

Hora: 9h – 10h30

Atividade: Número do Dia\ Matemática

Comportamento observado: Levantar o dedo para pedir a vez e esperar pela sua vez de falar

Alunos	Pede a vez para falar		Total	Espera pela sua vez para falar		Total
	+	-		+	-	
A.1	6	0	6	5	1	6
A.2	2	0	2	2	0	2
A.3	3	2	5	3	2	5
A.a	5	0	5	5	0	5
A.b	3	0	3	3	0	3
A.c	2	0	2	2	0	2
Total	21	2	23	20	3	23

Dia: 21\05\2015

Hora: 11h – 12h30

Atividade: Português

Comportamento observado: Levantar o dedo para pedir a vez e esperar pela sua vez de falar

Alunos	Pede a vez para falar		Total	Espera pela sua vez para falar		Total
	+	-		+	-	
A.1	Não Observado					
A.2	2	0	2	2	0	2
A.3	8	0	8	7	1	8
A.a	5	0	5	5	0	5
A.b	6	0	6	6	0	6
A.c	0	1	1	0	1	1
Total	21	1	22	20	2	22

Dia:22\05\2015

Hora: 09h – 10h30

Atividade: Português

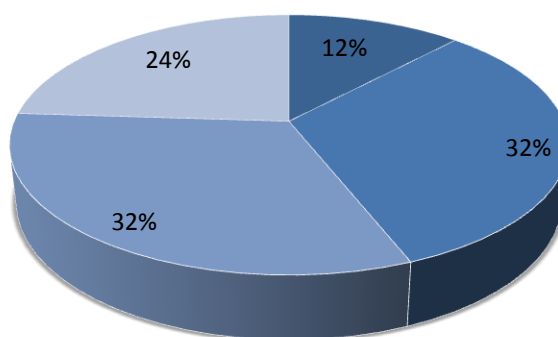
Comportamento observado: Levantar o dedo para pedir a vez e esperar pela sua vez de falar

Alunos	Pede a vez para falar		Total	Espera pela sua vez para falar		Total
	+	-		+	-	
A.1	4	0	4	3	1	4
A.2	2	0	2	2	0	2
A.3	2	0	2	1	1	2
A.a	1	0	1	1	0	1
A.b	1	0	1	1	0	1
A.c	1	0	1	1	0	1
Total	11	0	11	9	2	11

Anexo C – Gráfico representativo das notas dos alunos das fichas de avaliação do 2.º Período.

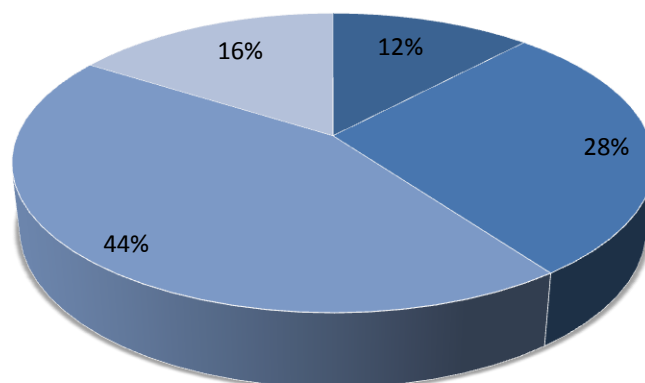
Percentagem das notas de Língua Portuguesa

■ Insuf ■ Suf ■ Bom ■ M Bom

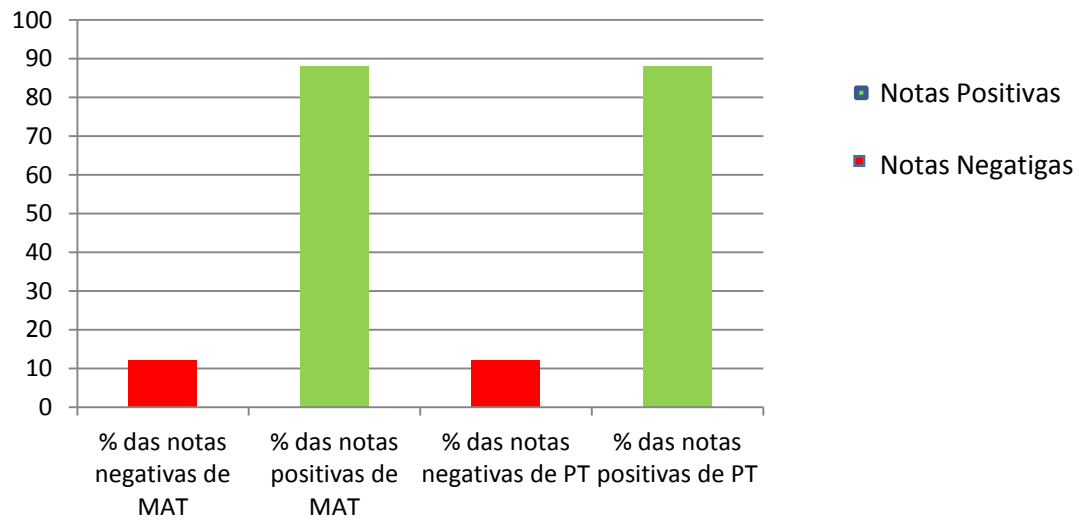


Percentagem das notas Matemática

■ Insuf ■ Suf ■ Bom ■ M Bom



Comparação das notas positivas e negativas dos alunos, no 2.º período, de Português e Matemática



Anexo D – Grelhas de Registos de Observações (exemplares).

Avaliação Diagnóstica Competências Sociais	Alunos	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	
	Indicadores																										
Cumprir as Regras de Funcionamento da Sala de Aula																											
Mantém o silêncio durante o trabalho																											
Ouve a professora sem interromper																											
Coloca o dedo no ar para participar																											
Ouve os colegas																											
Trabalhar cooperativamente																											
Participa em atividades com os colegas																											
Pede e aceita a ajuda dos colegas																											
Pede e aceita a ajuda do professor																											
Partilha o material																											
Realizar atividades de for responsável																											

Avaliação Diagnóstica Língua Portuguesa	Alunos	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25
	Indicadores																									
Compreensão Oral																										
Regista e retém informação essencial	Amarelo	Verde	Amarelo	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Amarelo	Amarelo	Verde	Verde	Verde	Amarelo	Verde	Verde	Azul	Azul	Verde	Azul	Verde	Verde	Amarelo
Responde a questões acerca do que ouviu	Amarelo	Verde	Amarelo	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Verde	Verde	Verde	Amarelo	Verde	Verde	Azul	Azul	Verde	Azul	Verde	Verde	Amarelo
Apreende o sentido global de diferentes discursos orais	Amarelo	Verde	Amarelo	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Verde	Verde	Verde	Amarelo	Verde	Verde	Azul	Azul	Verde	Azul	Verde	Verde	Amarelo
Expressão Oral																										
Relata vivências e partilha ideias	Amarelo	Azul	Vermelho	Verde	Verde	Verde	Azul	Verde	Verde	Verde	Verde	Amarelo	Verde	Verde	Verde	Verde	Amarelo	Verde	Verde	Azul	Verde	Verde	Azul	Verde	Verde	Amarelo
Articula corretamente as palavras	Amarelo	Azul	Amarelo	Verde	Verde	Verde	Azul	Verde	Amarelo	Verde	Verde	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Verde	Verde	Amarelo	Verde	Verde	Azul	Verde	Verde	Azul	Verde	Verde	Amarelo
Usa vocabulário adequado ao tema e à situação	Amarelo	Azul	Amarelo	Verde	Verde	Verde	Azul	Verde	Amarelo	Verde	Verde	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Verde	Verde	Amarelo	Verde	Verde	Azul	Verde	Verde	Azul	Verde	Verde	Amarelo
Comunica com autonomia	Amarelo	Azul	Vermelho	Verde	Verde	Verde	Azul	Verde	Amarelo	Verde	Verde	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Verde	Verde	Amarelo	Verde	Verde	Azul	Verde	Verde	Azul	Verde	Verde	Amarelo
Leitura																										
Lê através de reconhecimento global	Amarelo	Azul	Amarelo	Verde	Verde	Verde	Azul	Verde	Verde	Verde	Verde	Amarelo	Verde	Verde	Verde	Azul	Verde	Verde	Verde	Azul	Azul	Verde	Azul	Verde	Verde	Verde
Lê através da correspondência som/letra	Amarelo	Azul	Vermelho	Verde	Verde	Verde	Azul	Verde	Verde	Verde	Verde	Amarelo	Amarelo	Verde	Verde	Azul	Verde	Amarelo	Amarelo	Azul	Azul	Verde	Azul	Verde	Verde	Amarelo

Avaliação Diagnóstica Matemática	Indicadores \ Alunos	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25		
	Números e Operações																											
Representa números na reta numérica		Verde	Azul	Amarelo	Verde	Verde	Azul	Verde	Verde	Verde	Verde	Amarelo	Amarelo	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Azul	Verde	Verde	Azul	Verde	Verde	Verde	Verde	
Compreender a adição no sentido de acrescentar		Verde	Azul	Amarelo	Verde	Verde	Azul	Verde	Verde	Verde	Verde	Amarelo	Amarelo	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Azul	Verde	Verde	Azul	Verde	Verde	Verde	Verde	
Compreender a subtração no sentido de retirar		Amarelo	Azul	Amarelo	Verde	Verde	Azul	Verde	Verde	Verde	Verde	Amarelo	Amarelo	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Azul	Verde	Verde	Azul	Verde	Verde	Verde	Verde	
Compõe e decompõe números		Amarelo	Azul	Vermelho	Verde	Verde	Azul	Verde	Verde	Verde	Verde	Vermelho	Amarelo	Amarelo	Verde	Verde	Amarelo	Verde	Verde	Azul	Verde	Amarelo	Verde	Azul	Verde	Verde	Amarelo	
Compara e ordena números		Amarelo	Azul	Vermelho	Amarelo	Verde	Azul	Verde	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Vermelho	Amarelo	Amarelo	Verde	Verde	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Azul	Verde	Amarelo	Verde	Azul	Verde	Verde	Amarelo	
Geometria e Medida																												
Compara, transforma e descreve objetos		Amarelo	Verde	Amarelo	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Verde	Verde	Amarelo	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Amarelo	
Situa-se no espaço em relação aos outros e aos objetos		Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	
Identifica figuras geométricas		Amarelo	Azul	Vermelho	Verde	Azul	Azul	Verde	Verde	Verde	Verde	Amarelo	Verde	Verde	Verde	Azul	Verde	Verde	Verde	Azul	Verde	Azul	Azul	Azul	Azul	Azul	Verde	Amarelo

Organização e Tratamento de Dados																							
Interpreta informação	Yellow	Green	Yellow	Green	Green	Green	Green	Green	Green	Green	Green	Yellow	Yellow	Green	Green	Green	Yellow	Green	Green	Green	Green	Green	Green
Classifica e ordena conjuntos	Yellow	Green	Yellow	Yellow	Green	Green	Green	Green	Green	Green	Yellow	Yellow	Green	Green	Green	Green	Green	Green	Green	Green	Green	Green	Yellow

Legenda:

Red	Nunca
Yellow	Raramente

Green	Muitas Vezes
Blue	Sempre

|

Anexo E – Agenda Semanal com destaque para os momentos do dia mais propícios à Indisciplina.

Nota: Os dados, relativos à tabela 1, provêm de observações constantes em diário de bordo.

	2. ^a Feira	3. ^a Feira	4. ^a Feira	5. ^a Feira	6. ^a Feira
9h – 10h30	AP * Número do dia * Português *	Número do dia * Matemática *	Número do dia * Matemática *	Número do dia * TEA *	Número do dia * Português *
11h – 12h30	Natação	Português *	Natação	Português *	Matemática *
12h30 – 14h00	Almoço				
14h – 15h	TP/Estudo do Meio *	TEA *	TP/Estudo do Meio *	Matemática *	Ciências Experimentais *
15h – 15h45	Apoio ao Estudo-TEA *	TP/Estudo do Meio *	Expressões *	Expressões *	Conselho semanal de cooperação *
15h45 – 16h	Balanço	Balanço	Balanço	Balanço	Balanço

Legenda:

- * Momentos em que os alunos estão mais calmos e respeitam, na maioria das vezes, as regras ao bom funcionamento da aula.
- * Momentos em que os alunos dispersam, esquecendo, frequentemente, as regras e causando alguma confusão.
- * Momentos em que os alunos demonstram um comportamento desajustado, perturbando gravemente o ambiente de ensino e aprendizagem.

Anexo F – Ficha de Trabalho de Estudo do Meio.

Data: _____

Nome: _____ Nome: _____


Nome: _____ Nome: _____


Nome: _____ Nome: _____

Vamos pensar...




 O que é ser amigo do ambiente?

 Que ações que devemos ter para sermos amigos do ambiente?

 O é que um amigo do ambiente não deve fazer?

 O que se pode fazer, na sala, para sermos mais amigos do ambiente?

 O que se pode fazer, na escola, para sermos mais amigos do ambiente?

Registem as vossas conclusões com frases e desenhos.

Produto dos alunos

Pede ajuda aos teus pais para pesquisar e preencher a ficha...



✍ És amigo do ambiente?

Sim, sou amigo do ambiente.

✍ O que fazes em casa para seres amigo do ambiente?

Em casa faço reciclagem de lixo e mantenho sempre a casa limpa.

✍ O que poderias mudar em casa para seres ainda mais amigo do ambiente?

Em casa para ser mais amigo do ambiente poderia gastar menos água e reciclar os objetos.

✍ O que se poderia mudar na sala para sermos mais amigos do ambiente?

Na sala poderíamos reutilizar as folhas de rascunho e ter um jardim.

✍ O que se poderia mudar na escola para sermos mais amigos do ambiente?

Na escola para sermos mais amigos do ambiente poderíamos reutilizar garrafas de plástico copos de leite para as tintas) desligar a luz quando saímos da sala.

Anexo G – Partilha de conclusões em Matemática.



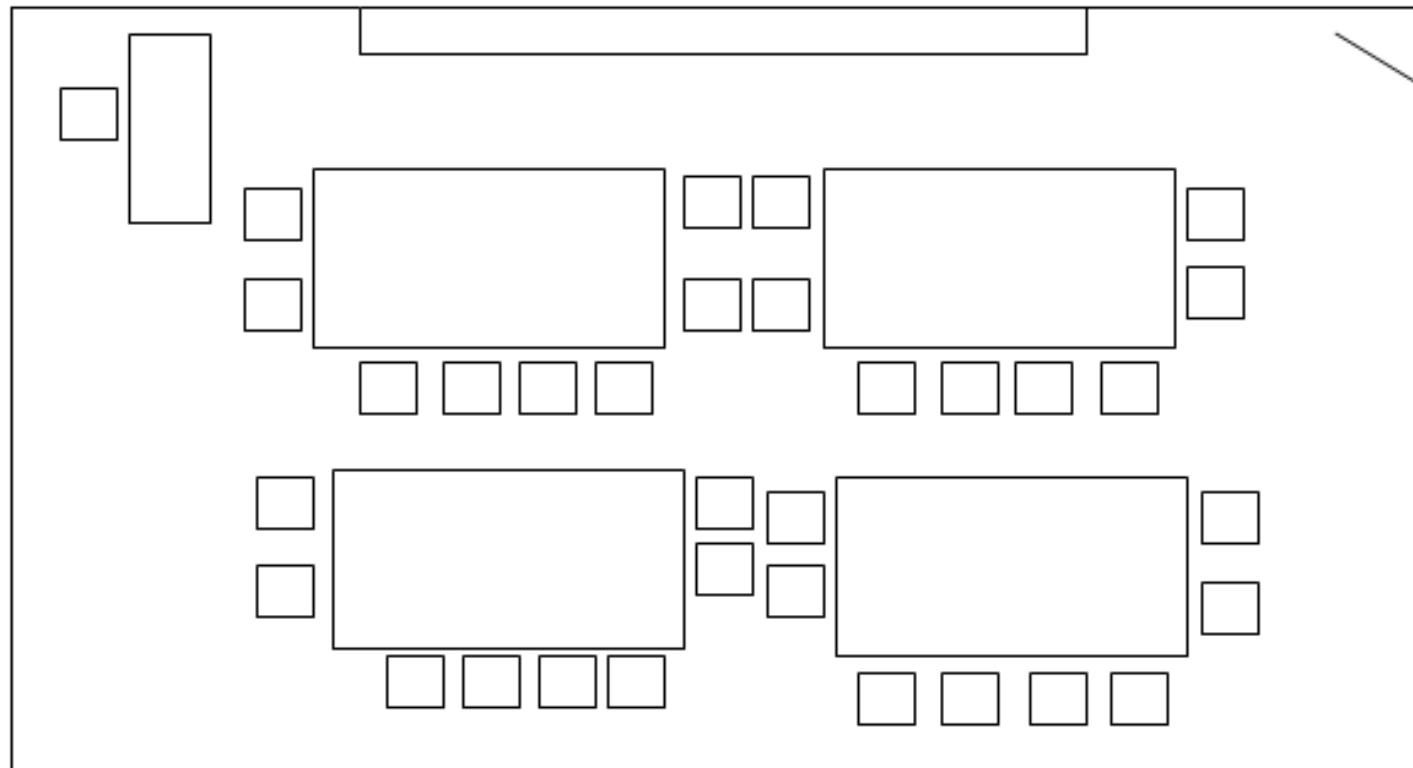
Anexo H – Diário de Turma.

Diário da Semana


Segunda-feira	Terça-feira	Quarta-feira	Quinta-feira	Sexta-feira
O que eu gostei				
	<p>Eu não gostei que a Mangarati tivesse alivado a Coz da Mãe Marinho da Silva</p>	<p>Eu gostei de ver o Rui durante o preparo com a professora Marinho</p>	<p>Eu gostei de dançar com a turma.</p>	
O que eu não gostei				
<p>Eu não gostei que a professora Marinho tivesse alivado a Coz da Mãe Marinho da Silva</p>	<p>Eu não gostei que a professora Marinho tivesse alivado a Coz da Mãe Marinho da Silva</p>	<p>Eu não gostei que a professora Marinho tivesse alivado a Coz da Mãe Marinho da Silva</p>	<p>Eu não gostei de ver a professora Marinho</p>	<p>Eu não gostei da comida da professora.</p>
Proposta				
<p>Eu proponho que a professora Marinho não alivide a Coz da Mãe Marinho da Silva</p>	<p>Eu proponho que a professora Marinho não alivide a Coz da Mãe Marinho da Silva</p>	<p>Eu proponho que a professora Marinho não alivide a Coz da Mãe Marinho da Silva</p>	<p>Eu proponho que a professora Marinho não alivide a Coz da Mãe Marinho da Silva</p>	<p>Eu proponho que a professora Marinho não alivide a Coz da Mãe Marinho da Silva</p>

Marta

Anexo I – Planta genérica da sala de aula.



Anexo J – Produtos de alunos afixados.

O Dinossauro 

A aldeia transformou-se num dinossauro gigante.
O dinossauro levou toda a aldeia a passear.
Depois do passeio o dinossauro adormeceu e tudo voltou ao normal.

A aldeia transformou-se num dinossauro gigante.
O dinossauro levou toda a aldeia a passear.
Depois do passeio o dinossauro adormeceu e tudo voltou ao normal.

A aldeia transformou-se num dinossauro gigante.
O dinossauro levou toda a aldeia a passear.
Depois do passeio o dinossauro adormeceu e tudo voltou ao normal.

A aldeia transformou-se num dinossauro gigante.
O dinossauro levou toda a aldeia a passear.
Depois do passeio o dinossauro adormeceu e tudo voltou ao normal.

Anexo K – Materiais didáticos utilizados.



Anexo L – Ficha de Compreensão Oral.

Nome: _____

Data: _____

Agora que já ouviste a história, responde às questões.

1. Pinta o título da história

A Aldeia em Movimento

○ Dinossauro

A Viagem

○ Dinossauro Adormecido

2. Assinala com x a resposta correta.

A personagem principal da história é:

um cavalo um hipopótamo um dinossauro

3. Assinala com x a resposta correta.

O monte transformou-se:

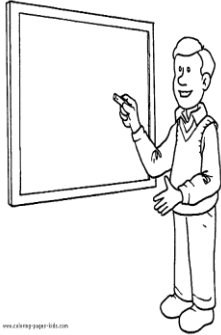
num bicho gigante

numa aldeia diferente

numa carrinha mágica

4. Pinta a resposta correta.

Quem descobriu que o bicho gigante era um dinossauro?



Professor

Agricultor

Médico

Polícia

5. O que aconteceu para que o monte se transformasse num bicho gigante?

Um dinossauro chegou à aldeia

O dinossauro acordou

O dinossauro adormeceu

6. Completa as frases.

frio adormeceu dinossauro passeio calor diferentes

O dinossauro meteu os pés a caminho e foi dar um _____.

As pessoas, em cima do _____, viram coisas _____.

Durante o passeio, sentiram _____ e _____.

Depois do passeio, o dinossauro abriu a boca e _____.

7. Quando o dinossauro adormeceu:

A aldeia ficou às escuras

Tudo voltou ao normal

A aldeia ficou sem pessoas

Produtos dos Alunos

Data: 27-4-2015

Agora que já ouviste a história, responde às questões.

1. Pinta o título da história

A Aldeia em Movimento

Dinossauro

A Viagem

Dinossauro Adormecido

2. Assinala com x a resposta correta.

A personagem principal da história é:

um cavalo

um hipopótamo

um dinossauro

3. Assinala com x a resposta correta.

O monte transformou-se:

num bicho gigante

numa aldeia diferente

numa carrinha mágica

... a resposta correta.

Quem descobriu que o bicho gigante era um dinossauro?



Professor



Agricultor



Médico



Polícia

5. O que aconteceu para que o monte se transformasse num bicho gigante?

- Um dinossauro chegou à aldeia
- O dinossauro acordou
- O dinossauro adormeceu

Completar as frases.

frio adormeceu dinossauro passeio calor diferentes

O dinossauro meteu os pés a caminho e foi dar um passeio.

As pessoas, em cima do dinossauro, viram coisas diferentes.

Durante o passeio, sentiram calor e frio.

Depois do passeio, o dinossauro abriu a boca e adormeceu.

7. Quando o dinossauro adormeceu:

A aldeia ficou às escuras

Tudo voltou ao normal

A aldeia ficou sem pessoas

Anexo M – PIT.

Plano Individual de Trabalho (P.I.T.) n.º 4

Nome: Semana de 11/5/2015 a 15/5/2015

Na semana Passada: Português <input type="checkbox"/> Matemática <input type="checkbox"/> Total <input type="checkbox"/>	Assuntos a tratar esta semana: _____ _____
---	--

A MINHA AVALIAÇÃO

Trabalhei muito
 Trabalhei pouco

A minha tarefa é: _____

Cumpri bem
 Podia ter cumprido melhor

Sugestões da professora
 Bom trabalho
 continua assim.
 gostei muito do teu problema. AC

Sugestões dos colegas
 Sr. Margarida
 trabalhou bem

	O que penso fazer:	O que fiz:				Total
	Português					
	Escrita					0
	Ditado a pares	1				1
	Leitura					0
	Ficheiro de Casos Iniciais					0
	Ficheiro Ditado de Imagens	1				1
	Ficheiro Maiúsculas e Minúsculas					0
	Ficheiro de Iniciação à Escrita					0
	Ficheiro Casos de Leitura					0
	Ficheiro de leitura	1				1
	Ficheiro de Lengalengas	1				1
	Matemática					
	Ficheiro Tempo de Cálculo	1				1
	Ficheiro de Números e Operações	1				1
	Inventar Problemas	1				1

(7)

Plano Individual de Trabalho (P.I.T.) n.º 4

Nome:

Semana de 11/5/2015 a 15/5/2015

Na semana Passada:
 Português 3 Matemática 2
 Total 5

Assuntos a tratar esta semana:

A MINHA AVALIAÇÃO

Trabalhei muito
 Trabalhei pouco

A minha tarefa é:
distribuir lápis

Cumpri bem
 Podia ter cumprido melhor

Sugestões da professora
*Muito bom trabalho
 esta semana.
 Continua assim.
 AF*

Sugestões dos colegas
Muito bom trabalho

O que penso fazer:	O que fiz:				Total
Português					
Escrita	1				0
Ditado a pares					0
Leitura	1	1			1
Ficheiro de Casos Iniciais	1	1			1
Ficheiro Ditado de Imagens	1	1			0
Ficheiro Maiúsculas e Minúsculas					0
Ficheiro de Iniciação à Escrita	1	1			1
Ficheiro Casos de Leitura	1	1			1
Ficheiro de leitura					0
Ficheiro de Lengalengas					0
Matemática					
Ficheiro Tempo de Cálculo	1	1			1
Ficheiro de Números e Operações	1	1			1
Inventar Problemas	1	1			1

Anexo O – Atividades realizadas ao nível do Português

Bolo de iogurte e nozes

Modo de preparação:

Bata as claras em castelo.

Bata o açúcar com as gemas e o óleo.

Misture a farinha, as nozes e o sal.


Misture as claras.

Coloque margarina numa forma e despeje a mistura.

Leve ao forno.

Nome: _____

Data: _____

 **Ordena as frases.**

em castelo. as claras Bata

as gemas e o óleo. com o açúcar Bata

as nozes Misture e o sal. a farinha

as claras. Misture

e despeje margarina a mistura. numa forma Coloque

ao forno. Leve

Anexo P – Aula de Português “Receita”.

Planificação de Língua Portuguesa

Análise de receitas - 5 de maio das 11h00 às 12h30

Comp etências	Descritores de Desempenho	Con teúdos	Descrição da Atividade	M ateriais	T empo (min)	Avaliação	
						Indica dores	Instru mentos
Express ão Oral Escrita Compre ensão do Oral	<ul style="list-style-type: none"> - Participar em atividades de expressão orientada respeitando regras e papéis específicos: - ouvir os outros; - esperar a sua vez. - Usar vocabulário adequado ao tema e à situação. - Identificar características de textos instrucionais. - Prestar atenção ao que ouve de modo a: - responder a questões acerca do que ouviu; 	<ul style="list-style-type: none"> - Regras e papéis de interação. - Vocabulário. - Receita. - Instruções. 	<ul style="list-style-type: none"> - A aula será iniciada relembrando o que se passou na aula anterior. Nesta altura a professora perguntará quem é que em casa viu algumas receitas. De seguida perguntará se alguém quer falar sobre a receita que viu. - Após falarem das receitas que pesquisaram, a professora colocará outra questão: “As receitas são iguais às histórias que nós temos vindo a ler? Os livros que vocês têm aqui na sala são parecidos com as receitas que viram?”, “Então o que há de diferente?”. Nesta fase a professora deve colocar questões levando os alunos a responder que as principais diferenças são a sua estrutura (aspeto) e a sua finalidade, o seu objetivo. A narrativa ou poesia (géneros textuais conhecidos pelos alunos) servem para contar uma história, dar uma lição de moral, 	<ul style="list-style-type: none"> - Receita sopa de beterraba. - Material de escrita e desenho. 	15	<ul style="list-style-type: none"> - Ouve os outros. - Espera a sua vez. - Usa vocabulário adequado. - Identifica características de textos instrucionais. - Responde a questões acerca do que ouviu. 	<ul style="list-style-type: none"> - Grelhas de observação.
					20		

		<p>divertir. Já a receita serve para nos ensinar a fazer uma determinada refeição, dá instruções.</p> <p>- Posteriormente, assim que os alunos focarem as diferenças acima mencionadas a professora projeta uma receita (sopa de beterraba) e passa à análise da mesma (divide-se em duas grandes partes: os ingredientes e o modo de preparação; indica quantidades; as frases são curtas e simples). Em síntese, a professora refere que aquela receita nos ensina a fazer uma sopa, dando informações acerca dos alimentos que se devem utilizar e como se deve fazer para os cozinhar.</p> <p>- Depois de ser analisada a receita a professora pergunta à turma se conhecem mais algum texto, para além da receita, que nos dê instruções. Nesta fase os alunos devem indicar as instruções dos jogos, as bulas dos medicamentos.</p> <p>- De seguida, será distribuído aos alunos uma ficha para colar no caderno com as características do texto instrucional, que será analisada.</p> <p>- Posto isto, e depois de os alunos enumerarem outros textos que nos dê instruções, a professora pergunta: “E para fazer uma sopa de que texto precisamos?”. Voltando a</p>		30		
				10		
				15		

			analisar a receita e propondo que seja feita aquela sopa na aula seguinte, pede-se que os alunos desenhem os ingredientes necessários para fazer a sopa (deverá projetar-se uma imagem de uma beterraba).				
--	--	--	---	--	--	--	--

Materiais de Língua Portuguesa

Sopa de beterraba

Ingredientes:

1 [alho francês](#)

1 [cebola](#)

1 [batata](#)

1 [courgette](#)

2 beterrabas cozidas

Modo de preparação:

Corte o **alho francês** em rodelas, lave e escorra. Descasque a **cebola** e corte-a em meias luas.

Numa panela junte o alho francês e a cebola, tape e deixe ferver enquanto descasca a **batata** e a **courgette**. Corte ambas em cubos pequenos e deite na panela. Tempere com **sal**, tape e deixe ferver sobre lume muito brando até os legumes estarem macios. Adicione um pouco de **água** a ferver e triture com a varinha mágica até os legumes estarem completamente desfeitos. Junte a **beterraba** cortada em pedaços e volte a triturar até estar bem desfeita. Adicione mais água a ferver e continue a triturar com a varinha até a sopa ficar na consistência pretendida.

Texto Instrucional

O texto instrucional tem como objetivo fornecer instruções. Este tipo de texto explica de que forma devemos agir para realizar determinada ação.

O texto deve ser simples e acessível, com informações claras.

No dia-a-dia encontramos vários exemplos de textos instrucionais, por exemplo:

- Receitas;
- Instruções de montagem;
- Instruções de jogos;
- Bulas de medicamentos.

Produtos dos Alunos

Sopa de beterraba

Ingredientes:

- 1 alho francês
- 1 cebola
- 1 batata
- 1 courgette
- 2 beterrabas cozidas

Modo de preparação:

Corte o alho francês em rodelas, lave e escorra.
Descasque a cebola e corte-a em meias luas.

Numa panela junte o alho francês e a cebola, tape e deixe ferver enquanto descasca a batata e a courgette. Corte ambas em cubos pequenos e deite na panela. Tempere com sal, tape e deixe ferver sobre lume muito brando até os legumes estarem macios.

Adicione um pouco de água a ferver e triture com a varinha mágica até os legumes estarem completamente desfeitos. Junte a beterraba cortada em pedaços e volte a triturar até estar bem desfeita. Adicione mais água a ferver e continue a triturar com a varinha até a sopa ficar na consistência pretendida.

Anexo Q – Planificação de Português “Instruções de Jogos” e produto dos alunos.

Texto instrucional – instruções de jogos (14 de maio das 11h00 às 12h30)

Competências	Descritores de Desempenho	Conteúdos	Descrição da Atividade	Materiais	Tempo (min)	Avaliação		
						Indicadores	Instrumentos	
Expressão Oral Compreensão Oral Leitura Escrita	<ul style="list-style-type: none"> - Participar em atividades de expressão orientada respeitando regras e papéis específicos: <li style="padding-left: 20px;">- ouvir os outros; <li style="padding-left: 20px;">- esperar a sua vez. - Prestar atenção ao que ouve de modo a tornar possível: cumprir instruções. - Ler com progressiva autonomia palavras, frases e pequenos textos para: <ul style="list-style-type: none"> - identificar o tema central do texto - seguir instruções escritas para realizar uma ação; - usar adequadamente maiúsculas e minúsculas. - Elaborar por escrito respostas a atividades. 	<ul style="list-style-type: none"> - Regras e papéis de interação. - Instruções. 	<ul style="list-style-type: none"> - Inicia-se a aula questionando os alunos para o trabalho feito nas últimas aulas, nomeadamente do género textual que temos estado a explorar: texto instrucional. - Lembra-se que existem mais tipos de textos que pertencem a este género, são eles, as receitas (que já analisaram detalhadamente), as bulas dos medicamentos, as instruções da montagem de móveis e instruções de jogos. - Propõe-se então à turma que se façam grupos de 2 alunos e que joguem um jogo novo, mediante as suas instruções. - O material é distribuído aos alunos. Faz-se uma leitura silenciosa, pedindo aos mesmos que levantem o dedo, sem fazer barulho, quando terminarem de ler e, em seguida, deitem as cabeças nas mesas, quando todos os alunos tiverem lido, a professora faz uma leitura, em voz alta, e explora o texto, detalhadamente.: 	<ul style="list-style-type: none"> - Tabuleiro de jogo - Regras de Jogo - Tabela de Pontuação - Dados - Botões - Material de escrita 	15	<ul style="list-style-type: none"> - Ouve os outros sem interromper. - Espera a sua vez de falar, colocando o dedo no ar. - Presta atenção ao que ouve de modo a tornar possível: cumprir instruções. - Lê com progressiva autonomia palavras, frases e pequenos textos para: <ul style="list-style-type: none"> - identifica o tema central do texto; - segue instruções escritas para realizar uma ação; - Usa adequadamente maiúsculas e 	<ul style="list-style-type: none"> - Grelha de observação. 	
					10			10
					10			10

			<p>se as instruções dão ordens?; exemplos de frases, no texto, que deem ordens.</p> <p>- Finalmente, os alunos jogam uma ou duas partidas.</p> <p>- Para finalizar, a professora pergunta aos alunos se acham que as instruções os ajudaram a perceber o que era para fazer; se se podia acrescentar mais alguma informação.</p>	<p>25</p> <p>20</p>	<p>minúsculas.</p> <p>- Elabora por escrito respostas a atividades.</p>	
--	--	--	--	---------------------	---	--

Anexo R – Ficha de Trabalho - Portefólio

Palavra	Sílabas	Ilustração
Daniel _____	○ ○ ○ ○	
damas _____	○ ○ ○ ○	
derreter _____	○ ○ ○ ○	
bode _____	○ ○ ○ ○	
dicionário _____	○ ○ ○ ○	
dor _____	○ ○ ○ ○	
dúvida _____	○ ○ ○ ○	

Anexo S – Ficha de Compreensão Oral.

Nome: _____

Data: _____

Está um hipopótamo na minha cama

1- Qual é o título da história que acabaste de ouvir? Sublinha a resposta correta.

- rapaz dos hipopótamos
- Está um hipopótamo na minha cama
- O ganso do charco

2- Assinala com X as personagens da história.

Guilherme	
mãe	
elefante	
hipopótamo	
pai	
avô	
baleia	
vaca	
fada	
sereia	

3- Completa a frase.

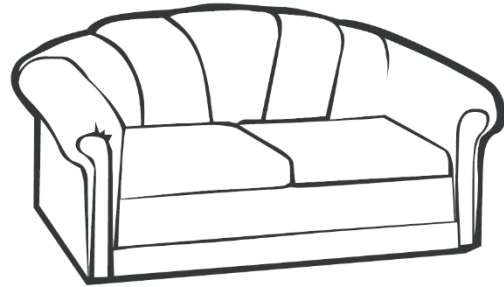
O Guilherme acordava durante a _____ e a _____ estava molhada.

4- Pinta a opção correta.

O hipopótamo apareceu...



...na cama do Guilherme.



...no sofá da sala.

5- Completa o nome do menino da história com as letras que faltam e ilustra.

G _ _ lh _ _ _ _



6- Quando o Guilherme acordava quem ia ter com ele ao quarto?

O irmão

A mãe

O tio

7- O que fazia a mãe sempre que o Guilherme a chamava?

Ralhava-lhe

Dava-lhe banho

Trocava os lençóis molhados por secos

8- Onde devem ficar as coisas molhadas?

Na casa de banho

Na cozinha

No quarto

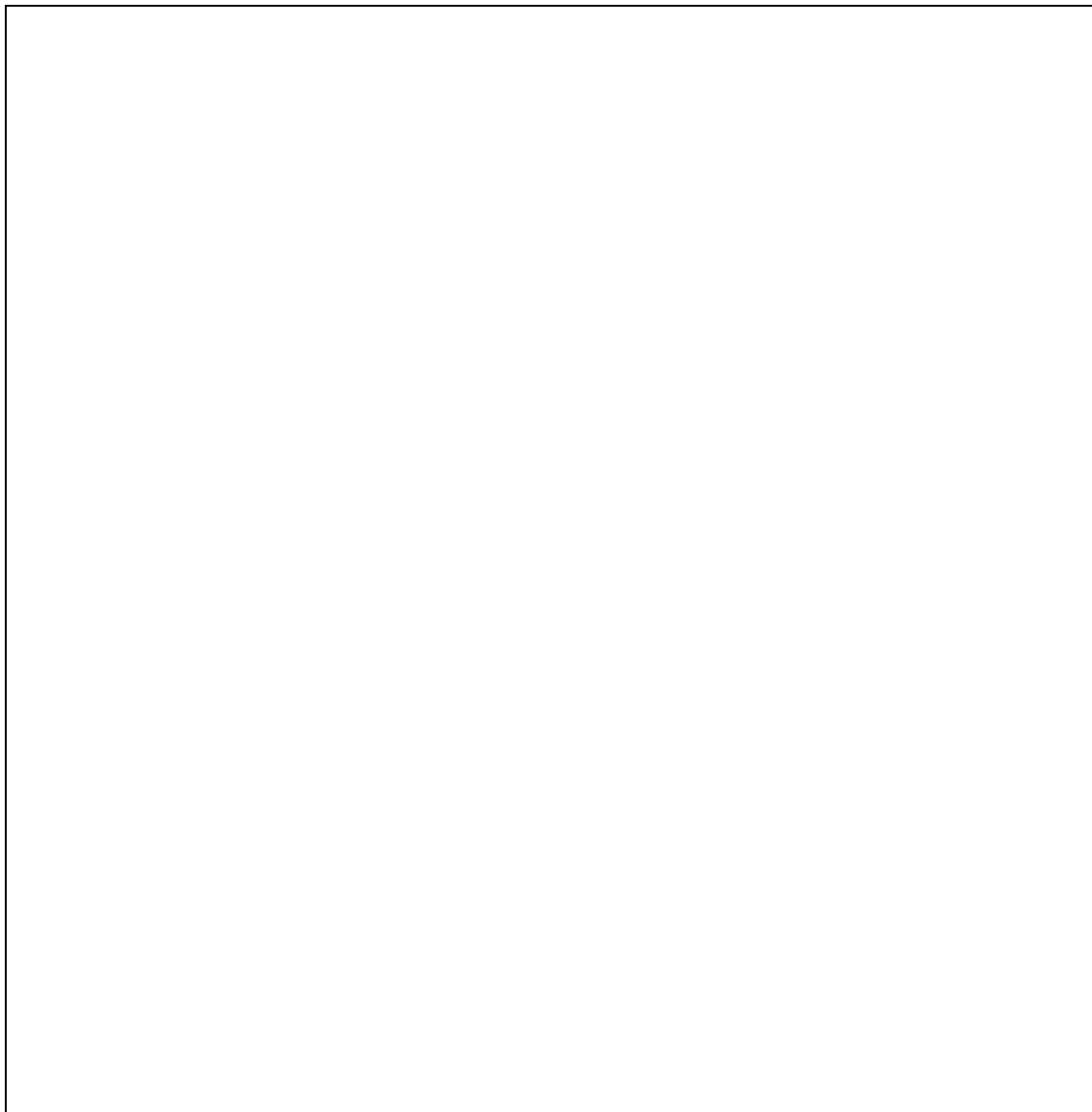
9- Numera de 1 a 6 as seguintes frases de acordo com a ordem da história.

	Na noite seguinte, apareceu uma baleia debaixo da colcha.
	Guilherme dormiu na cama grande com a mãe.

	Um hipopótamo apareceu na cama do <i>Guilherme</i> .
	Na cama grande não apareceram hipopótamos, baleias nem sereias.
	O pai do <i>Guilherme</i> foi viajar.
	Uma sereia molhou a cama do <i>Guilherme</i> .

10-Imagina que aparecia mais alguém na cama do *Guilherme*, o que poderia ser?

Ilustra.



Produtos dos Alunos

Data: 17/5/2015

Está um hipopótamo na minha cama

1- Qual é o título da história que acabaste de ouvir? Sublinha a resposta correta.

- O rapaz dos hipopótamos
- Está um hipopótamo na minha cama
- O ganso do charco

2- Assinala com X as personagens da história.

Guilherme	X
mãe	X
elefante	X
hipopótamo	X
pai	X
avô	
baleia	X
vaca	
fada	
sereia	X

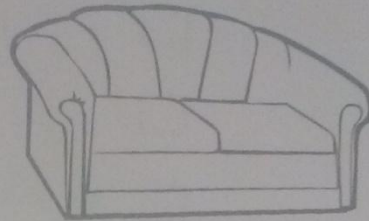
3- Completa a frase.

O Guilherme acordava durante a noite e a cama estava molhada.

O hipopótamo apareceu...



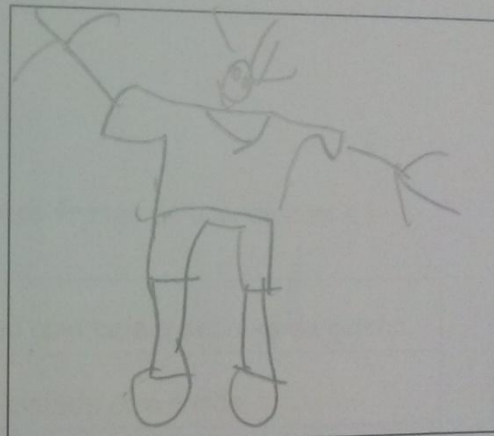
...na cama do Guilherme.



...no sofá da sala.

5- Completa o nome do menino da história com as letras que faltam e ilustra.

Guilh e Sime



6- Quando o Guilherme acordava quem ia ter com ele ao quarto?

O irmão

A mãe

O tio

7- O que fazia a mãe sempre que o Guilherme a chamava?

Ralhava-lhe

Dava-lhe banho

Trocava os lençóis molhados por secos

8- Onde devem ficar as coisas molhadas?

Na casa de banho

Na cozinha

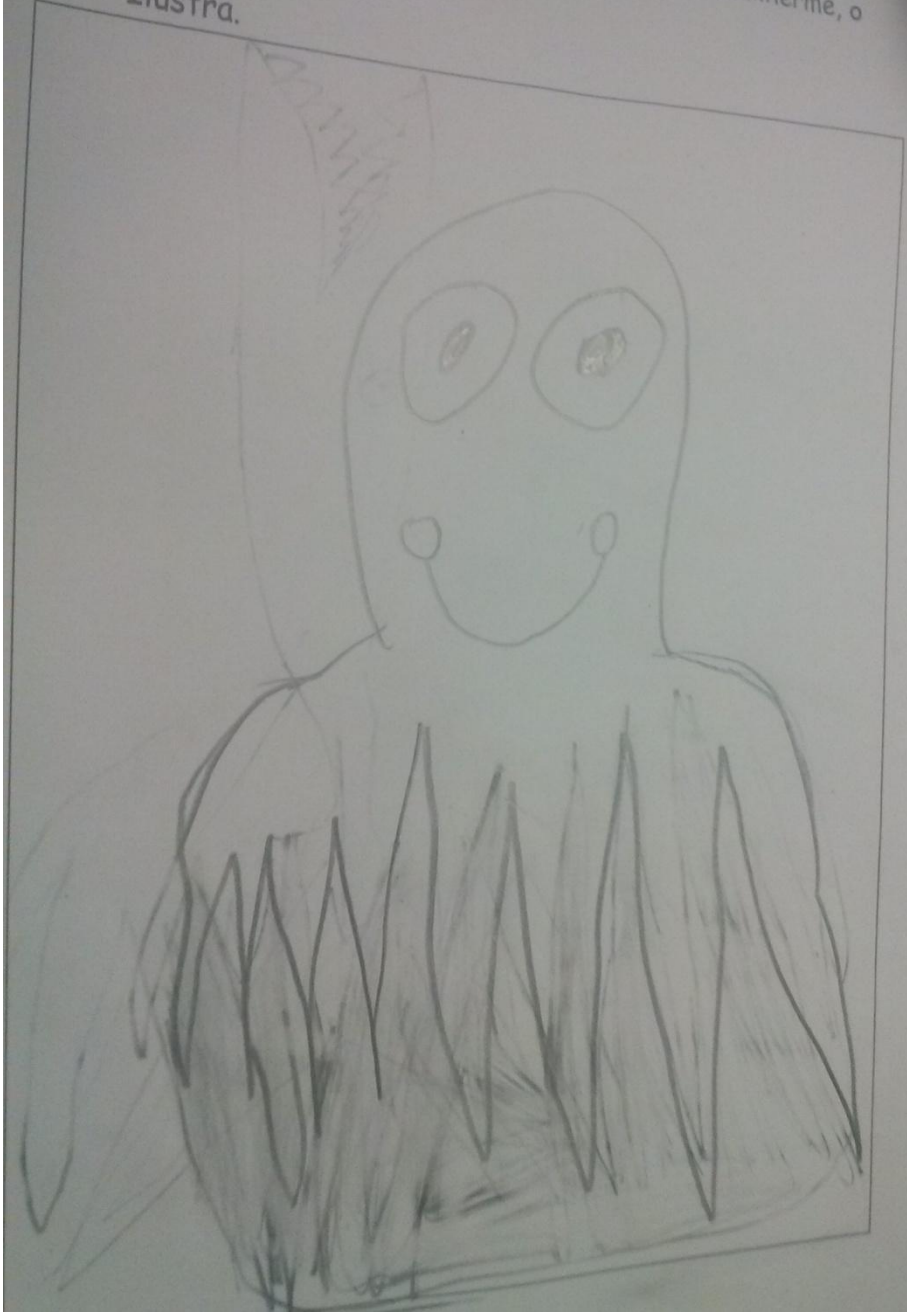
No quarto

9- Numera de 1 a 6 as seguintes frases de acordo com a ordem da história.

2	Na noite seguinte, apareceu uma baleia debaixo da colcha.
4	Guilherme dormiu na cama grande com a mãe.
1	Um hipopótamo apareceu na cama do Guilherme.
6	Na cama grande não apareceram hipopótamos, baleias nem sereias.
5	O pai do Guilherme foi viajar.
3	Uma sereia molhou a cama do Guilherme.

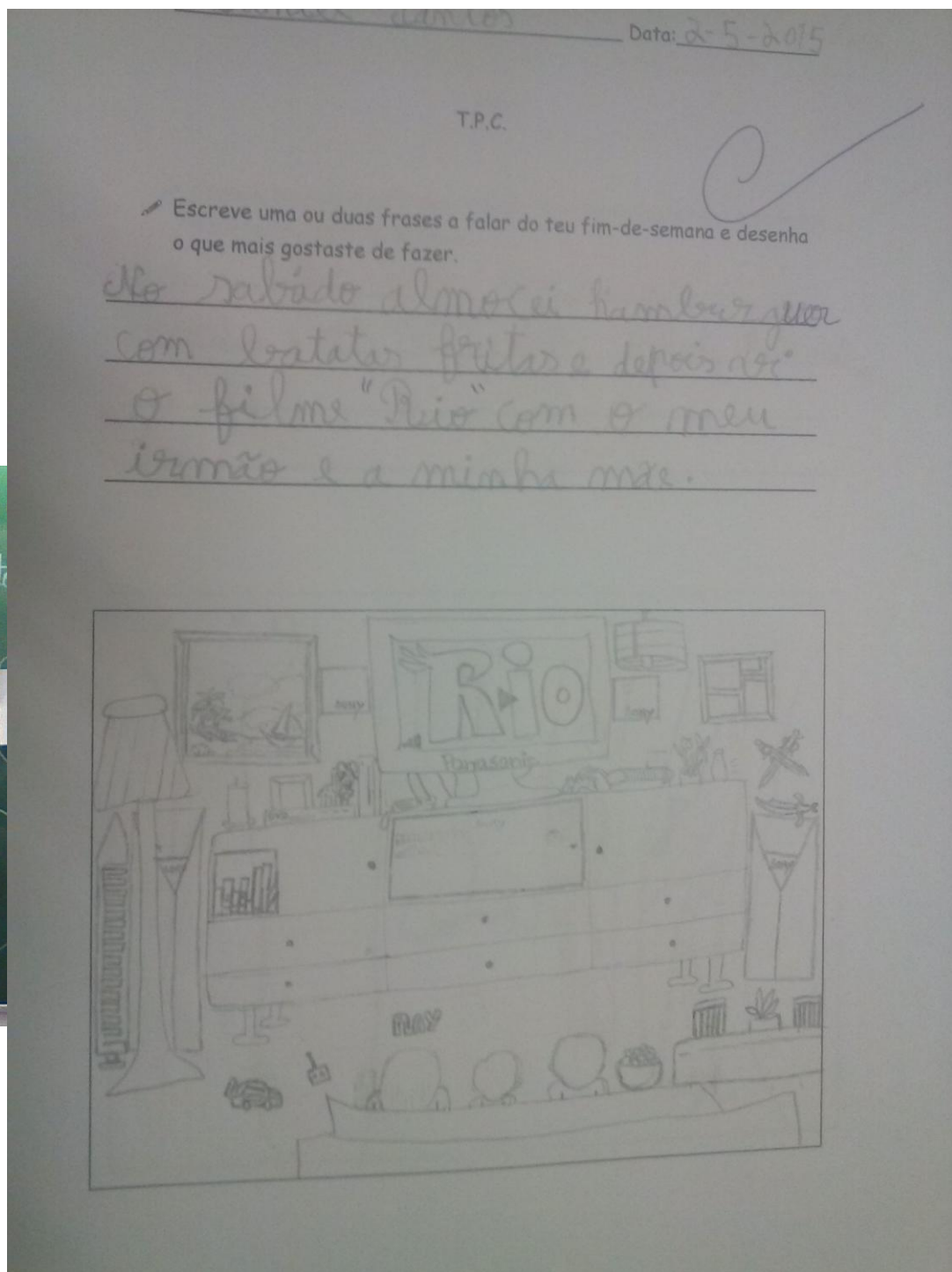
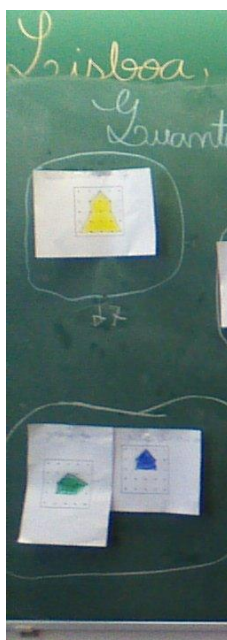
10-Imagina que aparecia mais alguém na cama do Guilherme, o que poderia ser?

Ilustra.



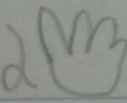
Anexo T – Trabalho de Casa: proposta de escrita.

Anexo U –
Aula de
Matemática:
ensino dos
polígonos.



Anexo V – Ficha de Matemática: noções de comprimento.

Vamos medir...

	Palmo	Lápis	Borracha
Comprimento da mesa	9	6 [□]	24 [□]
Largura da mesa	70 [□]	3	12 [□]
Lado do tampo da cadeira	2 	2	8
Comprimento do caderno	2	2	7 [□]
Largura do caderno	2	1 [□]	5 [□]

Anexo W – Ficha de Matemática: noções de área.

A Joana desenhou, em papel quadriculado, as figuras seguintes.

1. Ajuda a Joana a descobrir qual é a área das figuras desenhadas, tomando como unidade de medida um quadrado.

1.1. Qual a área da figura 1? 25 quadrados

Explica como contaste.

$$5 + 5 + 5 + 5 + 5 = 25$$

$$5 \times 5 = 25$$

1.2. Qual a área da figura 2? 16 quadrados

Explica como contaste.

$$1 + 3 + 5 + 7 = 16$$

1.3. Qual dos dois desenhos tem uma área maior? O quadrado, porque a unidade de medida se repete.

2. E se utilizarmos como unidade de medida o triângulo.

2.1. Qual será a área da figura 1? 50 triângulos

Explica como contaste.

$$25 + 25 = 50$$

$$2 \times 25 = 50$$

2.2. E da figura 2?

32 triângulos

Explica como contaste.

$$16 + 16 = 32$$


$$2 \times 16 = 32$$

$$2 + 6 + 10 + 14 = 32$$

Anexo X – Ficha de Estudo do Meio: projeto dos animais

Nome: _____ Date: _____

Nome do projeto: _____



1. O animal que eu vou estudar é um/uma _____

O que eu já sei.	O que eu quero saber.	Curiosidades

Como vamos fazer o nosso trabalho?

Como vamos mostrar o nosso trabalho à turma?

Anexo Y – Ficha de trabalho de Ciências Experimentais.

Nome: _____

Data: _____

Vamos realizar uma experiência...

Materiais:

- Molde de vulcão
- Bicarbonato de sódio
- Vinagre
- Corante vermelho
- Vareta
- Prato

O que vai acontecer se juntar bicarbonato de sódio com o vinagre?

Ilustra.



Agora que já realizaste a experiência...

O que aconteceu?

Verifica o que aprendeste.

O vinagre é:

- Um sumo
- Uma bebida doce
- Um ácido

O bicarbonato juntamente com o vinagre fez com que:

- Houvesse uma explosão
- O líquido subisse e se espalha-se
- Houvesse um incêndio

O bicarbonato e o vinagre libertaram:

- Dióxido de carbono
- Oxigénio
- Fumo

Produtos dos Alunos


Vamos realizar uma experiência...

Materiais:

- Molde de vulcão
- Bicarbonato de sódio
- Vinagre
- Corante vermelho
- Vareta
- Prato

O que vai acontecer se juntar bicarbonato de sódio com o vinagre?

Ilustra.



... agora que já realizaste a experiência...

O que aconteceu?

O fermento com o vinagre libertou
uma substância branca e espumosa
substituiu o líquido

Verifica o que aprendeste.

O vinagre é:

- Um sumo
- Uma bebida doce
- Um ácido

O bicarbonato juntamente com o vinagre fez com que:

- Houvesse uma explosão
- O líquido subisse e se espalhasse
- Houvesse um incêndio

O bicarbonato e o vinagre libertaram:

- Dióxido de carbono
- Oxigénio
- Fumo

Anexo Z – Atividade de Expressão Plástica.



Anexo AA – Planificação de Expressão Dramática.

Atividades de expressão dramática: preparação para a criação de um anúncio publicitário (13/5 das 15h às 15h45)

Conteúdo	Objetivos	Descrição da Atividade	Material	Tempo (min)	Avaliação	
					Indicadores	Instrumentos
Voz Corpo	<ul style="list-style-type: none"> - Experimentar maneiras diferentes de produzir sons. - Explorar sons orgânicos ligados a ações quotidianas - Desenvolver a concentração e a atenção - Trabalhar a escuta ativa - Explorar as possibilidades expressivas da voz, incluindo a projeção de voz - Desenvolver a capacidade do corpo como recetor das sensações - Promover a perspicácia - Interpretar os pormenores - Desenvolver o sentido do tato - Explorar as possibilidades motoras e expressivas do corpo 	<p>- A aula passar-se-á no recreio. Inicia-se a aula, com os alunos em roda. Pede-se que andem, devagar, para o lado direito da roda. Depois para o lado esquerdo. Pede-se, então, que parem, nos lugares onde estão e que imitem a professora: esta diz, em voz alta, AAAAAAAAAA (gesticulando de forma exagerada a boca); EEEEEEE; IIIIIIIII; OOOOOOOO; UUUUUUUU; EEEEEUUU; AAAAIIIIII; UUUUIIIII; EEEEEIII; OOOOIIII.</p> <p>- Em seguida, dispõem-se a turma em roda. Um a um, cada aluno dirige-se ao meio da roda e, de olhos fechados, ouve o seu nome proferido pelos restantes colegas, em vários tons e expressões de vozes. O aluno que está no meio da roda tem que tentar adivinhar de onde vem cada voz e identificar o colega que a proferiu.</p> <p>- Seguidamente, o professor distribui vendas por metade da turma, estes terão de se sentar, formando uma fileira, colocando as vendas nos olhos. Em seguida, os restantes alunos terão de escolher um colega e sentar-se à sua frente, sem se</p>	13 Vendas	10	<ul style="list-style-type: none"> - Experimenta maneiras diferentes de produzir sons. - Explora sons orgânicos ligados a ações quotidianas - Desenvolve a concentração e a atenção - Trabalha a escuta ativa - Explora as possibilidades expressivas da voz, incluindo a projeção de voz - Desenvolve a capacidade do corpo como recetor das sensações - Promove a perspicácia - Interpreta os pormenores - Desenvolve o sentido do tato - Explora as possibilidades motoras 	- Grelha de observação.
				20	<ul style="list-style-type: none"> - Desenvolve a capacidade do corpo como recetor das sensações - Promove a perspicácia - Interpreta os pormenores - Desenvolve o sentido do tato - Explora as possibilidades motoras 	

		<p>identificar ao mesmo. O aluno que está vendado terá de, através do tato, identificar características que lhe indiquem quem é o colega que está à sua frente.</p> <p>- No final, os alunos sentam-se, em roda e faz-se um balanço da aula: “O que acharam da atividade?” “Gostariam de repetir?” “Que sensações vos provocaram?” “Que parte mais gostaram?” “Houve algum exercício que não gostassem?” “Como acham que foi o comportamento, nesta atividade?”</p>		15	e expressivas do corpo	
				10		

Anexo AB – Quadro síntese dos conteúdos a abordar.

ÁREA CURRICULAR	CONTEÚDOS	DESCRITORES DE DESEMPENHO
LÍNGUA PORTUGUESA	COMPREENSÃO ORAL	
	<ul style="list-style-type: none"> - Plano fonológico e discursivo; - Vocabulário; - Informação essencial e acessória; - Reconto; - Ideia principal; - Assunto. 	<ul style="list-style-type: none"> - Prestar atenção ao que ouve, de modo a tornar possível: <ul style="list-style-type: none"> - Apropriar-se de novos vocábulos; - Identificar palavras desconhecidas; - Responder a questões acerca do que ouviu; - Reter o essencial de um pequeno texto ouvido; - Apreender o sentido global de textos ouvidos; - Recontar histórias. - Antecipar conteúdos com base nas ilustrações e no título. - Antecipar conteúdos, mobilizando conhecimentos prévios.
	EXPRESSÃO ORAL	
	<ul style="list-style-type: none"> - Informação essencial e acessória; - Vocabulário; - Articulação; - Intencionalidade comunicativa; - Regras e papéis de interação oral. 	<ul style="list-style-type: none"> - Referir o essencial de um pequeno texto ouvido. - Assinalar palavras desconhecidas. - Articular, corretamente, palavras, incluindo as de estrutura silábica mais complexas. - Produzir discursos com diferentes finalidades e de acordo com intenções específicas: <ul style="list-style-type: none"> -Relatar, recontar, contar, descrever. - Participar em atividades de expressão orientada respeitando regras e papéis específicos: <ul style="list-style-type: none"> - Ouvir os outros; - Esperar a sua vez; - Respeitar o tema;
LEITURA		

	<ul style="list-style-type: none"> - Funções da leitura; - Leitura orientada; - Estratégias de leitura; - Vocabulário; - Tipos e formas de leitura. 	<ul style="list-style-type: none"> - Antecipar conteúdos, mobilizando conhecimentos prévios. - Expressar sentimentos e emoções provocados pela leitura de textos. - Ouvir ler e ler obras de literatura para a infância e textos da tradição popular. - Identificar os sons da palavra e estabelecer as correspondências som/letra e letra/som; - Ler palavras através de: <ul style="list-style-type: none"> - Reconhecimento global; - Correspondência som/letra; - Antecipação; - Chaves contextuais. - Antecipar conteúdos. - Ler por iniciativa própria. - Ler e ouvir ler obras de literatura para a infância e reagir ao texto.
	ESCRITA	
	<ul style="list-style-type: none"> - Palavra, frase, texto; - Textualização; - Revisão; - Tipos de erro. 	<ul style="list-style-type: none"> - Escrever legivelmente e, em diferentes suportes, com correção (orto)gráfica e gerindo corretamente o espaço da página: <ul style="list-style-type: none"> - Palavras e frases de acordo com um modelo; - Palavras e frases sem modelo. - Elaborar por escrito respostas a roteiros de tarefas e atividades. - Redigir textos, respeitando as convenções gráficas, ortográficas e de pontuação. - Rever os textos com apoio do professor: <ul style="list-style-type: none"> - Identificar erros; - Reescrever o texto; - Cuidar da apresentação final dos textos. - Escrever textos por sua iniciativa. - Escrever textos mediante proposta do professor.
CONHECIMENTO EXPLÍCITO DA LÍNGUA		

	<ul style="list-style-type: none"> - Sons e fonemas; - Frase; - Sílabas; - Palavras semelhantes; - Palavras opostas; - Morfologia flexional; - Flexão nominal, adjetival – número (singular, plural); gênero (masculino, feminino). 	<ul style="list-style-type: none"> - Manipular os sons da língua e observar os efeitos produzidos: <ul style="list-style-type: none"> - Segmentar e reconstruir a cadeia fônica; - Discriminar os sons da fala; - Articular corretamente os sons da língua; - Produzir palavras por alteração, supressão e inserção de elementos. - Construir frases. - Manipular palavras e frases. - Repetir imediatamente depois da apresentação oral, sem erros de identidade ou de ordem, palavras e pseudo-palavras constituídas por pelo menos 3 sílabas: CV (consoante – vogal) ou CCV (consoante – consoante – vogal). - Formar femininos e masculinos de nomes e adjetivos de flexão regular (de índice temático –o ou –a). - Formar singulares e plurais de nomes e adjetivos que seguem a regra geral (acrescentar –s ao singular), incluindo os que terminam em –m e fazem o plural em –ns (fim, bom, etc.).
MATEMÁTICA	TÓPICOS	OBJETIVOS ESPECÍFICOS
	NÚMEROS E OPERAÇÕES	
	<p style="text-align: center;">Números naturais</p> <ul style="list-style-type: none"> - Contar até cem. 	<ul style="list-style-type: none"> - Associar pela contagem diferentes conjuntos ao mesmo número natural, o conjunto vazio ao número zero e reconhecer que um conjunto tem menor número de elementos que outro se o resultado da contagem do primeiro for anterior, na ordem natural, ao resultado da contagem do segundo. - Efetuar contagens progressivas e regressivas envolvendo números até cem.
<p style="text-align: center;">Sistema de numeração decimal</p> <ul style="list-style-type: none"> - Descodificar o sistema decimal de numeração decimal. 	<ul style="list-style-type: none"> - Ler e representar qualquer número natural até 100, identificando o valor posicional dos algarismos que o compõem. - Comparar números naturais até 100 tirando partido do valor posicional dos algarismos e utilizar corretamente os símbolos «<>» e «><». 	

	<p>Adição</p> <ul style="list-style-type: none"> - Adicionar números naturais; - Resolver problemas. 	<ul style="list-style-type: none"> - Adicionar fluentemente dois números de um algarismo. - Decompor um número natural inferior a 100 na soma das dezenas com as unidades. - Decompor um número natural até 20 em somas de dois ou mais números de um algarismo. - Adicionar mentalmente um número de dois algarismos com um número de um algarismo e um número de dois algarismos com um número de dois algarismos terminado em 0, nos casos em que a soma é inferior a 100. - Adicionar dois quaisquer números naturais cuja soma seja inferior a 100, adicionando dezenas com dezenas, unidades com unidades com composição de dez unidades em uma dezena quando necessário. - Resolver problemas de um passo envolvendo situações de juntar ou acrescentar.
	<p>Subtração</p> <ul style="list-style-type: none"> - Subtrair números naturais; - Resolver problemas. 	<ul style="list-style-type: none"> - Relacionar a subtração com a adição, identificando a diferença entre dois números como o número que se deve adicionar ao subtrativo para obter o aditivo. Efetuar a subtração de dois números por contagens progressivas ou regressivas de, no máximo, nove unidades. - Subtrair de um número natural até 100 um dado número de dezenas. - Efetuar a subtração de dois números naturais até 100, decompondo o subtrativo em dezenas e unidades. - Resolver problemas de um passo envolvendo situações de retirar, comparar ou completar.
	GEOMETRIA E MEDIDA	
<p>Figuras geométricas</p> <ul style="list-style-type: none"> - Reconhecer e representar formas geométricas. 	<ul style="list-style-type: none"> - Identificar pares de segmentos de reta com o mesmo comprimento como aqueles cujos extremos estão à mesma distância e saber que são geometricamente iguais. - Identificar partes planas de objetos verificando que de certa perspectiva podem ser vistas como retilíneas. - Reconhecer partes planas de objetos em posições variadas. 	

		<ul style="list-style-type: none"> - Identificar, em objetos, retângulos e quadrados com dois lados em posição vertical e os outros dois em posição horizontal e reconhecer o quadrado como caso particular do retângulo. - Identificar, em objetos e desenhos, triângulos, retângulos, quadrados, circunferências e círculos em posições variadas e utilizar corretamente os termos «lado» e «vértice». - Representar triângulos e, em grelha quadriculadas, retângulos e quadrados. - Identificar cubos, paralelepípedos retângulos, cilindros e esferas.
	<p style="text-align: center;">Medida</p> <ul style="list-style-type: none"> - Medir distâncias e comprimentos; - Medir áreas; - Contar dinheiro. 	<ul style="list-style-type: none"> - Utilizar um objeto rígido com dois pontos nele fixados para medir distâncias e comprimentos que possam ser expressos como números naturais e utilizar corretamente neste contexto a expressão «unidade de comprimento». - Reconhecer que a medida da distância entre dois pontos e portanto a medida do comprimento do segmento de reta por eles determinado depende da unidade de comprimentos. - Efetuar medições referindo a unidade de comprimento utilizada. - Comparar distâncias e comprimentos utilizando as respectivas medidas, fixada uma mesma unidade de comprimento. - Identificar o perímetro de um polígono como a soma das medidas dos comprimentos dos lados, fixada uma unidade. - Reconhecer, num quadriculado, figuras equidecomponíveis. - Saber que duas figuras equidecomponíveis têm a mesma área e, por esse motivo, qualifica-las como figuras «equivalentes». - Comparar áreas de figuras por sobreposição, decompondo-as previamente se necessário. - Reconhecer as diferentes moedas e notas do sistema monetário da área do Euro. - Saber que 1 euro é composto por 100 cêntimos. - Ler quantias de dinheiro decompostas em euros e cêntimo envolvendo números até 100.

	ORGANIZAÇÃO E TRATAMENTO DE DADOS	
	Representação de conjuntos - Representar conjuntos e elementos.	- Utilizar corretamente os termos «conjunto», «elemento» e as expressões «pertence ao conjunto», «não pertence ao conjunto» e «cardinal do conjunto». - Representar graficamente conjuntos disjuntos e os respectivos elementos em diagramas de Venn.
ESTUDO DO MEIO	TÓPICOS	
	OBJETIVOS GERAIS	
	À DESCOBERTA DO AMBIENTE NATURAL	
	- Os seres vivos do seu ambiente.	- Cultivar plantas na sala de aula. - Conhecer alguns cuidados a ter com as plantas e os animais. - Reconhecer manifestações da vida vegetal e animal. - Conhecer partes constitutivas das plantas mais comuns (raiz, caule, folhas, flores e frutos). - Reconhecer diferentes ambientes onde vivem os animais. - Reconhecer características externas de alguns animais. - Recolher dados sobre o modo de vida de alguns animais.
À DESCOBERTA DOS MATERIAIS E OBJETOS		
- Realizar experiências com a água; - Realizar experiências com o som; - Manusear objetos em situações concretas.	- Verificar experimentalmente o efeito da água nas substâncias (molhar, tornar moldável). - Reconhecer materiais que flutuam e materiais que não flutuam. - Verificar experimentalmente o efeito da água nas substâncias (dissolver/misturar). - Produzir sons. - Realizar experiências com alguns materiais e objetos de uso corrente. - Comparar alguns materiais segundo propriedades simples (forma, textura, cor, sabor, cheiro,...). - Agrupar materiais segundo essas propriedades.	
ARTIS TIC AS E AT IV ID A DE FÍ SI C A	CONTEÚDOS	OBJETIVOS GERAIS

	EXPRESSÃO MUSICAL	
	- Corpo; - Expressão e criação musical.	- Experimentar percussão corporal, batimentos, palmas, etc. - Acompanhar melodias com gestos e percussão corporal. - Associar movimentos a pulsação, andamento. - Utilizar diferentes maneiras de produzir sons com percussão corporal. - Organizar sequências de movimento para sequências sonoras.
	EXPRESSÃO PLÁSTICA	
	- Construção; - Desenho; - Pintura; - Recorte, colagem, dobragem; - Cartazes.	- Explorar possibilidades técnicas de lápis de cor, giz, lápis de cera, grafite, tintas. - Pintar livremente em suportes neutros. - Pintar livremente, em grupo, sobre papel de cenário de grandes dimensões. - Realizar composições, recortando e colando diferentes materiais. - Realizar construções com um fim comunicativo.
	EXPRESSÃO DRAMÁTICA	
	- Corpo; - Voz; - Espaço; - Objetos.	- Explorar as diferentes possibilidades expressivas. - Reproduzir sons. - Explorar diferentes formas de se deslocar, em locais com diferentes características. - Improvisar atitudes, gestos, movimentos. - Mimar ações isoladas.
	ATIVIDADE FÍSICO-MOTORA	
	- Natação	- Durante o 3.º período a turma estará a frequentar a natação num complexo desportivo da freguesia. As aulas serão dinamizadas por um professor de natação pertencente ao complexo.

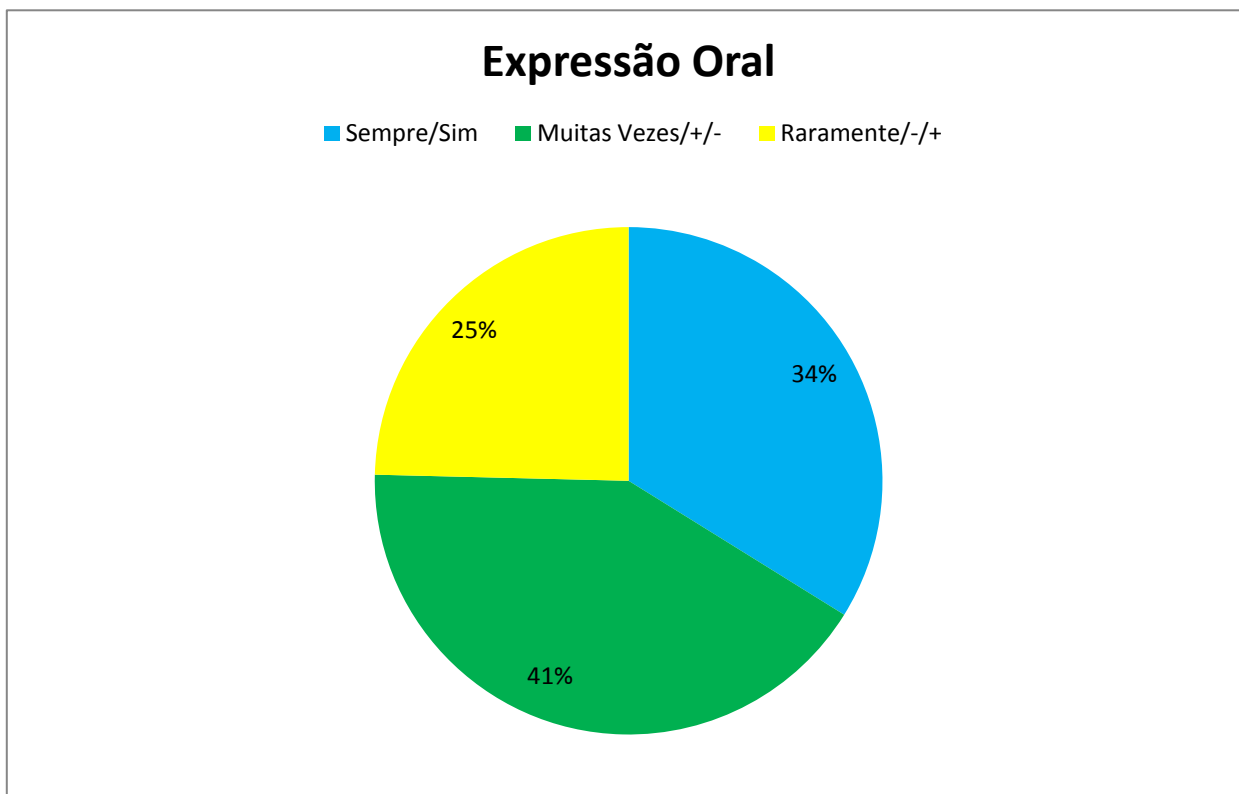
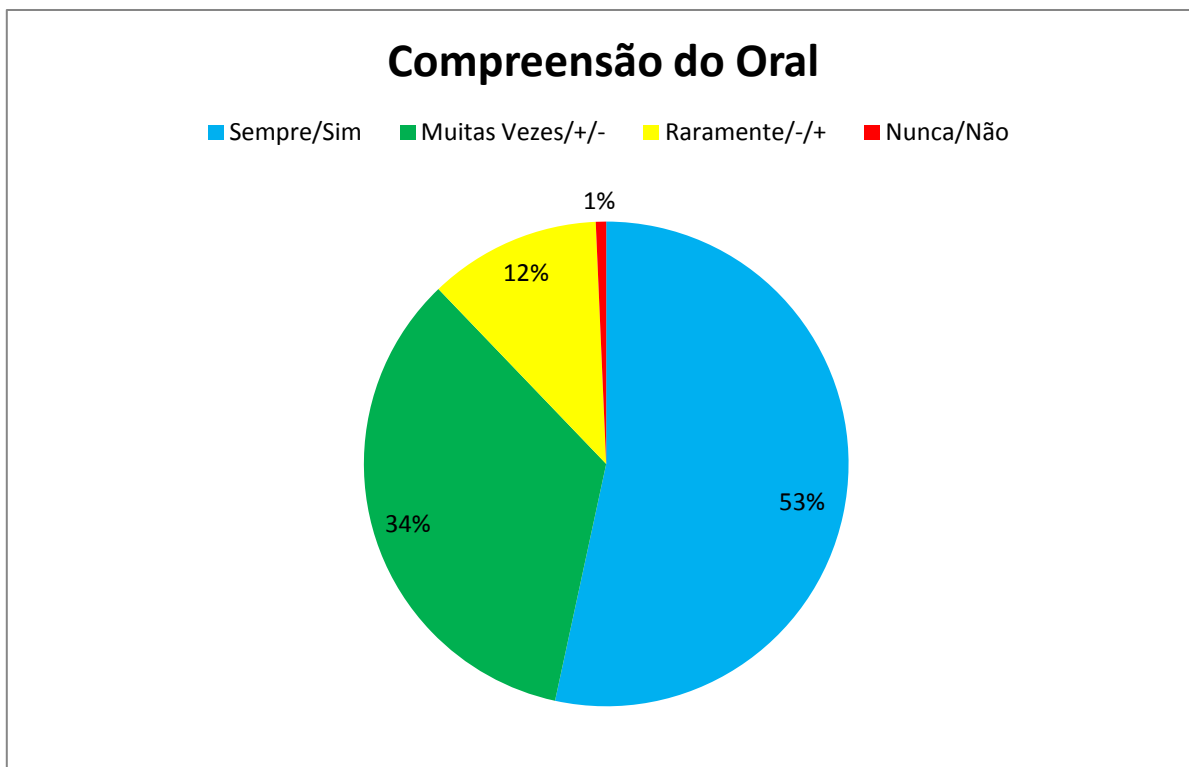
Anexo AD – Grelha de Avaliação de Português

Avaliação das Aprendizagens Língua Portuguesa	Alunos	Aluno 1	Aluno 2	Aluno 3	Aluno 4	Aluno 5	Aluno 6	Aluno 7	Aluno 8	Aluno 9	Aluno 10	Aluno 11	Aluno 12	Aluno 13	Aluno 14	Aluno 15	Aluno 16	Aluno 17	Aluno 18	Aluno 19	Aluno 20	Aluno 21	Aluno 22	Aluno 23	Aluno 24	Aluno 25	
	Descritores de Desempenho																										
Compreensão Oral																											
Identifica palavras desconhecidas																											
Responde a questões acerca do que ouviu																											
Retém o essencial de um pequeno texto ouvido																											
Apreende o sentido global de textos ouvidos																											
Reconta histórias																											
Antecipa conteúdos com base nas ilustrações e no título																											
Antecipa conteúdos, mobilizando conhecimentos prévios																											
Expressão Oral																											

Refere o essencial de um pequeno texto ouvido	Green	Green	Yellow	Green	Green	Green	Green	Green	Green	Green	Yellow	Yellow	Yellow	Green	Green	Green	Green	Green	Blue	Blue	Green	Blue	Blue	Green	Green
Articula, corretamente, palavras, incluindo as de estrutura silábica mais complexas	Yellow	Blue	Yellow	Green	Blue	Blue	Blue	Green	Blue	Green	Yellow	Yellow	Green	Green	Blue	Blue	Green	Blue	Blue	Blue	Blue	Blue	Blue	Blue	Blue
Relata, reconta, conta, descreve	Green	Blue	Yellow	Yellow	Green	Green	Green	Yellow	Blue	Green	Yellow	Yellow	Yellow	Green	Green	Green	Green	Blue	Blue	Green	Blue	Blue	Green	Green	
Ouve os outros	Yellow	Green	Yellow	Green	Green	Yellow	Blue	Green	Green	Green	Blue	Yellow	Yellow	Green	Yellow	Blue	Yellow	Yellow	Yellow	Green	Blue	Green	Green	Green	Blue
Esperar a sua vez	Blue	Yellow	Yellow	Green	Green	Green	Blue	Blue	Blue	Green	Blue	Blue	Yellow	Blue	Yellow	Blue	Green	Green	Green	Blue	Blue	Blue	Blue	Blue	Blue
Leitura																									
Exprime sentimentos e emoções provocados pela leitura de textos	Yellow	Blue	Yellow	Yellow	Blue	Green	Green	Yellow	Blue	Green	Yellow	Yellow	Green	Green	Green	Green	Green	Green	Blue	Green	Green	Blue	Green	Green	Green
Identifica os sons da palavra e estabelecer as correspondências som/letra e letra/som	Yellow	Blue	Red	Yellow	Blue	Blue	Green	Green	Blue	Green	Yellow	Yellow	Green	Green	Green	Green	Green	Green	Blue	Blue	Green	Blue	Green	Green	Yellow
Lê palavras através de reconhecimento global	Green	Blue	Red	Green	Blue	Blue	Green	Green	Blue	Green	Yellow	Yellow	Green	Green	Green	Green	Green	Green	Blue	Blue	Green	Blue	Green	Green	Green
Lê palavras através de correspondência som/letra	Green	Blue	Red	Green	Blue	Blue	Green	Green	Blue	Green	Yellow	Yellow	Green	Green	Green	Green	Green	Green	Blue	Blue	Green	Blue	Green	Green	Yellow
Lê por iniciativa própria	Yellow	Blue	Red	Green	Blue	Blue	Green	Yellow	Blue	Yellow	Red	Red	Green	Green	Yellow	Green	Green	Blue	Blue	Blue	Blue	Green	Green	Green	Green
Escrita																									

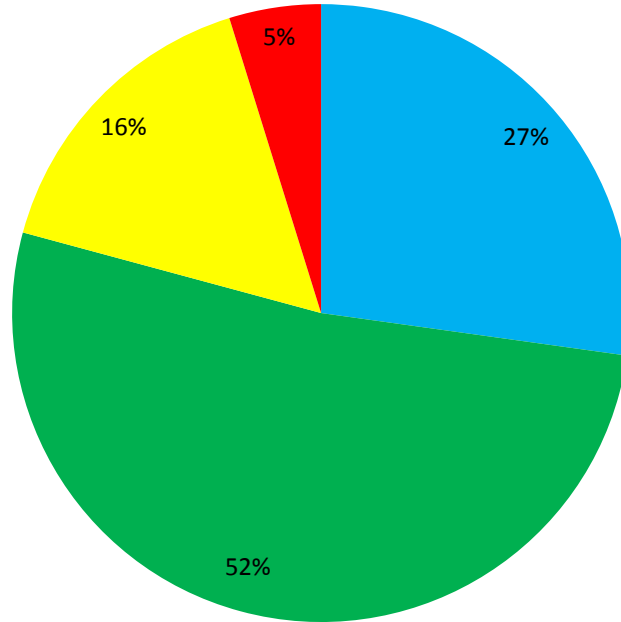
Manipula palavras e frases	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■
Forma femininos e masculinos de nomes e adjetivos de flexão regular	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■
Forma singulares e plurais de nomes e adjetivos que seguem a regra geral	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■

Anexo AE – Gráficos representativos das avaliações de Português.



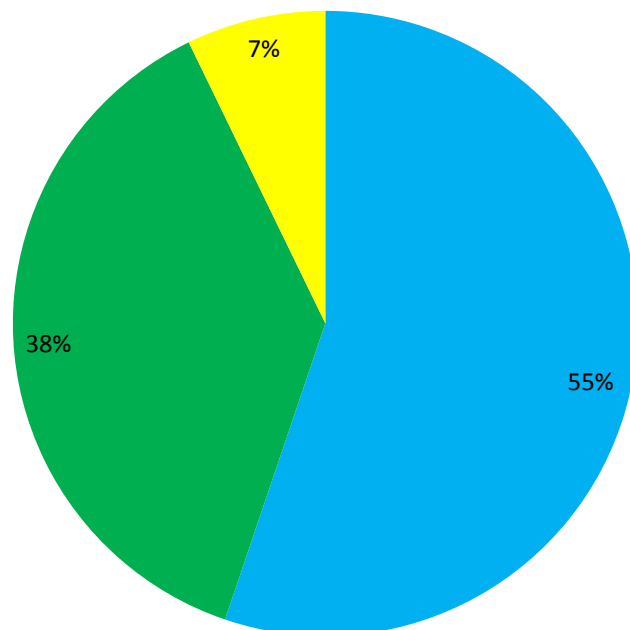
Leitura

■ Sempre/Sim ■ Muitas Vezes/+/- ■ Raramente/-/+ ■ Nunca/Não



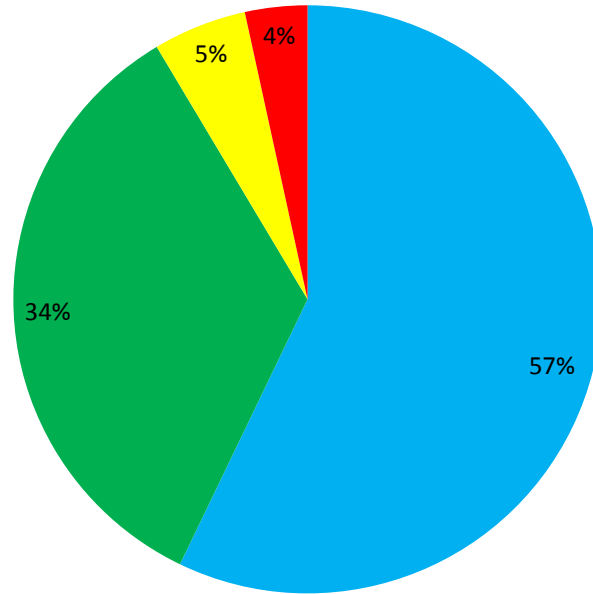
Escrita

■ Sempre/Sim ■ Muitas Vezes/+/- ■ Raramente/-/+



CEL

■ Sempre/Sim ■ Muitas Vezes/+/- ■ Raramente/-/+ ■ Nunca/Não



Anexo AF - Grelha de Avaliação de Matemática.

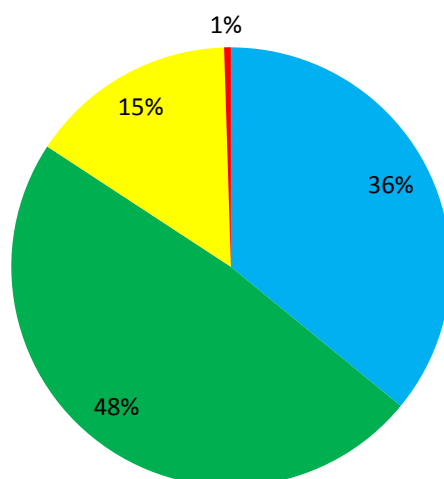
Avaliação das Aprendizagens Matemática	Indicadores	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	
	Alunos																										
Números e Operações																											
Efetua contagens progressivas e regressivas envolvendo números até cem		Verde	Azul	Amarelo	Verde	Azul	Azul	Verde	Azul	Azul	Azul	Amarelo	Verde	Verde	Verde	Verde	Azul	Verde	Verde	Azul	Azul	Azul	Azul	Azul	Azul	Azul	Verde
Lê e representa qualquer número natural até 100, identificando o valor posicional dos algarismos que o compõem		Verde	Azul	Vermelho	Verde	Azul	Azul	Verde	Verde	Azul	Verde	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Verde	Verde	Verde	Azul	Azul	Verde	Azul	Azul	Azul	Verde	Amarelo
Utiliza corretamente os símbolos «<» e «>»		Cinza	Cinza	Cinza	Cinza	Cinza	Cinza	Cinza	Cinza	Cinza	Cinza	Cinza	Cinza	Cinza	Cinza	Cinza	Cinza	Cinza	Cinza	Cinza	Cinza	Cinza	Cinza	Cinza	Cinza	Cinza	Cinza
Adiciona fluentemente dois números		Amarelo	Azul	Vermelho	Amarelo	Azul	Azul	Verde	Verde	Azul	Verde	Vermelho	Vermelho	Amarelo	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Azul	Azul	Verde	Azul	Azul	Azul	Verde	Amarelo
Decompõe um número natural inferior a 100 na soma das dezenas com as unidades		Amarelo	Azul	Vermelho	Amarelo	Azul	Azul	Verde	Verde	Azul	Verde	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Azul	Azul	Verde	Azul	Azul	Azul	Verde	Verde
Resolve problemas de um passo envolvendo situações de juntar ou acrescentar		Verde	Azul	Amarelo	Verde	Azul	Azul	Verde	Verde	Azul	Verde	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Azul	Azul	Verde	Azul	Azul	Azul	Verde	Verde
Relaciona a subtração com a adição		Verde	Azul	Vermelho	Verde	Azul	Azul	Verde	Verde	Azul	Verde	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Azul	Azul	Verde	Azul	Azul	Azul	Verde	Verde

Efetua a subtração de dois números por contagens progressivas ou regressivas	Yellow	Blue	Red	Green	Blue	Blue	Green	Blue	Green	Yellow	Yellow	Yellow	Green	Green	Blue	Green	Green	Blue	Blue	Green	Blue	Blue	Green	Green
Subtrai de um número natural até 100 um dado número de dezenas	Green	Blue	Red	Green	Blue	Blue	Green	Blue	Green	Yellow	Yellow	Green	Green	Green	Green	Green	Blue	Blue	Green	Blue	Blue	Green	Green	Green
Efetua a subtração de dois números naturais até 100	Green	Blue	Red	Green	Blue	Blue	Green	Blue	Green	Yellow	Yellow	Yellow	Green	Yellow	Green	Green	Green	Blue	Blue	Green	Blue	Blue	Green	Green
Resolve problemas de um passo envolvendo situações de retirar, comparar ou completar	Green	Blue	Yellow	Green	Blue	Blue	Green	Blue	Green	Yellow	Yellow	Green	Green	Green	Green	Green	Blue	Blue	Green	Blue	Blue	Blue	Green	Green
Geometria e Medida																								
Identifica pares de segmentos de reta com o mesmo comprimento	Blue	Blue	Green	Blue	Blue	Blue	Blue	Blue	Blue	Green	Green	Green	Blue	Green	Blue	Blue	Blue	Blue	Blue	Blue	Blue	Blue	Blue	Blue
Identifica, em objetos, retângulos e quadrados com dois lados em posição vertical e os outros dois em posição horizontal e reconhece o quadrado como caso particular do retângulo	Green	Blue	Yellow	Yellow	Blue	Blue	Green	Green	Blue	Green	Yellow	Yellow	Yellow	Green	Yellow	Blue	Green	Green	Blue	Blue	Blue	Blue	Blue	Green
Identifica, em objetos e desenhos, triângulos, retângulos, quadrados, circunferências e círculos em posições variadas e utiliza corretamente os termos «lado» e «vértice»	Green	Blue	Yellow	Yellow	Blue	Blue	Green	Green	Blue	Green	Yellow	Yellow	Yellow	Green	Yellow	Blue	Green	Green	Blue	Blue	Blue	Blue	Blue	Green

Anexo AG – Gráficos representativos das avaliações de Matemática.

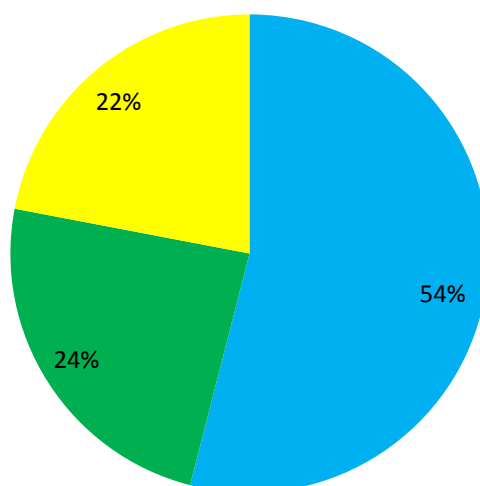
Números e Operações

■ Sempre/Sim ■ Muitas Vezes/+/- ■ Raramente/-/+ ■ Nunca/Não



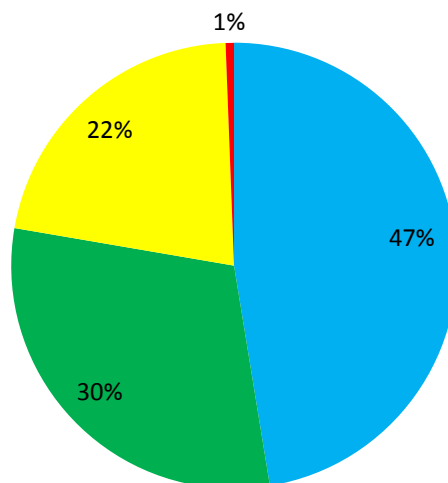
Organização e Tratamento de Dados

■ Sempre/Sim ■ Muitas Vezes/+/- ■ Raramente/-/+



Geometria e Medida

■ Sempre/Sim ■ Muitas Vezes/+/- ■ Raramente/-/+ ■ Nunca/Não

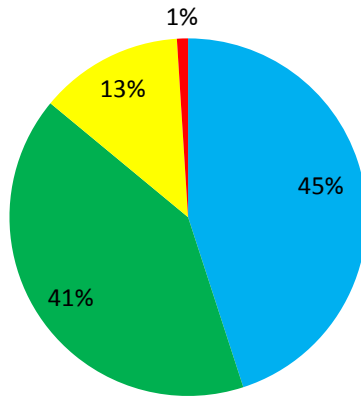


	Ultrapassa as dificuldades diagnosticadas	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■
--	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---

Anexo AJ - Gráficos representativos das avaliações dos Objetivos do PI.

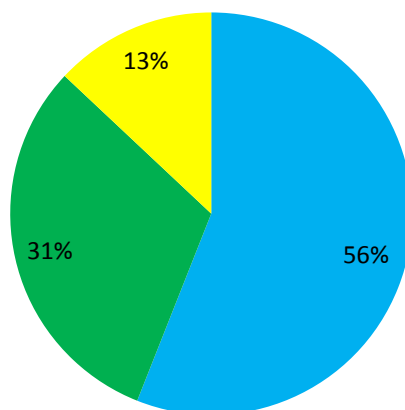
Desenvolver competências de comportamento social na sala de aula.

■ Sempre/Sim ■ Muitas Vezes/+/- ■ Raramente/-/+ ■ Nunca/Não



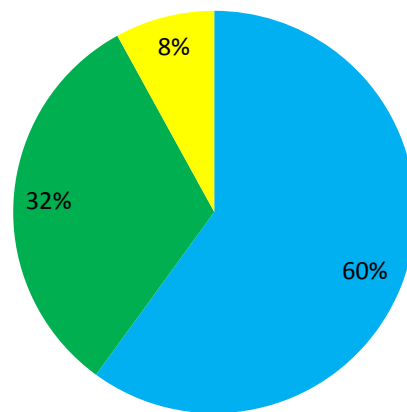
Regras de Sala de Aula

■ Sempre/Sim ■ Muitas Vezes/+/- ■ Raramente/-/+



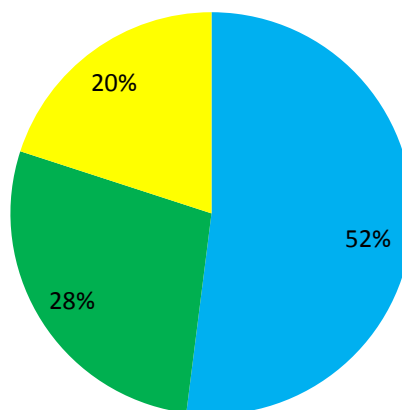
Participação

■ Sempre/Sim ■ Muitas Vezes/+/- ■ Raramente/-/+



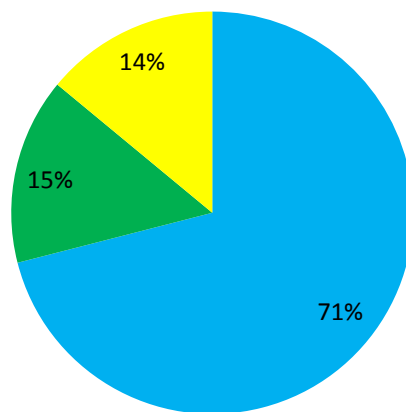
Respeito

■ Sempre/Sim ■ Muitas Vezes/+/- ■ Raramente/-/+



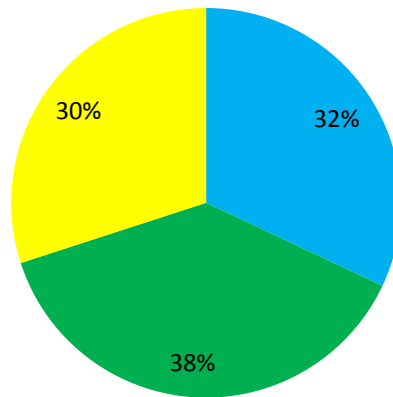
Trabalho Cooperativo

■ Sempre/Sim ■ Muitas Vezes/+/- ■ Raramente/-/+



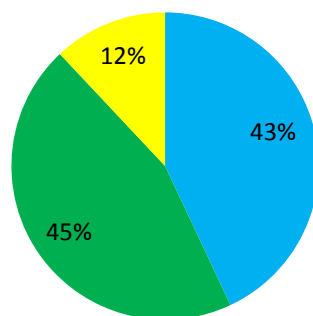
Responsabilidade

■ Sempre/Sim ■ Muitas Vezes/+/- ■ Raramente/-/+



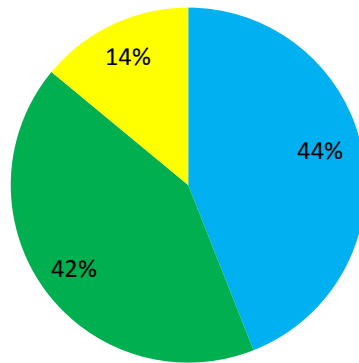
Compreender a importância da preservação dos materiais disponibilizados, em prol de um estilo de vida mais sustentável

■ Sempre/Sim ■ Muitas Vezes/+/- ■ Raramente/-/+



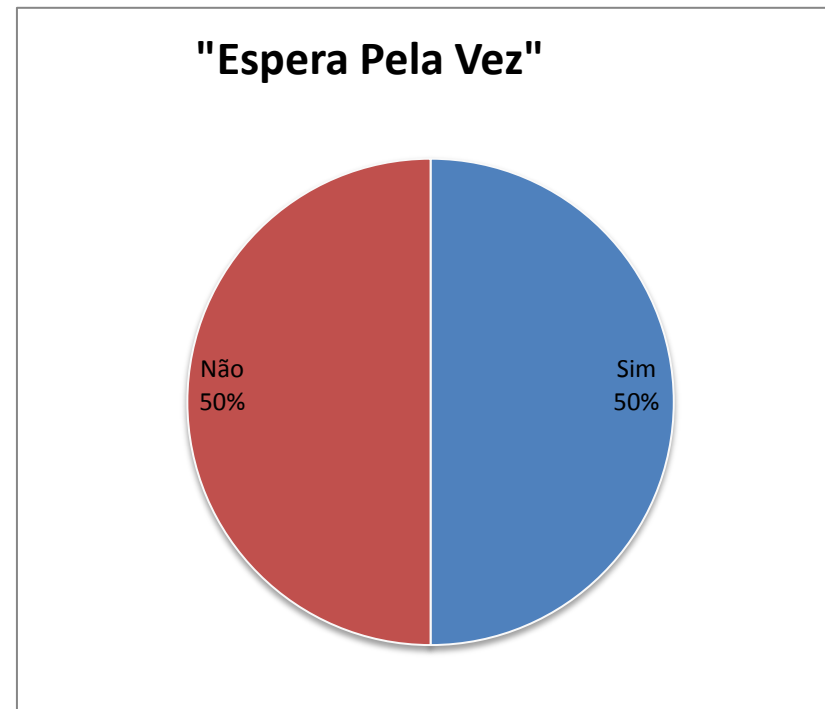
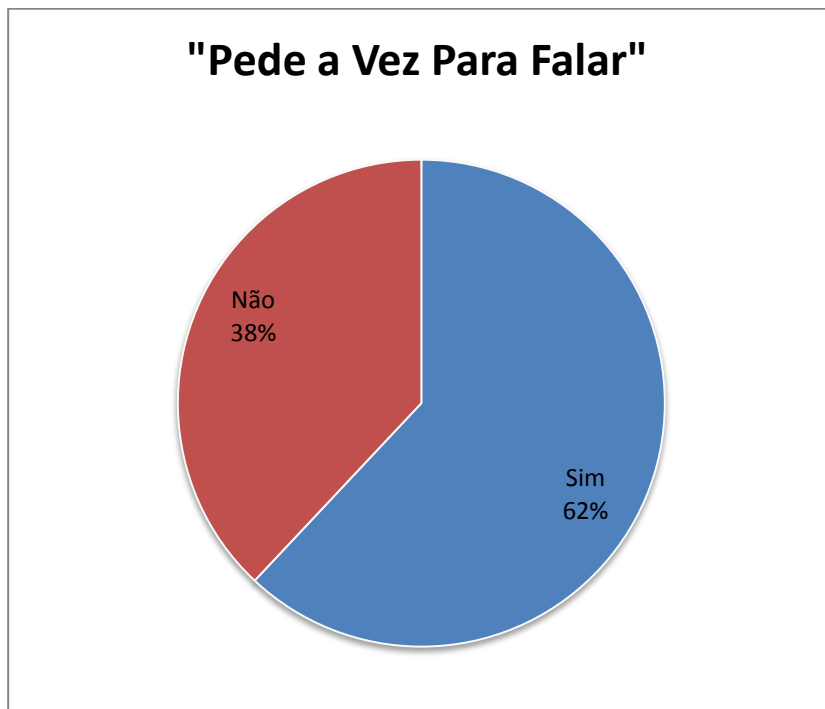
Desenvolver competências de Trabalho Autônomo

■ Sempre/Sim ■ Muitas Vezes/+/- ■ Raramente/-/+

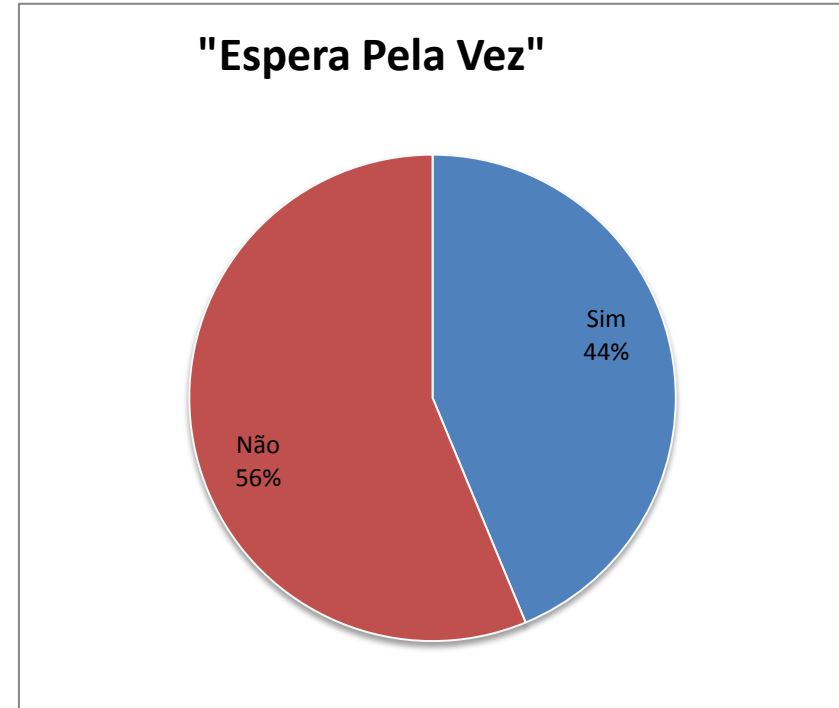


Anexo AK - Gráficos representativos dos comportamentos observados.

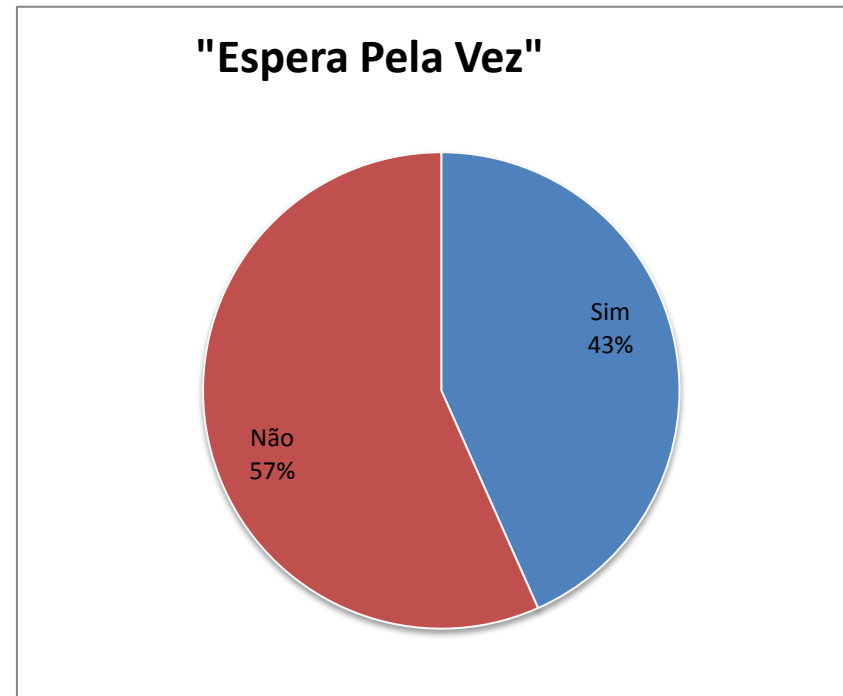
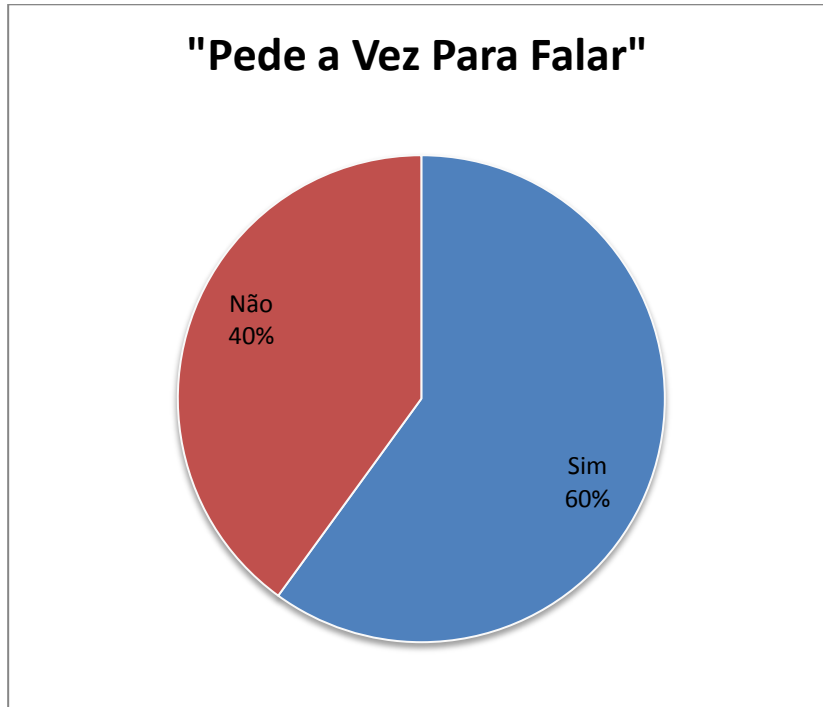
Dia: 26/04/2015



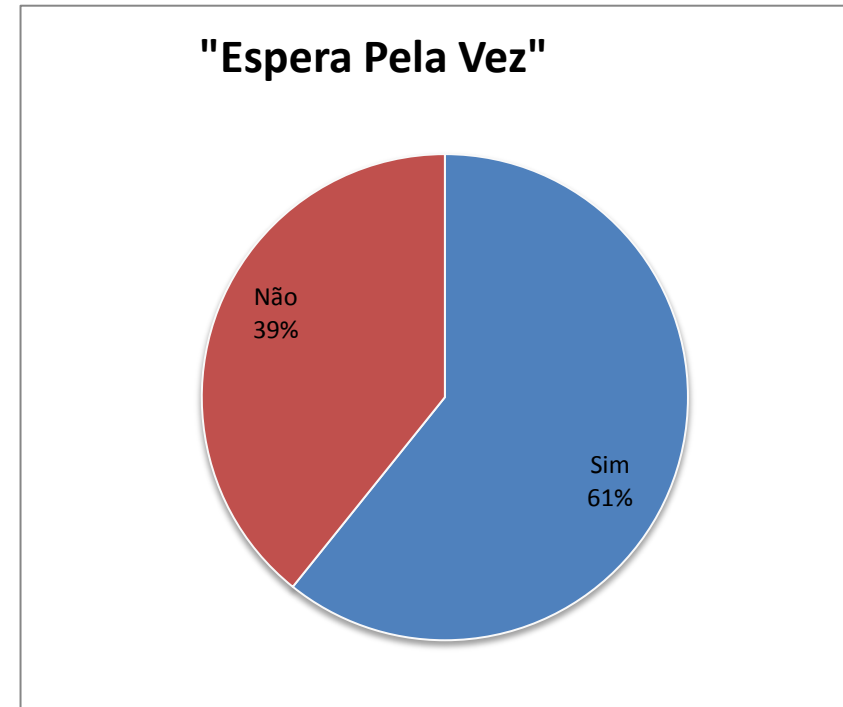
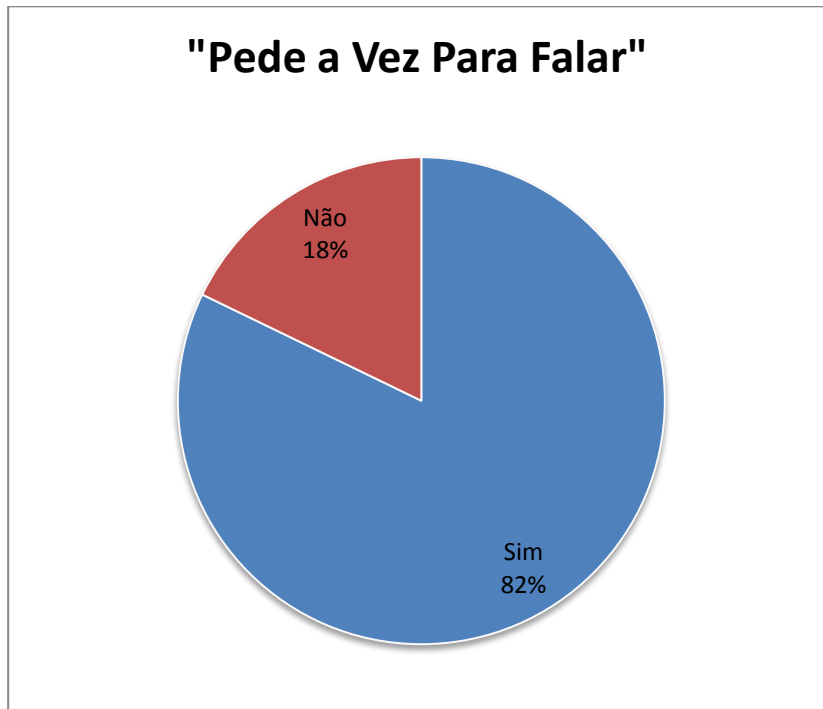
Dia: 04/05/2015



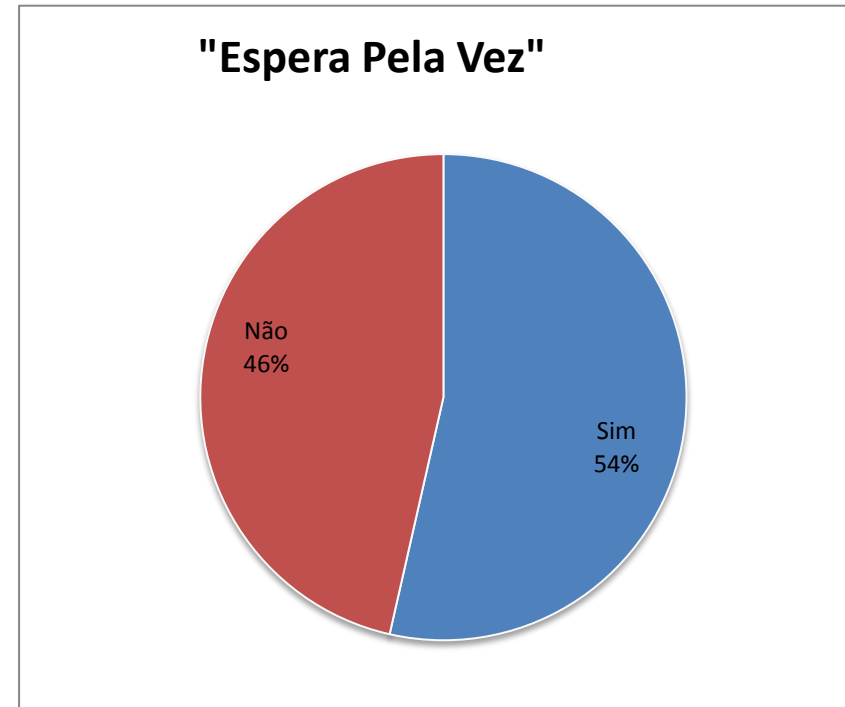
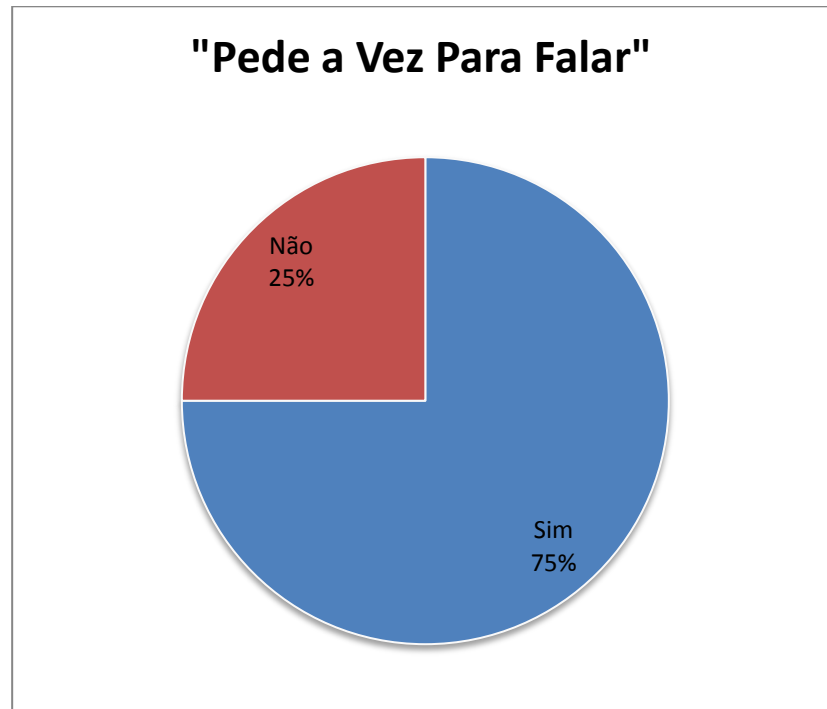
Dia: 05\05\2015



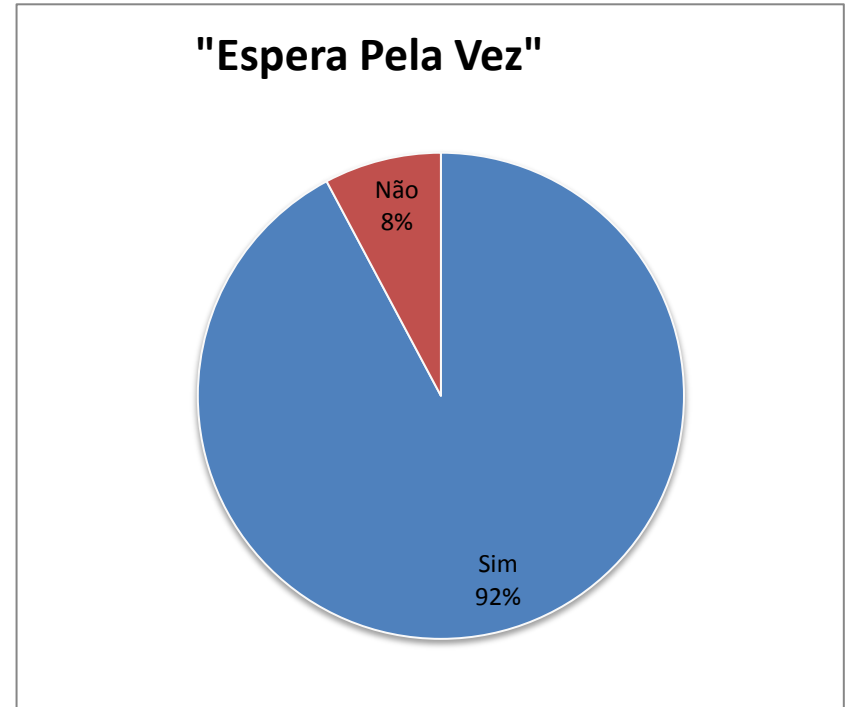
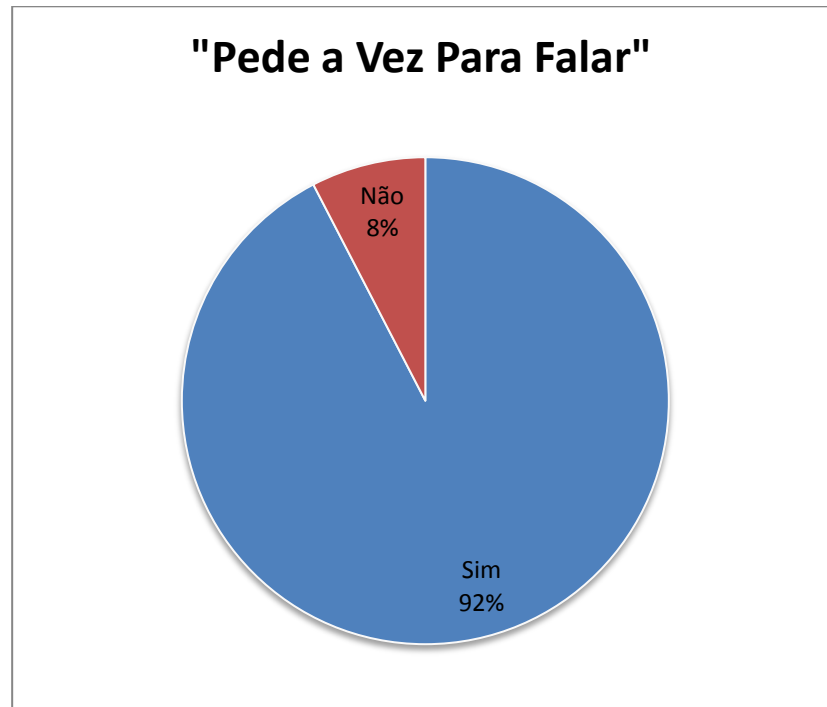
Dia:05\05\2015



Dia:08\05\2015

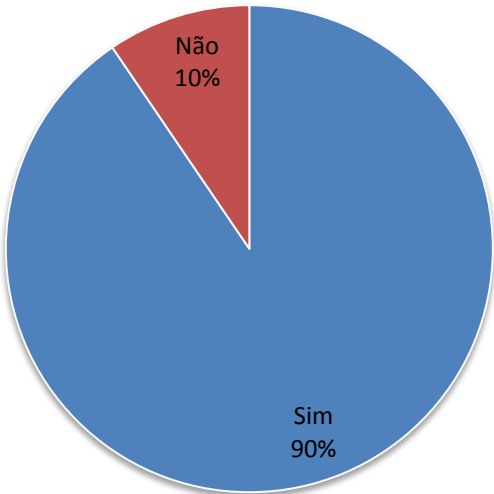


Dia:18\05\2015

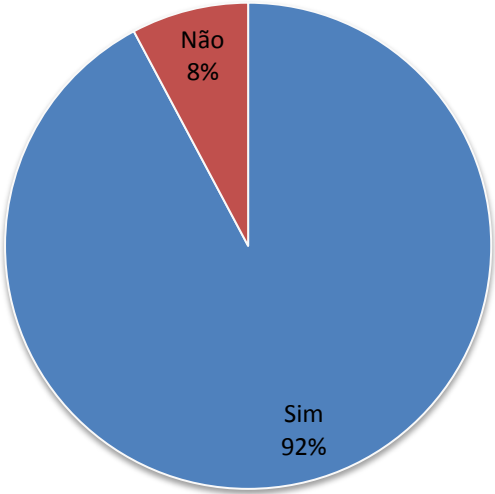


Dia: 19\05\2015

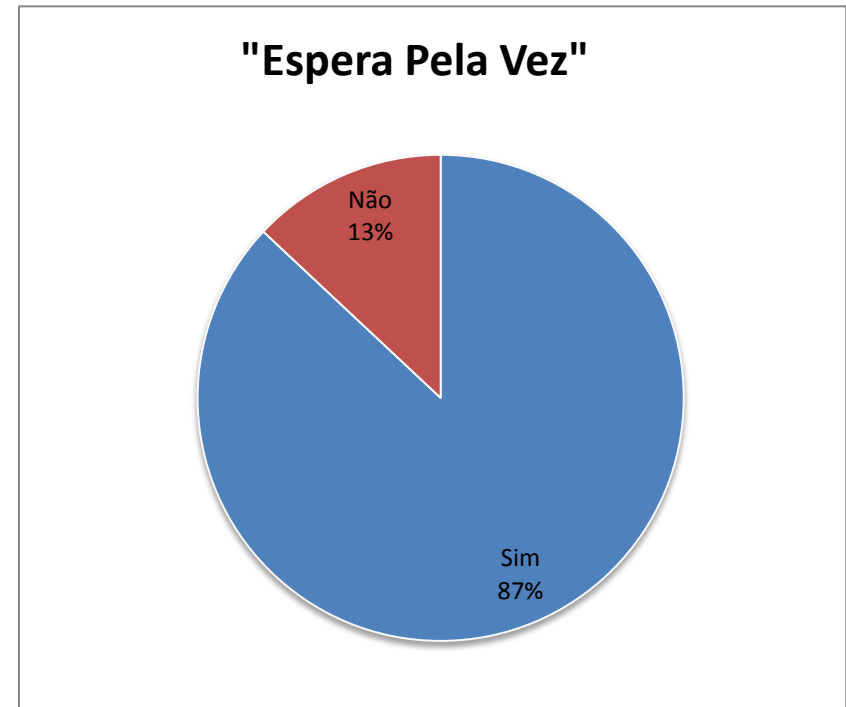
"Pede a Vez Para Falar"



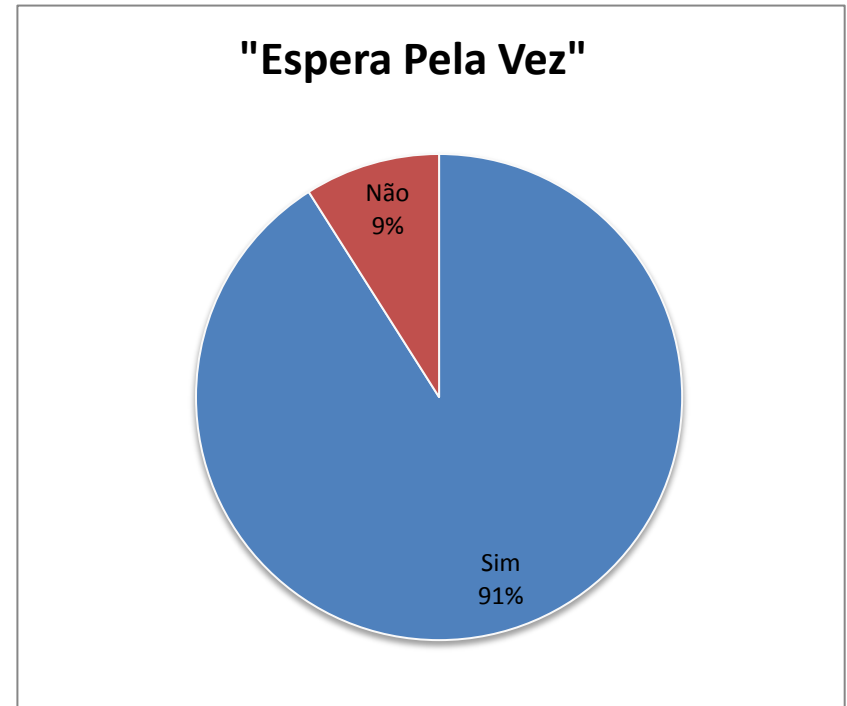
"Espera Pela Vez"



Dia: 20\05\2015



Dia: 21\05\2015



Dia:22\05\2015

